

Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras
Departamento de História



Do texto ao traçado iconográfico: as representações das *Sortes Apostolorum* nos mapas-múndi dos *Beatos* (séculos X-XIII)

Thiago José Borges

MESTRADO EM HISTÓRIA MEDIEVAL

2010

Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras
Departamento de História



Do texto ao traçado iconográfico: as representações das *Sortes Apostolorum* nos mapas-múndi dos *Beatos* (séculos X-XIII)

Thiago José Borges

MESTRADO EM HISTÓRIA MEDIEVAL

**Dissertação orientada pelos Professores Doutores
Armando Alberto Martins e Hermenegildo Fernandes**

*À perfeita harmonia entre
a História e a Geografia:
meus pais*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e compartilhar os créditos desta conquista com todos aqueles que no decorrer desses longos anos de estudo e trabalho estiveram sempre ao meu lado e que contribuíram direta ou indiretamente para minha formação acadêmica, profissional e, sobretudo pessoal. Agradeço em especial a minha família pelo amor incondicional, pelo apoio incansável e por terem vencido a saudade acreditando junto comigo que tudo isto seria possível. A todos meus amigos, muitas vezes verdadeiros irmãos, gostaria de agradecer pelos infinitos momentos da alegria, companheirismo e pelas lágrimas compartilhadas nos momentos de despedida.

Agradeço ainda a meus caros orientadores, os Professores Doutores Armando Alberto Martins e Hermenegildo Fernandes pela atenção e pelos sábios conselhos que direcionaram e iluminaram muitos dos caminhos desta investigação. Agradeço igualmente a minha eterna mentora, a Professora Doutora Maria Eurydice de Barros Ribeiro que tão pacientemente cultivou e amparou esta minha crescente paixão pela cartografia medieval. A todos os demais professores e colegas que me acolheram nesta instituição, deixo aqui meus mais sinceros agradecimentos.

Por fim, apesar da dificuldade de encontrar palavras que façam justiça plena a amizade, a atenção, aos cuidados e esforços sempre dispensados por meus grandes amigos portugueses, gostaria de expressar minha eterna gratidão por tudo que vocês fizeram por mim. Ana, Filipa e João, vocês certamente foram a melhor, mais intensa, divertida e inesquecível parte desta longa jornada, muito obrigado por terem compartilhado este sonho comigo!

*“The fragile art of existence,
is kept alive by sheer persistence”*

Chuck Schuldiner
(*In memoriam*)

RESUMO

“Do texto ao traçado iconográfico: as representações das *Sortes Apostolorum* nos mapas-múndi dos *Beatos* (séculos X-XIII)” encontra-se primordialmente estruturado na análise iconográfica, cartográfica e simbólica de uma tipologia específica de mapas-múndi medievais provenientes das cópias remanescentes do *Comentário ao Apocalipse* do Beato de Liébana. De tradição orósio-isidoriana, as imponentes expressões cartográficas legadas pela tradição dos *Beatos* apresentam uma complexa rede de fontes e referências textuais que convergem em seus traços fundamentando a construção de um mundo plenamente simbólico e atemporal em que elementos bíblicos, históricos e imaginários coexistem em um universo perfeitamente homogêneo.

Portadores e conseqüentemente disseminadores de antigas fórmulas cartográficas, estes manuscritos foram capazes de expor os vivos particularismos de uma tradição única que abrigava em seus traços contrastantes processos de continuidade e ruptura. Oscilando entre tradições seculares e a própria contemporaneidade de seus traços, os mapas-múndi dos *Beatos* nunca deixaram de assimilar a estética, as impressões e os interesses inerentes a seus contextos circundantes. Incorporando desde manifestações da arte visigótica até as sutilezas da arte nórdica, estes manuscritos ostentam uma imensurável riqueza iconográfica e simbólica que remarca a singularidade e a opulência de seus testemunhos frente às demais produções coevas.

Fundamentadas por expressões literárias específicas, estas singulares *imagines mundi* nasceram da intensa necessidade de expressar, para além do texto escrito, a universalidade de uma crença que a partir do trabalho missionário de alguns elegidos se estendeu por todos os cantos da Terra. Portanto, desde suas mais remotas origens até a progressiva desconstrução de seus sentidos primordiais, nossos olhares estarão particularmente voltados para as diferentes formas de representação cartográfica das *Sortes Apostolorum*, buscando ali a mais íntima essência do mundo dos *Beatos*.

Palavras-chave: Cartografia medieval, Imaginário medieval, Beato de Liébana, *Comentário ao Apocalipse*, *Sortes Apostolorum*.

ABSTRACT

“From the text to the iconography layout: the depictions of the Sortes Apostolorum in the Beatus world maps (c. X-XII)” is primarily structured on the iconographic, cartographic and symbolic analysis of a specific typology of medieval *mappaemundi* that emerge from the persisting copies of the *Commentary on the Apocalypse* of Beato of Liébana. Of the orosio-isidorean tradition, the legacy of the imponent cartographic expressions of the Beatus present a complex net of textual sources and references that converge to give the fundamentals for the construction of a fully symbolic and unworldly universe in which coexist biblical, historical and imaginary elements in perfect homogeneity.

Conveyors and, consequently, disseminators of ancient cartographic formula, these manuscripts were able to expose the lively particularisms of a unique tradition that harboured contrasting processes of continuity and rupture. Oscillating between secular traditions and its contemporaneity, the world maps of the Beatus have never forsake to assimilate the aesthetics, the impressions and the interests inherent to their surrounding context. Embodying manifestations of visigothic art and the subtleties of the northern art, these manuscripts display an immeasurable iconographic and symbolic richness that verify the singularity and the opulence of its testimonies, when compared to other contemporary productions.

Substantiated by specific literary expressions, these *imagines mundi* emerged from the intense necessity to express, beyond the written text, the universal belief that has spread throughout the world due to the missionary work of a few chosen. Therefore, from its farther origins to the progressive deconstruction of their primordial senses, our eyes are particularly drawn to the different guises of cartographic representations of the *Sortes Apostolorum*, seeking the core essence of the Beatus universe.

Key words: Medieval cartography, Medieval imaginary, Beato of Liébana, *Commentary on the Apocalypse*, *Sortes Apostolorum*.

SÚMARIO

1. Introdução	
1.1. O Beato e os <i>Beatos</i>	1
1.2. O mundo dos <i>Beatos</i> : o <i>corpus</i> cartográfico das cópias do <i>Comentário ao Apocalipse</i>	6
1.3. Entre a arte e a ciência: uma visão específica sobre o mundo dos <i>Beatos</i> e a cartografia medieval	15
2. Do texto ao traçado iconográfico	21
2.1. As <i>Sortes Apostolorum</i> e sua tradição literária	22
2.2. Os primeiros traçados cartográficos dos <i>Beatos</i>	26
3. As <i>Sortes Apostolorum</i> e suas particularidades representativas	37
3.1. A família I e as reminiscências representativas do arquétipo dos <i>Beatos</i>	37
3.1.1. O mapa-múndi do <i>Beato</i> de Osma	38
3.1.2. O mapa-múndi do <i>Beato</i> de Lorvão	42
3.1.3. O mapa-múndi do <i>Beato</i> de Oña	45
3.1.4. O mapa-múndi do <i>Beato</i> de Navarra	47
3.1.5. Família I: resumo e tabelas	51
3.2. Os meios moçárabes e os novos traçados cartográficos dos <i>Beatos</i> : a família IIa	52
3.2.1. Dos Apóstolos às Terras Apostólicas: uma influência islâmica?	57
3.3. Um caso específico: o mapa-múndi do <i>Beato</i> de Saint-Server	62
3.4. O segundo protótipo cartográfico de Magius: a família IIb	64
3.4.1. As novas formas de representação iconográfica das <i>Sortes Apostolorum</i>	67
4. Conclusões	72
5. Anexos	77
6. Fontes e referências bibliográficas	
6.1. Fontes impressas e edições fac-símiles	79
6.2. Referências bibliográficas	80

SÚMARIO DE ILUSTRAÇÕES

1. <i>Stemma</i> proposto por Peter Klein baseado na tradição pictórica dos <i>Beatos</i>	6
2. <i>Stemma</i> proposto por Gonzalo Menéndez Pidal baseado na tradição cartográfica dos <i>Beatos</i>	14
3. Diagrama dos mapas zonais, tripartidos e quadripartidos	29
4. Mapa Vaticano Latino 6018 reproduzido por Gonzalo Menéndez Pidal	31
5. Detalhamento da quarta parte do mundo no mapa-múndi do <i>Beato</i> de Saint-Server	31
6. Detalhamento da quarta parte do mundo no mapa-múndi do <i>Beato</i> de Oña	32
7. Tábuas Genealógicas de Cristo do <i>Beato</i> de Girona	33
8. Detalhamento do pequeno mapa-múndi T/O das Tábuas Genealógicas de Cristo do <i>Beato</i> de Tábara	34
9. Tábuas Genealógicas de Cristo do <i>Beato</i> de Facundus	35
10. Mapa-múndi do <i>Beato</i> de Osma	39
11. Detalhamento do continente europeu no mapa-múndi do <i>Beato</i> de Osma	40
12. Parte remanescente do mapa-múndi do <i>Beato</i> de Lorvão	43
13. Mapa-múndi do <i>Beato</i> de Oña	46
14. Detalhamento da roda dentada de Astorga no mapa-múndi do <i>Beato</i> de Navarra	48
15. Mapa-múndi do <i>Beato</i> de Navarra	50
16. Mapa-múndi do <i>Beato</i> de Morgan, protótipo cartográfico da família de Escalada (IIa)..	55
17. Detalhamento da cidade de Jerusalém junto aos limites do Jardim do Éden nos mapa-múndi dos <i>Beatos</i> de Valladolid e Facundus	57
18. Mapa-múndi de al-Istakhri II da primeira metade do século X (c. 934).....	60

19. Mapa-múndi do <i>Beato</i> de Saint-Server	63
20. <i>Stemma</i> da família II proposto por John Williams	66
21. Representação dos doze Apóstolos nos <i>Beatos</i> de Rylands e Las Huelgas	68
22. Representação dos doze Apóstolos no <i>Beato</i> de Girona	69
23. Mapa-múndi do <i>Beato</i> de Girona	70

1. Introdução

1.1. O Beato e os *Beatos*

Para a historiografia o termo *Beatos* adquire um sentido particularmente interessante por designar uma tipologia específica de manuscritos ricamente iluminados produzidos na Península Ibérica e em algumas zonas de influência hispânica entre os séculos IX e XIII¹. Descendentes de um arquétipo primitivo datado de finais do século VIII, as cerca de trinta cópias manuscritas do *Comentário ao Apocalipse* do Beato de Liébana que se conservam integral ou parcialmente até os nossos dias são o vivo testemunho de uma das mais importantes e lineares tradições artístico-literárias legadas pelo Ocidente medieval². Detentores de uma inestimável fortuna histórica, seus portentosos códices iluminados³ transcenderam as mentalidades de seus observadores coevos e séculos após a sua criação despertaram a atenção e o interesse de olhares plenamente exógenos às suas próprias realidades.

As origens mais remotas desta singular tradição encontram-se assentadas em meio aos tortuosos limites que recortam o extremo Norte da Península Ibérica, no cerne do nascente reino das Astúrias. Sacralizada pela resistência e pela fé de seu povo, a região foi berço de importantes centros monásticos que abrigavam em suas muralhas um dos últimos refúgios da cultura hispano-visigótica frente a uma península que rapidamente se viu recoberta pelo véu

* Por razões de ordem técnica as normas de citação adotadas pelo presente estudo seguirão os parâmetros estabelecidos pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

** O presente estudo terá como principal suporte textual a edição bilíngüe das obras do Beato de Liébana recentemente preparada por Juan G. Echegaray, Alberto del Campo Hernandez e Leslie J. Freeman: *Beato de Liébana: obras completas y complementarias*, 2 vols. Madrid: B.A.C., 2004. Neste sentido, destacamos inicialmente que ao citarmos algum excerto do *Comentário ao Apocalipse* utilizaremos a expressão *Beatos* seguida da indicação do prefácio, prólogo ou livro e, do capítulo e linhas correspondentes à dita edição.

¹ A amplitude geográfica alcançada pelas cópias remanescentes do *Comentário ao Apocalipse* encontra-se fundamentalmente vinculada ao Norte da Península Ibérica, entretanto, em alguns raros casos, como o do *Beato* de Saint-Server, verifica-se que esta tradição transcende os limites Peninsulares e atinge regiões transpirenáticas. Cf. anexo 1.

² O número de testemunhos remanescentes e considerados pelos diferentes autores é extremamente variável. Esta oscilação quantitativa deve-se fundamentalmente à existência de breves fragmentos ou ainda de alguns manuscritos que apesar de expressarem os modelos pictóricos próprios dos *Beatos* não seguem estritamente sua tradição codicológica. Portanto, não raras vezes encontraremos referências numéricas divergentes desta apresentada.

³ Dentre do universo documental anteriormente mencionado, vinte e seis são códices ilustrados que se conservam mais ou menos completos, quatro dos quais não apresentam ilustrações à exceção das iniciais do texto. Destacamos ainda a existência diferentes relatos de autores modernos dos séculos XVI e XVII que evidenciam a presença de pelo menos quatro outros *Beatos* (Oviedo, Santander, Escorial e Pamplona) em bibliotecas e arquivos peninsulares que aparentemente não se conservaram até a presente data. A este respeito, cf. Anscari Mundó, “Sobre los códices de *Beato*”. In: *Actas del Simposio para el estudio de los códices del 'Comentario al Apocalipsis' de Beato de Liébana*, vol. 1. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1978, pp. 109-116.

do islamismo. Dentre estes, destaca-se o mosteiro beneditino de San Martín de Turieno⁴, local onde teria sido escrito e iluminado uma das mais importantes obras exegéticas alto-medievais: o *Comentário ao Apocalipse* do Beato de Liébana. Concebidas a partir de visões específicas dos textos proféticos do apóstolo João, as singulares fórmulas artístico-literárias incorporadas a esta monumental produção alcançaram ampla repercussão entre os meios letrados e monásticos Peninsulares, sendo exaustivamente copiadas pelo menos até a primeira metade do século XIII.

Entretanto, em nítido contraste com a expressiva importância histórica desta obra, poucas são as certezas que atualmente circundam os elementos primordiais de sua criação. Efetivamente, muito pouco restou da memória de seu provável autor, um monge conhecido simplesmente pelo nome de Beato, homem de grande erudição, dedicado à vida ascética e de biografia profundamente obscurecida pela imponente escassez documental. Parte considerável daquilo que sabemos a seu respeito é resultado de frágeis deduções ou de meras especulações extraídas de fontes e referências lacunares, em sua maioria obras atribuídas ao próprio Beato. Os primeiros escritos biográficos dedicados a este monge libaniego foram apresentados por Juan Tamayo de Salazar em seu *Martyrologium hispanum*, um estudo de meados do século XVII que infelizmente carece de valor historiográfico⁵.

Entre a documentação remanescente não se encontra qualquer indício plenamente seguro acerca do ano ou mesmo do local de seu nascimento, fator que sempre pôs em cheque a verossimilhança de muitas das acepções apresentadas a este respeito. Ainda assim, estima-se que o Beato tenha nascido na década de 730⁶ sob a égide régia de Alfonso I das Astúrias e, ainda que as fontes antigas sejam unânimes em considerar seu enquadramento geográfico na comarca de Liébana⁷, local que possivelmente permaneceu até os últimos dias de sua vida, desconhecemos definitivamente suas verdadeiras origens⁸. Quanto a sua morte, evento que

⁴ Mosteiro que a partir do século XII assumiria o nome de seu fundador, o bispo Toríbio de Astorga, sendo então chamado de mosteiro de Santo Toríbio de Liébana. Cf. anexo 2.

⁵ Juan Tamayo de Salazar, *Martyrologium Hispanum, Anamnesis sive commemoratio omnium sanctorum hispanorum*. Lyon, (1651-1659), I, 2, pp. 184-186. Reprodução em Migne, *Patrologia Latina*, 46, cols. 890-894.

⁶ A datação apresentada, recorrente em diversas publicações a este respeito, é meramente especulativa e encontra-se esmerada na simples observância dos períodos de produção de seu *Comentário ao Apocalipse* (776-786) e de seu tratado apologético *Adversus Elipandum* (785). Cf. Alberto del Campo Hernández, “Ambientación histórica”. In: Juan G. Echegaray; Alberto del Campo Hernandez e Leslie J. Freeman (ed.), *Beato de Liébana: obras completas y complementarias*. Madrid, B.A.C., 2004, p. XIV.

⁷ Elipando, metropolitano de Toledo, em resposta as ácidas acusações proferidas pelo Beato e seu discípulo Etério, bispo de Osma, escreve: “*pues jamás se oyó decir que las gentes de Liébana dieran lecciones a los Toledanos*”. Apud. Jacques Fontaine, *El Mozárabe*. Madrid: Encuentro, 1984, p. 27.

⁸ Claudio Sánchez Albornoz advoga a hipótese de que o Beato tenha nascido nas regiões mais a Sul da Península e, ainda criança, teria imigrado para o Norte montanhoso em meio às intensas massas populacionais que se deslocavam de seus locais de origem em decorrência da violenta ocupação militar empreendida pelos muçulmanos em princípios do século VII. Cf. C. Sánchez Albornoz, “El Asturorum regnum em los días de Beato

suscita equivalente insegurança, acredita-se que o Beato tenha vivido até finais do século VIII ou mesmo até princípios do século IX, convicção que é particularmente reforçada pela existência de uma carta destinada a Alcuíno de York escrita pelo Beato de Liébana no ano de 799.

Pelas fontes antigas, temos notícia de que em vida teria sido presbítero⁹ e possivelmente abade¹⁰ do dito mosteiro de San Martín de Turieno. Santificado pela fé de seu povo¹¹, o Beato de Liébana foi um dos personagens centrais de uma extensa disputa teológica que confrontou dois extremos da Igreja hispânica durante o último quartel do século VIII. Ferrenho defensor da ortodoxia, este monge libaniego opôs-se veementemente as proposições advogadas por Elipando, metropolitano de Toledo, e Félix, bispo de Urgell. Dos intensos embates teológicos travados durante a chamada “controvérsia adopcionista”¹², nasceu o tratado *Apologeticum adversus Elipandum*¹³, obra escrita pelo Beato de Liébana em 785 em co-autoria com seu discípulo Etério, então bispo de Osma.

Situado entre a espada islâmica e a parede carolíngia, as disposições exaltadas pela doutrina adopcionista reuniam certas condições que as faziam mais aceitáveis aos dominadores islâmicos¹⁴. Com nítidas evocações político-profanas, este *error hispanicus* teorizado por Félix de Urgell chegou a comprometer a unidade religiosa no Ocidente sendo duramente reprimido e condenado pelos concílios de Regensburg (792), Frankfurt (794) e Aachen (799)¹⁵ que consideraram como heréticas as convicções exaltadas por Elipando: “*impia et nefanda haeresis Elipandi Toletanae sedis episcopi*”¹⁶.

A seu discípulo Etério, um jovem de origem nobre que conferia aos escritos de um simples monge o respaldo e a autoridade de um alto sacerdote, o Beato de Liébana dedicou

de Liébana”. In: *Actas del Simposio para el estudio de los códices del ‘Comentario al Apocalipsis’ de Beato de Liébana*, vol. 1. Madrid: Joyas bibliograficas, 1978, pp. 19-31.

⁹ O cronista Álvaro de Córdoba faz recorrente uso do epíteto *libanensis presbyter* para referir-se ao Beato de Liébana. *Apud.* Alberto del Campo Hernández, *op. cit.*, p. XV.

¹⁰ “*Quod uero quemdam Beatum abbatem, et discipulum eius Hitherium Episcopum, dicitis, huic uestrae sectae primum contrarie*”. Alcuíno, *Adversus Felicem* 1, 8. *Apud.* Eugenio Romero Pose, “Los comentarios al *Apocalipsis* de Beato”. In: *Estudios del Beato de Burgo de Osma*. Valencia: Vicent García Ed., 1992, p. 60.

¹¹ Em 19 de Fevereiro celebra-se em Liébana o dia em homenagem a São Beato.

¹² A respeito do adopcionismo cf. Juan F. Recio, *El Adopcionismo en España (siglo VIII): historia y doctrina*. Toledo: Estudio Teológico de San Ildefonso, Seminario Conciliar, 1980. Marcelino Menéndez y Pelayo, *Historia de los heterodoxos españoles*. Edição preparada por Enrique Sánchez Reyes, 8 vols. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1963.

¹³ Cf. “Apologético”. In: Juan G. Echegaray; Alberto del Campo Hernandez e Leslie J. Freeman (ed.), *op. cit.*, p. 657 *et seq.*

¹⁴ Jacques Fontaine, *op. cit.*, p. 26.

¹⁵ John Williams, *The illustrated Beatus: A Corpus of Illustrations of the Commentary on the Apocalypse*, 5 vols. London: Harvey Miller Publishers, 1994-2003, I, p. 14.

¹⁶ *Concilii Francofordiensis Epistola synodica, ad praesules Hispaniae missa*. Migne, *Patrologia Latina*, 101, 1331-1346. *Apud.*, Alberto del Campo Hernández, *op. cit.*, p. XXI.

sua mais importante obra, o *Comentário ao Apocalipse*¹⁷: “*haec ergo sancte pater Etheri te petente ob aedificationem studii fratrum tibi dicavi, ut quo consorte perfruor religionis, coheredem faciam et mei laboris*”¹⁸. Iniciada em 776, a conclusão deste *Comentário ao Apocalipse* deu-se justamente no momento em que a disputa adopcianista atingia seu ápice, assimilando, portanto, muitas das reminiscências da incessante luta do Beato contra a heterodoxia toledana. Nas palavras de Henry Sanders, “*nothing is more natural than that Bishop Etherius should have asked for a copy of the great work at that time. That would account for the insertion of a dedication neglected, or at least not present, in the two earlier editions*” [776 e 784]¹⁹.

Por outro lado, a predileção deste monge libaniego pelas enigmáticas descrições do texto apocalíptico pode ser compreendida segundo seus próprios contextos circundantes. Em tempos de crises e incertezas, em que a Cristandade se via confrontada e subjugada às imposições e as perseguições dos inimigos da fé, os cristãos voltavam seus olhares a uma realidade transcendental e meta-histórica buscando nas perspectivas escatológicas exaltadas pelo livro do *Apocalipse* um alento espiritual para superar as dificuldades do tempo presente. Segundo Gonzalo Menéndez Pidal, “*en todas las grandes crisis de la Historia, el Apocalipsis ha servido de base a una filosofía de la Historia en la que por una parte se identificaba con el Anticristo al enemigo execrado y por otra se tomaba la profecía de San Juan como evangelio del Cristo Triunfante*”²⁰.

Concebida e aperfeiçoada entre os anos de 776 e 786, a obra exegética do Beato de Liébana recebeu três edições textuais sensivelmente diferenciadas produzidas nos anos de 776, 784, 786²¹. Estas cifras foram estimadas a partir da observância das diferentes datas referentes à *Era praesens* assinaladas na breve história do mundo apresentada pela *explanatio* da quinta *storia* do livro quarto do *Comentário ao Apocalipse*²². Com nítidas evocações milenaristas, a computação das idades da humanidade exaltava a proximidade do fim dos

¹⁷ *In Apocalypsin B. Ioannis Apostoli Commentaria (operis nuncupatio ad Etherium)*. Dedicatória que encontra-se expressa unicamente nos códices copiados a partir das formas textuais legadas pela terceira edição do *Comentário ao Apocalipse* (786).

¹⁸ *Beatos*, Prefácio, 1, 22-24.

¹⁹ Henry Sanders, “*Beati in Apocalypsin libri duodecim*”. In: *Codex Gerundensis*. Madrid: Edilan, 1975, p. XVIII. Texto latino originalmente publicado por Sanders em 1930 pela Papers and monographs of the American Academy in Rome.

²⁰ Gonzalo Menéndez Pidal, “*Mozárabes y asturianos en la cultura de la Alta Edad Media (en relación especial con la Historia de los conocimientos geográficos)*”. In: *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 134 (1954), p. 151.

²¹ Henry Sanders, *op. cit.*, p. XV-XVIII.

²² *Beatos*, IV, 5, 1 et seq.

tempos com o fim da sexta idade, a decorrer, segundo este, no ano 838 da Era hispânica, isto é, ano 800 de nossa Era²³: “*finibit quoque sexta aetas in era DCCCXXXVIII*”²⁴.

Tendo em vista estas e outras constatações, Henry Sanders, um dos pioneiros no estudo sistemático das cópias remanescentes do *Comentário ao Apocalipse*, estabelece a existência de três classes específicas que segundo ele podem ser assinaladas pelas seguintes adições ou subtrações textuais:

*“The third class does not contain the chapter ‘De Antichristo’, mostly borrowed from Augustine, de civ. Dei, 20, 19. The first class has this chapter inserted as chapter 7 of Book VI according to my numbering. The second class adds the chapter both in Book VI and at the end of the Prologue to Book II”*²⁵.

A observância destes contrastes tornou possível a elaboração de pequenos organogramas estruturais (*stemma*) que apresentam de forma esquemática as origens e as prováveis ligações estabelecidas entre as diferentes cópias do *Comentário ao Apocalipse*²⁶. Desta forma, os códices remanescentes do *Comentário ao Apocalipse* passaram a ser sistematizados em três grupos específicos (famílias I, IIa e IIb) cada qual consoante com os modelos e especificidades textuais e iconográficas apresentadas por cada uma das edições. Segundo Peter Klein, fora justamente a progressiva incorporação de novas expressões textuais e, sobretudo iconográficas foi que tornaram possível a distinção entre edições ou versões mais antigas ou mais recentes²⁷.

²³ A este respeito, cf. J. Gil, “Los terrores del año 800”. In: *Actas del Simposio para el estudio de los códices del ‘Comentário al Apocalipsis’ de Beato de Liébana*, vol. 1. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1978, pp. 215-247.

²⁴ A partir das idades da Terra apresentadas por esta breve história do mundo, contabilidade apropriada da obra de São Jerônimo, cada uma das três edições existentes do *Comentário ao Apocalipse* apresenta um número distinto para assinalar os anos que faltam da ‘presente era’ até o fim da sexta idade: 24 anos na primeira edição (776), 16 anos na segunda (784) e finalmente 14 anos na terceira (786). Desta ordem cronológica desviam-se ainda alguns manuscritos da segunda edição do *Comentário ao Apocalipse* que assinalam os anos de 785 (Navarra), 790 (Corsini), 791 (Osma) e 796 (Lorvão). Cf. Peter K. Klein, *La tradición pictórica de los Beatos*. In: *Actas del Simposio para el estudio de los códices del ‘Comentário al Apocalipsis’ de Beato de Liébana*, vol. 2. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1980, p. 87.

²⁵ Henry Sanders, *op. cit.*, p. XV.

²⁶ Cf. figuras 1 e 20 e anexos 3 e 4.

²⁷ Peter K. Klein, *op. cit.*, p. 90.

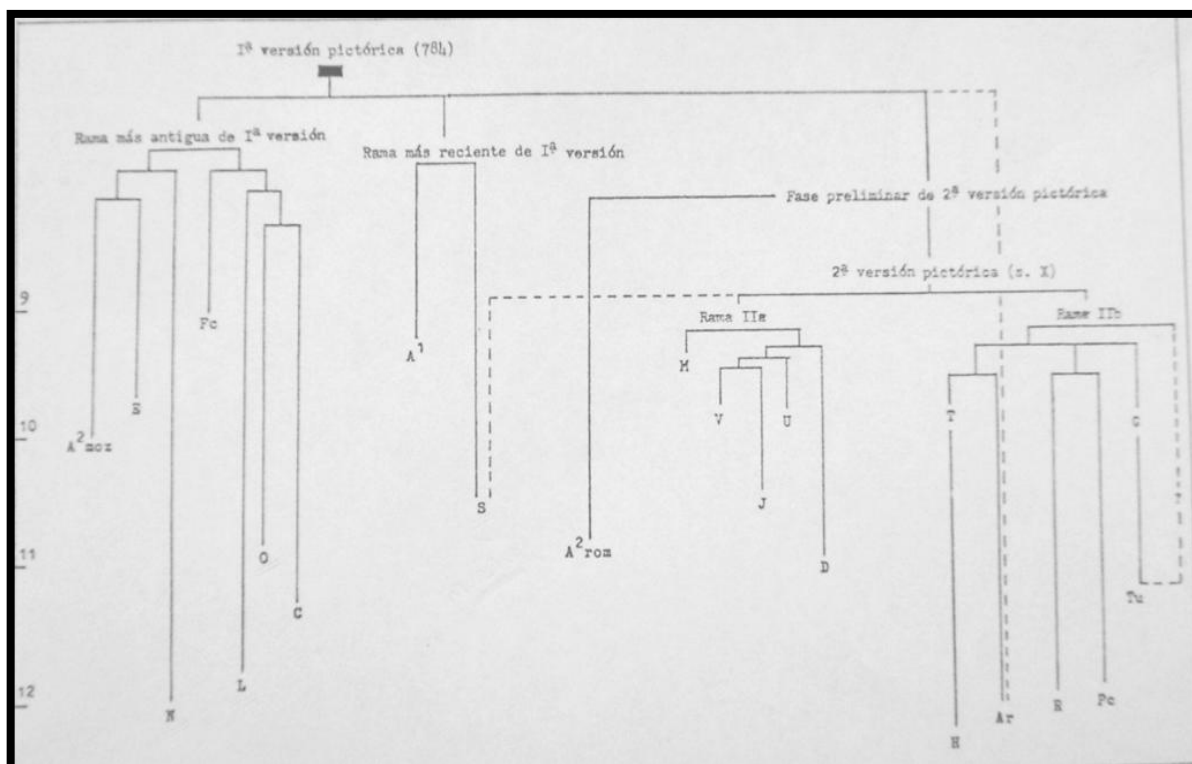


Figura 1 – Stemma proposto por Peter Klein baseado na tradição pictórica dos Beatos.
Adaptada de Peter Klein, *La tradición pictórica de los Beatos*, p. 96.

1.2. O mundo dos *Beatos*: o *corpus* cartográfico das cópias do *Comentário ao Apocalipse*

Dentre as cópias do *Comentário ao Apocalipse* que se conservaram integral ou parcialmente até os nossos dias extrai-se um singular *corpus* cartográfico constituído por quatorze mapas-múndi. De tradição orósio-isidoriana²⁸, as imponentes expressões cartográficas legadas pela tradição dos *Beatos* apresentam uma complexa rede de fontes e referências textuais que convergem em seus traços fundamentando a construção de uma visão específica de mundo. Muitas das vezes traçados em um mundo restrito pela clausura de seus mosteiros, estas originais fórmulas iconográficas foram capazes de expor aos olhos de todos a universalidade de uma crença que rapidamente se estendera a todos os cantos da Terra²⁹. Com

²⁸ Tradição que encontra sua mais remota origem nos sete livros da *Historia adversus Paganos* de Paulo Orósio. Escritas em princípios do século V, as proposições cosmográficas advogadas por Orósio foram, em partes, assimiladas e reafirmadas pelas *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha em meados do século VII. Cf. Paulus Orosius, *Adversus Paganos Historiarum libri septem*, 3 vols. Marie-Pierre Arnaud Lindet (ed.). Paris: Les Belles Lettres, 1991.

²⁹ “*Catholica, universalis, APO TOU KATH OLON, id est secundum totum. Non enim sicut conventicula haereticorum in aliquibus regionum partibus coartatur, sed per totum terrarum orbem dilatata diffunditur. Quod etiam Apostolus adprobat ad Romanos dicens (1,8): 'Gratias ago Deo meo pro omnibus vobis, quia fides vestra*

um olhar voltado para uma realidade plenamente espiritual, estes mapas-múndi assumem o duplo papel de descrição legítima e legitimadora de uma peculiar imagem do mundo, pois foram construídos com o amparo em autoridades clássicas e eclesiásticas, e com a função de reafirmar os eixos principais desta imagem³⁰.

Portadores e conseqüentemente disseminadores de antigas fórmulas cartográficas, estes manuscritos foram capazes de expor os vivos particularismos de uma tradição única que abrigava em seus traços contrastantes processos de continuidade e ruptura. Oscilando entre tradições seculares e a própria contemporaneidade de seus traços, os mapas-múndi dos *Beatos* nunca deixaram de assimilar a estética, as impressões e os interesses inerentes a seus contextos circundantes. Incorporando desde manifestações da arte visigótica até as sutilezas da arte nórdica³¹, estes manuscritos ostentam uma imensurável riqueza iconográfica e simbólica que remarcam a singularidade e a opulência de seus testemunhos frente às demais produções coevas. Neste sentido, John Williams acredita que:

*“it is more reasonable to think of the map as a kind of chronicle or cartographical bulletin board, which not only attracted information inherited from the exemplar serving as its immediate model but was also open to additions and subtractions inspired by local interest on the part of the map’s maker or patron”*³².

Por outro lado, compreende-se igualmente que este contínuo movimento de assimilação e rejeição tenha sido igualmente responsável pelo estabelecimento, no seio de uma mesma tradição cartográfica, de identidades e representações extremamente específicas. Engendrados por iluminadores com diferentes intenções e estratégias, o mundo dos *Beatos* foi um espaço constantemente nutrido por fontes e referências textuais que fundamentaram, deram forma e, sobretudo legitimaram os traçados de um mundo simbólico e atemporal, em que elementos bíblicos, históricos e imaginários coexistem em um universo perfeitamente homogêneo, conferindo a estas singulares expressões da arte medieval um imponente sentido meta-histórico. Não restam dúvidas, portanto, de que as significativas adições e subtrações verificadas em cada um destes mapas remarcam as sutis particularidades de suas representações, reforçando a vivacidade de um discurso próprio que vai além da própria

adnuntiatur in universo mundo. Hinc et universitas ab uno cognominata est, propter quod in unitatem colligitur”. *Beatos*, Prólogo II, 1, 4-10.

³⁰ Paulo R. S. de Deus, *A Forma do Mundo: O Programa Iconográfico do mapa-múndi de Hereford (Século XIII)*. Tese Doutorado, Instituto de Humanidades da Universidade de Brasília, 2005, p.13.

³¹ Anne de Egry, *Um estudo de “O Apocalipse do Lorrão” e a sua relação com as ilustrações medievais do Apocalipse*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972, p. 24.

³² John Williams, “Isidore, Orosius and the *Beatus* Maps”. In: *Imago Mundi: The international journal for the History of cartography*, vol. 49, tomo 1, (1997), p. 18.

tradição que os fundamenta. Estas constatações podem ser igualmente corroboradas a partir dos resultados obtidos pela análise toponímica empreendida por Hermenegildo García-Aráez que revelou que 10,6% da toponímia recolhida pelo *corpus* cartográfico dos *Beatos* já era conhecida e utilizada durante os séculos X-XIII³³. Ainda que proporcionalmente este número seja aparentemente reduzido, é imprescindível nos aproximarmos destas representações para compreendermos, além das frias análises estatísticas, a importância e o verdadeiro sentido destes traços em seus contextos específicos.

Sob tais perspectivas parece-nos claro de que a representação da cidade de Todelo, libertada do domínio mulçumano em 1085 e assinalada com certo destaque no mapa-múndi do *Beato* de Osma de 1086, assume um significado que evidentemente transcende a simples dimensão geográfica de seus domínios. Constatações semelhantes podem ser igualmente extraídas da representação fachada da *Ecclesia Sci. Severi*, situada no seio de uma desproporcional Galícia no mapa-múndi de Saint-Server ou ainda a representação da roda dentada que remarca parte expressiva da paisagem típica da região de Astorga no mapa do *Beato* de Navarra. Em todos os casos descritos, o que se evidencia é a clara intenção de edificar um discurso personalista, capaz de criar e propagar seus próprios signos identitários.

A observância destes elementos é particularmente interessante para remarcarmos o caráter singular destes mapas que, enquanto iluminuras inseridas em uma lógica pictórica específica, afastam-se sensivelmente das bases literárias expressas pela tradição artístico-literária que fundamentam seus traços, muitas vezes invocando fontes e referências exógenas ao próprio *corpus* textual do *Comentário ao Apocalipse*. Neste contexto de múltiplas e imensuráveis variantes, as reminiscências simbólicas destas importantes expressões cartográficas podem ser atualmente contempladas em catorze cópias do *Comentário ao Apocalipse*, das quais, por ordem cronológica, apresentamos:

1. *Beato de Morgan (M)*³⁴

Nova Iorque, Piepont Morgan Library, M.644.

Datação: c. 940-945.

Origem: San Miguel de Escalada

Mapa: ff. 33v-34.

³³ Hermenegildo García Aráez, “Los mapamundi de los *Beatos* (Nomenclator y conclusiones)”. In: *Miscelánea Medieval Murciana*, vol.XIX-XX, (1995-1996), p. 125.

³⁴ No decorrer de nossas exposições as expressões “Morgan” e “Escalada” serão utilizadas como sinônimos para fazer referência a esta cópia do *Comentário ao Apocalipse* produzida em meados do século X no mosteiro de San Miguel de Escalada e atualmente conservada na Pierpont Morgan Library.

2. *Beato de Valladolid* (V)

Valladolid, Biblioteca de la Universidad, MS. 433.

Datação: 8 de Junho ou 8 de Setembro de 970.

Origem: Reino de León (Valcavado?)

Mapa: ff. 36v-37.

3. *Beato de Girona* (G)

Girona, Museu de la Catedral, Num. Inv. 7(11).

Datação: 6 de Julho de 975.

Origem: Reino de León, provavelmente Tábara.

Mapa: ff. 54v-55.

4. *Beato de Urgell* (U)

Museu da Diocesis de la Seo d'Urgell, Num. Inv. 501.

Datação: Último quartel do século X.

Origem: Reino de León

Mapa: ff. VIv-VII.

5. *Beato de Facundus* (J)³⁵

Madrid, Biblioteca Nacional, MS. Vitrina 14-2.

Datação: 1047.

Origem: León (cidade), *scriptorium* Real.

Mapa: ff. 63v-64.

6. *Beato de Saint-Server* (S)

Paris, Bibliothèque Nationale, MS. Lat. 8878.

Datação: Terceiro quartel do século XI.

Origem: Saint-Server-sur-L'Adour.

Mapa: ff. 45 bisv-45ter.

³⁵ Por seu patronato real este códice pode ser igualmente referido como o *Beato* de Fernando I e Doña Sancha: “FREDENANDUS REX DEI GRA[TIA] M[EMO]R[I]A LIBER/SANCIA M[EMO]R[I]A L[I]BRI”. *Apud.* John Williams, *The illustrated Beatus*, III, p. 34.

7. *Beato de Osma (O)*

Burgo de Osma, Arquivo de la Catedral, Cod. 1.

Datação: Iniciado em 3 de Janeiro ou 3 de Junho de 1086.

Origem: Sahagún.

Mapa: ff. 34v-35.

8. *Beato de Turim (Tu)*

Turim, Biblioteca Nazionale Universitaria, Sgn. I.II.1.

Datação: Primeiro quartel do século XII.

Origem: Catalunia, provavelmente Ripoll.

Mapa: ff. 45v-46.

9. *Beato de Silos (D)*

Londres, British Library, Add. MS. 11695.

Data: 18 de Abril de 1091 (escrita); 1 de Junho de 1109 (iluminação).

Origem: Santo Domingo de Silos.

Mapa: ff. 39v-40.

10. *Beato de Rylands (R)*

Manchester, John Rylands University Library, MS. Lat. 8.

Datação: c. 1175.

Origem: Região de Burgos, possivelmente San Pedro de Cardena.

Mapa: ff. 43v-44.

11. *Beato de Lorvão (L)*

Lisboa, DGARQ/ANTT, MS. Lorvão 43.

Datação: 1189.

Origem: Mosteiro de São Mamede de Lorvão.

Mapa: f. 34 bis v.

12. *Beato de Navarra (N)*

Paris, Bibliothèque Nationale, nouv. acq. lat. 1366.

Datação: Finais do século XII.

Origem: Navarra.

Mapa: ff. 24v-25.

13. *Beato de Las Huelgas* (H)

Nova Iorque, Pierpont Morgan Library, M. 429.

Datação: Setembro de 1220.

Origem: Burgos, Santa Maria la Real de las Huelgas.

Mapa: ff. 31v-32.

14. *Beato de Arroyo* (Ar)

Paris, Bibliothèque Nationale, nouv. acq. lat. 2290.

Datação: Primeira metade do século XIII.

Origem: Região de Burgos (San Pedro de Cardena?)

Mapa: ff. 13v-14.

A este elenco documental acrescentam-se ainda dois outros mapas-múndi que apesar de abrigarem muitas das formas essenciais do mundo dos *Beatos* não seguem estritamente sua tradição codicológica, isto é, não estão inseridos em nenhuma das cópias remanescentes do *Comentário ao Apocalipse*. O primeiro destes manuscritos é o mapa que atualmente se conserva na Biblioteca Ambrosiana de Milão em meio a uma cópia das *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha³⁶. Bem distante de seu contexto original, o mapa-múndi do *Beato* dito de Oña foi descoberto ao acaso por Luís Vázquez de Parga em 1955, sendo apresentado à comunidade científica somente no ano de 1976 no decorrer do *Simposio para el estudio de los códices del 'Comentario al Apocalipsis' de Beato de Liébana*³⁷. Traçado possivelmente em finais do século XII no mosteiro clunicense de San Salvador de Oña, este singular manuscrito não apresenta qualquer relação direta com os textos copiados ao longo do códice que o abriga, sendo, portanto, uma simples adição *a posteriori* ao dito códice.

O segundo destes testemunhos é na verdade uma pintura-mural traçada em estilo românico que se conserva no mosteiro ourense de San Pedro de Rocas. Datado entre finais do século XII e princípios do XIII (c. 1175-1200), este singular mapa-múndi infelizmente encontra-se em avançado estágio de deterioração, sendo que somente uma parte bastante reduzida de suas formas pode ser atualmente contemplada. O parentesco entre este testemunho isolado e a tradição cartográfica dos *Beatos* foi inicialmente esboçado por Serafín Moralejo que em seu “*El mapa de la diáspora en San Pedro de Rocas: notas para su*

³⁶ Milão, Biblioteca Ambrosiana, F. 105 sup. (mapa-múndi: ff. 71v-72).

³⁷ Luís Vázquez de Parga, “Un mapa desconocido de la serie de los *Beatos*”. In: *Actas del Simposio para el estudio de los códices del 'Comentario al Apocalipsis' de Beato de Liébana*, vol. 1. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1978, pp. 273-278.

interpretación y filiación en la tradición cartográfica de los Beatos” pôde constatar nos escassos traços de San Pedro de Rocas a existência de algumas das formas primordiais dos mapas dos *Beatos*³⁸. Entretanto, em decorrência de imponentes limitações documentais, não abordaremos de forma direta as expressões cartográficas legadas por este mapa-múndi, visto que muito pouco poderíamos efetivamente acrescentar ou dissertar a seu respeito.

Desta forma, nosso universo documental será inicialmente composto por quinze mapas-múndi que datam de meados do século X até princípios do século XIII. Ainda que os traçados adotados por cada um destes mapas sejam independentes entre si, observamos em cada um destes a essência de um modelo comum que é personalizado em estreita consonância com intenções e as visões específicas de seus criadores. A análise iconográfica dos documentos apresentados evidencia uma nítida continuidade dos modelos cosmológicos concebidos nos séculos iniciais da Idade Média e permite-nos a comparação sistemática de alguns elementos iconográficos e simbólicos expressos nos mapas medievais.

Como autênticos testemunhos de seu tempo, compreende-se que, oscilando entre antigas expressões e incorporações coevas, a origem e a multiplicidade das formas representativas legadas pelo *corpus* cartográfico dos *Beatos* somente poderão ser satisfatoriamente elucidadas se considerarmos os extensos pormenores dos processos histórico-culturais responsáveis pelas impressões próprias de cada um de seus testemunhos. Neste sentido, Serafín Moralejo relembra que:

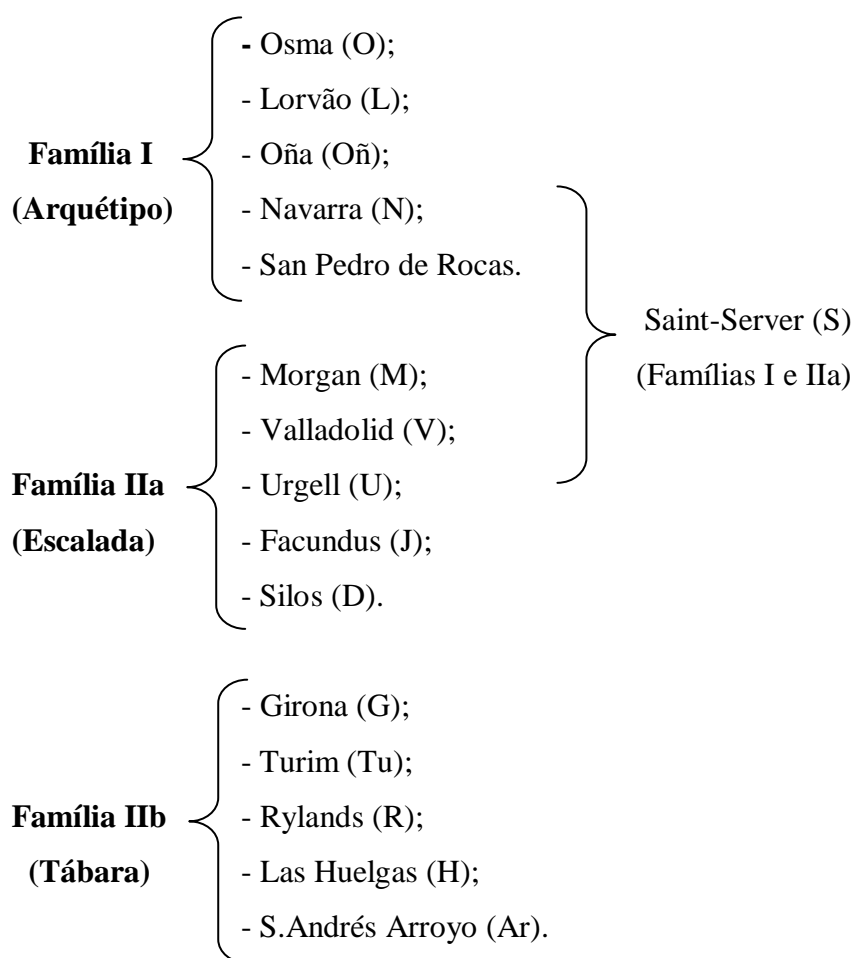
*“La valoración de los manuscritos ‘tardíos’ del Comentario como meros vestigios de sus modelos desaparecidos o de las vicisitudes por éstos experimentadas, ha dejado paso, en los últimos años, a su consideración como legítimos productos de su tiempo y lugar, no sólo en su estilo, sino también en lo que a suya imaginaria se refiere”*³⁹.

Portanto, antes mesmo de considerarmos os aspectos cronológicos de cada um deles, deveremos estar particularmente atentos às bases formativas que alicerçam e fundamentam suas formas e representações. Isto porque, ao abordarmos as cópias remanescentes do *Comentário ao Apocalipse* podemos constatar facilmente a existência de manuscritos produzidos em estreita proximidade espaço-temporal que chegam a assumir formas representativas plenamente distintas entre si.

³⁸ Serafín Moralejo, “El mapa de la diáspora en San Pedro de Rocas: Notas para su interpretación y filiación en la tradición cartográfica de los *Beatos*”. In: *Compostellanum*, XXXI, (1986), pp. 315-347.

³⁹ IDEM, “El mundo y el tiempo en el mapa del *Beato* de Osma”. In: *El Beato de Osma: estudios*. Valencia: Vicente García Ed., 1992, p. 153.

Por fim, é imprescindível salientarmos que nossas análises serão empreendidas de modo segmentado, contemplando e contrastando cada um dos três modelos específicos que moldam a extensa tradição cartográfica dos *Beatos*. Portanto, para além de aspectos meramente cronológicos, estaremos particularmente atentos as especificidades formativas e representativas legadas por cada uma destas três grandes famílias (I, IIa, IIb). Neste sentido, e tal como demonstram os esquemas apresentados abaixo, os *Beatos* de San Miguel de Escalada⁴⁰, San Salvador de Tábara⁴¹ e, sobretudo, o arquétipo originalmente traçado pelo Beato de Liébana em finais do século VIII serão nossos principais pilares de observação. Estes três modelos específicos foram responsáveis pela transmissão das expressões máximas de cada uma das cópias do *Comentário ao Apocalipse*, incorporando em cada uma delas os estilos, as representações e as impressões inerentes a suas próprias realidades circundantes.



⁴⁰ Nova Iorque, Pierpont Morgan Library, M.644.

⁴¹ Madrid, Arquivo Histórico Nacional, cod. 1097B.

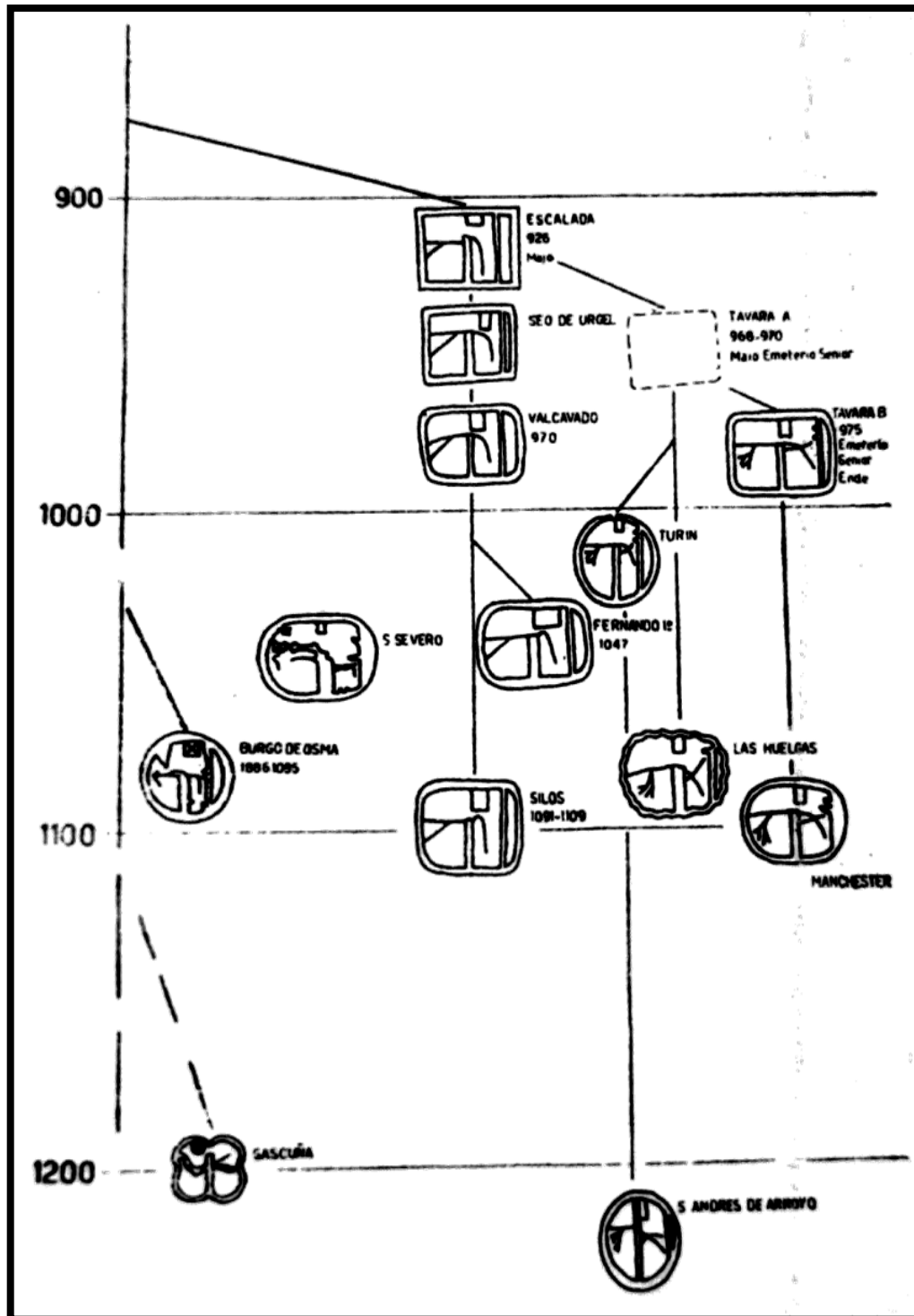


Figura 2 – *Stemma* proposto por Gonzalo Menéndez Pidal baseado na tradição cartográfica dos *Beatos*. Adaptada de Gonzalo Menéndez Pidal, *Mozárabes y asturianos en la cultura de la Alta Edad Media (en relación especial con la Historia de los conocimientos geográficos)*, p. 264.

1.3. Entre a arte e a ciência: um olhar específico sobre o mundo dos Beatos a cartografia medieval

“Não nos enganaremos se demonstrarmos as coisas invisíveis por intermédio das visíveis”⁴² exclamava o Papa Gregório Magno (590-604) em meio aos constantes embates teológicos acerca da produção e veneração de imagens sagradas que se propagaram no cerne da Igreja nos séculos iniciais da Idade Média. Ávido defensor das imagens como um instrumento didático e doutrinário, Gregório acreditava que as pinturas eram a leitura daqueles que não sabiam ler, um espaço simbólico em que os iletrados contemplavam tudo aquilo que deveriam imitar e seguir. Segundo a célebre fórmula de Gregório Magno, as imagens faziam com que todos pudessem ver para compreender e guardar na memória o que apenas o clero podia ler. No centro deste universo ambivalente as imagens passavam, portanto, a ser lidas e contempladas segundo a ordem do pensamento e não segundo a ordem de uma realidade sensível, incluída em um lugar, um tempo, um espaço único e sintetizado⁴³. Com as imagens seus espíritos sentiam aquilo que seus olhos não podiam ver, fazendo de seu mundo um espaço uniforme e singular, onde o imaginário confundiam-se naturalmente com suas realidades físicas, não existindo, portanto, fronteiras claras e bem definidas entre seus domínios reais e metafísicos.

Neste sentido vemos que ampla evocação religiosa dos elementos iconográficos outrora exaltada como a bíblia daqueles que não sabiam ler, é hoje concebida como a teoria didascálica que, segundo Umberto Eco, reside fundamentalmente na extensa utilização da sensibilidade simbólica como expressão máxima de um sistema pedagógico e de uma política cultural que se edifica por intermédio dos processos mentais próprios de cada época⁴⁴. Por outro lado, não se pode negar que esta constante e contrastante oscilação entre esferas de realidade ambivalentes, que na Idade Média confrontara o real e possível, o sagrado e o profano ou o visível e o invisível ainda hoje provoca em nós, observadores contemporâneos, um estranho e por vezes, anacrônico olhar sobre o universo medieval.

Conceber e determinar as reais motivações que edificaram a espiritualidade, as mentalidades ou as verdades dos homens medievais certamente não é uma das tarefas mais fáceis para os historiadores, isso porque elas são extremamente mutáveis no tempo e no espaço e, quase sempre, são expressas ou materializadas de formas plenamente simbólicas,

⁴² *Ab re non facimus si per visibilia invisibilia demonstramus*, Gregório Magno. Apud Peter Burke, *Testemunha Ocular*, São Paulo, Edusc, 2004, p. 57.

⁴³ Mireille Mentré, *La peinture mozárabe*. Paris: Presses universitaires de Paris Sorbonne, 1984, p. 154.

⁴⁴ Umberto Eco, *Arte e beleza na estética medieval*, Lisboa. Presença, 1989, p. 70.

fazendo com que toda a lógica estrutural do imaginário medieval se manifeste de maneiras diametralmente opostas ao pragmatismo racionalista característico das sociedades modernas. Assim sendo, vemos que o homem medieval, como bem destacou Emile Mále, produziu uma visão profundamente idealista do esquema do universo, adotando a convicção que tanto a História quanto a natureza deveriam ser entendidas e interpretadas como vastos símbolos⁴⁵.

Na Idade Média este importante simbolismo fez-se igualmente presente nas representações gráficas dos espaços e das realidades humanas, uma preocupação constante em diferentes momentos da História. Uma constante sempre repleta de variantes que garantiu a este ramo do conhecimento humano uma diversidade infindável de formas e significados. Em cada uma delas estava presente muito mais que a simples descrição de rios, montanhas ou fronteiras naturais estava, acima de tudo, a necessidade intrínseca de representação de elementos que moldam, para além do mundo físico, uma complexa rede de percepções e construções sócio-culturais que permanecem subscritos nos longos traços que compõem uma *imago mundi*⁴⁶. Tais percepções, tão específicas de cada sociedade, bem como as distintas formas traçadas por cartógrafos e artistas ao longo das Eras, nos ensinam não somente aquilo que todo e qualquer homem poderia de fato ver e tocar. Elas não nos falam unicamente das formas de tudo aquilo que é evidente a olho nu, isto porque elas igualmente suscitam as mentalidades dos homens de seu tempo, expondo sensibilidades que transcendem suas próprias realidades materiais, aguçando e despertando sentidos e interesses singulares séculos após sua produção.

Mediadores entre o mundo real e espiritual compreende-se que os mapas-múndi medievais se apresentam como um elemento sempre suscetível a várias interpretações historiográficas distintas que são necessariamente dependentes dos códigos e dos processos mentais estabelecidos por seus observadores específicos dentro do contexto histórico e cultural em que estes estão inseridos. São estas múltiplas associações entre a memória e os sentidos evocados por seus traçados que conferem à produção cartográfica medieval uma imensurável diversidade de formas, cores, símbolos e significados, fazendo com que os diferentes propósitos suscitados pelas narrativas não-lineares destes mapas conduzissem a diferentes representações acerca da imagem e da forma do mundo.

No caso específico da cartografia medieval, uma arte primordialmente desenvolvida sob a tutela intelectual da Igreja, observa-se ainda uma íntima interdependência entre as

⁴⁵ Emile Mále, *The gothic image: religious art in France of thirteen century*. New York: Harper & Brothers Publishers, 1958, p. 15.

⁴⁶ A expressão *imago mundi* é particularmente interessante neste contexto justamente por abarcar as diversas teorias cosmológicas sem excluir as diferentes formas de representação gráfica da Terra.

imagens apresentadas e os textos e legendas que as fundamenta. Seria como se o cartógrafo colocasse ordem no mundo, traçasse seus limites e suas verdades guiando-se pelos textos contidos nas Sagradas Escrituras e em outras tantas fontes de autoridade legitimada pela Cristandade. Esta clara relação com a oralidade e com seus símbolos fez com que a arte e a cartografia medieval assumissem um caráter instrumental que buscava não somente uma mera imitação de suas realidades físicas, mas sobretudo a representação dos seus sentidos e de suas percepções frente a seus espaços espirituais. Portanto, como parece evidente a esta altura, vemos que estas ricas expressões da cultura medieval muito mais que simples objetos artísticos são artefatos pensados e desenvolvidos em estreita consonância com os sistemas de verdade ou com as relações de dominância e poder da sociedade que os engendrou. Longe de serem documentos plenamente inocentes, estes mapas e imagens serão sempre dotados de certa carga de intencionalidade codificada que transborda de seus discursos específicos.

Esta importante diversidade iconográfica e simbólica foi, entretanto, perdendo espaço à medida que os sistemas mentais e imaginários presentes na cartografia medieval passavam a ser lentamente substituídos pelos rígidos e positivos postulados geográficos que primavam não somente pela afirmação dos novos conceitos postos em voga, mas igualmente pela negação dos sistemas anteriores⁴⁷. A exaltação racionalista da moderna Era bem como as novas realidades geográficas traçadas a partir dos grandes Descobrimentos marítimos trouxeram conseqüentemente uma progressiva redução das formas simbólicas exaltadas e traçadas pelos homens medievais fazendo com que por muitos séculos a cartografia estivesse fundamentalmente restrita a “*ciência ou arte, ou técnica de fazer levantamentos cartográficos e traçar cartas geográficas em geral e, em particular, cartas em que as formas e relevos da superfície da crosta terrestre são representados graficamente*”⁴⁸.

Providos de importantes acepções instrumentais, ainda que bem distantes das funcionalidades que atualmente atribuímos as nossas *imagines mundi*, os mapas-múndi medievais estão inseridos em um complexo contexto artístico e cultural que orientam todos os ‘porquês’ de sua criação. Muitas vezes traçados por autores anônimos com diferentes intenções e estratégias, estes manuscritos narram, por intermédio de concepções pictóricas hierarquizadas, toda a história da Humanidade desde suas origens, constituindo verdadeiros

⁴⁷ Se recuarmos brevemente ao pensamento positivista e aos parâmetros cartográficos postulados pelas sociedades geográficas no século XIX verificar-se-á o sentido anacrônico e a parcialidade com o qual os mapas medievais passaram a ser tratados. Longe dos reais sentidos suscitados por estes manuscritos observamos o total desprezo de seus métodos e funcionalidades em detrimento de uma exaltação plenamente racionalista.

⁴⁸ Armando Cortesão, *Atlas e História da Cartografia*. In: *Esparsos*, vol. 2. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1975, p. 268.

compêndios de idéias, conceitos e fontes distintas que passam a ser compiladas e editadas seguindo propósitos e funcionalidades específicas.

Desprezando, por desconhecimento ou simples desinteresse, uma parte considerável da configuração sensitiva do mundo físico que os circundava, os mestres e artistas medievais mantinham o olhar plenamente fixo para outra realidade. Esta outra realidade, que transcendia os domínios sensitivos de uma geografia meramente positiva, era dotada de um intenso sentido simbólico que permitia a representação em um mesmo plano de eventos e personagens históricos, bíblicos ou imaginários que estavam dissociados no tempo e no espaço, não existindo, portanto, uma linearidade histórica bem definida. Por seu gosto enciclopédico, estas singulares expressões da cultura medieval não devem ser concebidas ou sistematizadas como simples instrumentos operativos, uma vez que, neste caso específico, o espaço adquire fisionomia cartográfica essencialmente vinculada a uma estrutura alegórica, com referências apenas ocasionais à conformação terrestre, mesmo quando era perfeitamente conhecida⁴⁹.

Neste sentido, não restam dúvidas de que em um mapa-múndi sempre haverá visões, idéias e conceitos que serão privilegiados em detrimento de outros, fato que caracteriza, até os dias atuais, a intencionalidade inerente a seus traçados cartográficos. Do *pinax* grego ao eurocentrismo moderno passando pela tripartição funcional do *orbis terrarum* no medievo, compreende-se que tais parcialidades derivam em grande parte dos amplos e consistentes regimes de verdades e crenças postuladas por cada sociedade, fazendo com que seus discursos específicos estejam impregnados nas subjetividades próprias destas representações. Assim sendo, como numa espécie de caleidoscópio, as representações cartográficas do mundo a cada movimento, a cada Era histórica, apresentam-se das mais diferentes formas, transcendendo a realidade material de seus criadores e contemplando as perenes mutações epistemológicas e mentais das novas gerações, fazendo com que a história da cartografia não se esgote no caminho percorrido para chegar a uma transposição fiel e geométrica da superfície terrestre⁵⁰, visto que a realidade, como bem ressaltou Paul Ricoeur, nunca será escrita por completo⁵¹.

Tendo em vista tais constatações, compreendemos que a ampla diversidade de formas e símbolos atribuídos a uma mesma tipologia documental ao longo dos tempos inviabiliza consideravelmente a formulação de conceitos restritivos que conduzam a redução ou mesmo a negação certas tradições e representações gráficas dos espaços. Entretanto, para não nos desviarmos de nossos objetivos iniciais e entrarmos nos intermináveis pormenores das

⁴⁹ Ugo Tucci, “Atlas”. In: Ruggiero Romano (dir.), *Enciclopédia Einaudi: Memória-História*, vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p. 139.

⁵⁰ IDEM, *ibidem*, p. 138.

⁵¹ Paul Ricoeur, *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papirus Editora, 1994, p. 203.

definições acadêmicas acerca destes documentos, cabe-nos aqui explicitar um único e sólido conceito que fundamentará, sob diversas perspectivas, a análise e a apreciação dos traçados cartográficos abordados ao longo de nosso estudo. Desta forma, em consonância com os escritos de J.B. Harley e David Woodward, assumiremos uma definição que contempla estas *imagines mundi* enquanto representações gráficas que facilitam a compreensão espacial das coisas, conceitos, condições, processos ou eventos do mundo humano⁵².

Este considerável alargamento conceitual permite-nos contemplar, sem julgamentos *a priori*, os longos traços que compõem um mapa-múndi medieval, explorando-os não somente como uma figura do mundo, mas igualmente como um retrato de sua concepção, considerando-os, portanto, como parte fundamental de um contexto pessoal de memória artística e do pensamento medieval⁵³. Em síntese, esta breve definição permite-nos compreender como estas imagens e textos sugerem e certamente sugeriram um diferente olhar sobre os espaços físicos e espirituais que compunham o amplo e figurado universo do homem medieval. Se negarmos esses princípios e inserirmos estas expressões da arte e do pensamento medieval em uma codificação puramente historicista, estaremos desde o início caminhando pelas vias inseguras do anacronismo.

É, portanto, neste extenso contexto teórico-metodológico que se apresentam as bases e as perspectivas iniciais desta breve incursão sobre o mundo dos *Beatos*. Buscando no texto a mais íntima essência dos primeiros traçados cartográficos dos *Beatos*, estaremos particularmente atentos as diferentes formas de representação cartográfica das *Sortes Apostolorum*, elemento que fundamentou e legitimou a inclusão destas singulares *imagines mundi* junto ao *corpus* iconográfico do *Comentário ao Apocalipse* do Beato de Liébana.

Ainda que os traços e muitas vezes as mensagens a serem transmitidas por mapas sejam independentes entre si, observamos na essência de cada um deles três modelos em distintos que são personalizados em estreita consonância com intenções e as visões específicas de seus criadores. A análise iconológica, iconográfica e cartográfica dos documentos previamente apresentados evidencia uma nítida continuidade dos modelos cosmológicos concebidos nos séculos iniciais da Idade Média e permite-nos a comparação sistemática de alguns elementos iconográficos e simbólicos expressos nos mapas dos *Beatos*.

Assim sendo, nossas análises serão inicialmente realizadas de modo seccionado, buscando no seio de cada uma das famílias de mapas dos *Beatos* a essência dos modelos que

⁵² John B. Harley e David Woodward (ed.), *The History of Cartography: cartography in prehistoric, ancient, medieval Europe and the Mediterranean*, vol. 1. Chicago/London: Chicago University Press, 1987, p. XVI.

⁵³ Naomi Kline, *Maps of Medieval Thought: The Hereford Paradigm*. Suffolk: Boydell Press, 2005, p. 14.

fundamentam o aparecimento representações cartográficas específicas. No decorrer de nossas exposições veremos igualmente como o contínuo movimento de assimilação e rejeição suscitou o aparecimento de representações extremamente peculiares, representações que não raras vezes negavam suas bases literárias e estabeleciam um nítido descompasso entre textos e imagens. Por conseguinte, estas breves constatações iniciais nos ajudarão a compreender a progressiva desconstrução dos sentidos e funcionalidades primordialmente adquiridos pelos primeiros traçados cartográficos dos *Beatos*, fenômeno de fundamental importância que a nosso ver permanece obscurecido ou mesmo mal interpretado pela historiografia.

2. Do texto ao traçado iconográfico

Se contemplarmos as bases estruturais do *Comentário ao Apocalipse* do Beato de Liébana observaremos a existência de uma dinâmica primordialmente esmerada na contínua interpolação de textos e imagens. Aguçando sentidos e sensibilidades díspares, a relação de interdependência estabelecida entre estes dois elementos esboça os limites de um discurso lógico, coerente e efetivamente capaz de auxiliar na edificação espiritual de seus irmãos correligionários⁵⁴. Com o claro intuito de fornecer a seu leitor um discurso simplificado e de fácil compreensão⁵⁵, o texto recorre constantemente ao apelo didático-visual das expressões que darão forma, cor e movimento a seus respectivos ecos verbais. Ecos bíblicos, patrísticos e bizantinos que se entrelaçam a outras tantas e tão diferentes tradições literárias que reverberam por todos os cantos do *Comentário*.

Constituída por um verdadeiro mosaico de peças disformes, a obra exegética deste monge libaniego fora inicialmente dividida em doze livros e sessenta e oito secções, denominadas *storiae*⁵⁶. Textualmente, esta exegese é alicerçada por breves unidades tripartidas que, seguindo a tradicional seqüência do texto apocalíptico de São João (de I:1 à XXII:21), são compostas por uma *storia*, uma *explanatio* e uma *interpretatio*. Oscilando com extrema naturalidade entre exposições morais, notas alegóricas e interpretações históricas, o Beato de Liébana faz uso da autoridade dos Santos Padres e doutores da Igreja para consolidar e legitimar as predicções iniciais de sua obra:

*“Quae tamen non a me, sed a sanctis patribus quae explanata repperi, in hoc libello indita sunt, et firmata his auctoribus, id est, Iheronimo, Augustino, Ambrosio, Fulgentio, Gregorio, Ticonio, Irenaeo, Apringio et Isidoro: ut quae in aliis legens non intellexisti, in hoc, quamuis plebeio sermone in aliquibus deriuatum. Tamen plena fide atque deuotione expositum, recognoscis”*⁵⁷.

⁵⁴ “Ob aedificationem studii fratrum tibi dicaui, ut quo consorte perfruor religiones coheredem faciam et mei laboris”. *Beatos*, Prefácio, 1, 22-24.

⁵⁵ “Ut quae in aliis legens non intellexisti, in hoc, quamuis plebeio sermone in aliquibus deriuatum, tamen plena fide atque deuotione expositum, recognoscis”. *Beatos*, Prefácio, 1, 15-17.

⁵⁶ Acredita-se que a estrutura adotada pelo *Comentário ao Apocalipse* do Beato de Liébana tenha sido diretamente influenciada pela obra exegética do donatista norte-africano Ticônico que aparentemente teria apresentado uma divisão muito similar em seu *Comentário*. A este respeito, cf. Kenneth B. Steinhauser, “The Apocalypse Commentary of Tyconius: A History of Its Reception and Influence”. In: *European University Studies*, Series 23 Theology, vol. 301. Frankfurt: Verlag Peter Lang, 1987.

⁵⁷ *Beatos*, Prefácio, 1, 12-17. É interessante salientarmos que as duas primeiras edições do *Comentário ao Apocalipse* (776 e 784) não apresentavam quaisquer referências aos nomes de Ticonio e Irenaeo.

Por outro lado, enquanto interpretações gráficas do texto escrito, as iluminuras encontram-se dispostas entre o final da *storia* e o início de sua respectiva *explanatio*, estando, na maioria das vezes, diretamente relacionadas às descrições que emanam do próprio texto apocalíptico. Entretanto, ao contrário do que se possa conjecturar em um primeiro momento, as iluminuras não assumem uma função meramente subserviente ao texto escrito. Ainda que diretamente vinculadas a este, as imagens apresentam uma linguagem própria que, para além do próprio texto, remarcam o sentido e as funcionalidades de suas próprias expressões. Indo além de tais constatações, Wilhelm Neuss acredita que a estrutura do *Comentário* seja inicialmente determinada por suas próprias ilustrações, fazendo destas um elemento particularmente nuclear para toda a tradição dos *Beatos*⁵⁸.

Originalmente o *corpus* iconográfico de uma cópia do *Comentário ao Apocalipse* é composto por setenta e seis iluminuras, sendo que dez não apresentam um vínculo direto com o texto apocalíptico. Dentre estes casos específicos está o grande mapa-múndi dos *Beatos*. Alheias as expressões literárias do Apocalipse, estas singulares manifestações da arte medieval constituem uma das mais antigas e expressivas tradições cartográficas legadas pelo Ocidente alto-medieval. Entretanto, ainda que seus traçados cartográficos não apresentem qualquer vínculo direto com as expressões literárias do Apocalipse de São João, Luís Vázquez de Parga acredita que os textos que dão forma ao *Comentário ao Apocalipse* do Beato de Liébana acabam por fundamentar e legitimar a inclusão destas singulares representações⁵⁹.

2.1. As Sortes Apostolorum e sua tradição literária

Como temos visto os testemunhos cartográficos legados pelas cópias remanescentes do *Comentário ao Apocalipse* apresentam-se como um elemento particularmente exógeno às tradicionais representações iconográficas do Apocalipse. Inexistentes em tradições semelhantes e bem distantes das descrições que emanam do enigmático texto que encerra o Novo Testamento, os mapas dos *Beatos* convergiram em seus traços uma complexa rede de fontes e referências que fundamentaram, do texto ao traçado cartográfico, a contrastante essência de uma das mais originais e fantásticas representações legadas pela iluminação apocalíptica hispânica. Restritas a um contexto artístico-literário extremamente específico,

⁵⁸ Wilhelm Neuss, *Die Apokalypse des hl. Johannes in der altspanischen und altchristlichen Bibel-Illustration*. Münster in Westfalen: Aschendorffschen Verlagsbuchhandlung, 1931, p. 237.

⁵⁹ Luis Vázquez de Parga, “Introducción a los *Beatos*”. In: *Beato de Liéba: miniaturas del Beato de Fernando I y Sancho* (texto y comentarios a las tablas de Umberto Eco). Milano: Franco Maria Ricci, 1983, p. 17.

estas singulares *imagines mundi* encontram-se fundamentalmente vinculadas à necessidade de representação iconográfica das chamadas *Sortes Apostolorum*. Recorrentes em vários pontos da literatura medieval, estas descrições encontraram amplo espaço na obra do Beato de Liébana. Em 783, antes mesmo de finalizar a primeira edição pictórica de seu *Comentário ao Apocalipse*⁶⁰, o Beato de Liébana teria escrito um pequeno hino de louvor à Santiago Maior: *Hymnus in diem Sancti Iacobi Apostoli fratris Sancti Ioannis*. Composto por sessenta versos distribuídos em doze estrofes⁶¹, este *O Dei Verbum* descreve a diáspora dos Apóstolos da seguinte forma:

*“Petrusque Rome, frater eius Acaie,
Indie Tomas, Levi Macedonie,
Iacobus Iebus et Egypto Zelotes,
Vartolomeus Licaon, Iuda Edisse,
Mathias Iudee et Filippus Gallie;*

*Magni deinde filii tonitruui
Adepti fulgent prece matris inclite
Utrique rite culminis insignia
Regens Ioannes dextra solus Asia
Eiusque frater potitus Ispania”*⁶².

Por outro lado, bem distante da métrica e da poesia que emanam deste hino litúrgico, no *Comentário ao Apocalipse* as descrições textuais das *Sortes Apostolorum* foram incorporadas a um dos quatro prólogos que introduzem a obra. Situado entre o *Apocalipse* I:20 e II:1, o extenso *Prologus Libri II* foi cuidadosamente construído a partir da compilação de uma série de textos e excertos, em sua maioria apropriados da literatura isidoriana, destinados à exposição das características e dos fundamentos próprios da Igreja e da Sinagoga: “*incipit prologus liber secundi De Ecclesia et Synagoga. Quid cuius proprie dicantur, et quis in qua habitator esse dignoscatur, plenissime lector agnoscas*”⁶³. As expressões ali incorporadas despertam-nos particular atenção e interesse pela convergência de três breves excertos que juntos edificam as bases literárias que darão forma e coerência aos primeiros traçados cartográficos dos *Beatos*.

⁶⁰ Segundo as acepções de Peter Klein a primeira edição textual do *Comentário ao Apocalipse* (776) possivelmente não possuía nenhuma ilustração, sendo que somente no ano de 784 a obra exegética do Beato de Liébana receberia suas primeiras iluminuras. Cf. Peter K. Klein, *op. cit.*, p. 95.

⁶¹ Acerca dos aspectos métricos do hino *O Dei Verbum*, cf. Manuel C. Díaz y Díaz, “Estudios sobre la antigua literatura relacionada com Santiago el Mayor”. In: *Compostellanum*, XI, 4, (1966), pp. 457-502.

⁶² Cf. “*Himno O Dei Verbum*”. In: Juan G. Echegaray; Alberto del Campo Hernandez; Leslie J. Freeman (ed.), *Beato de Liébana: obras completas y complementarias*, vol. 1. Madrid: B.A.C., 2004, p. 645 *et seq.*

⁶³ O subtítulo do dito prólogo foi apropriado das descrições originalmente expressas no capítulo primeiro do “*De Ecclesia et sectis*”, oitavo livro das *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha.

Assim sendo, estas descrições iniciam-se com a apropriação de *De Apostolis*⁶⁴, um longo excerto extraído do “De Deo, Angelis et Sanctis”, livro sétimo das *Etymologiae* de Santo Isidoro que é incorporado no início do capítulo terceiro do dito prólogo:

“Apostoli graece, latine missi interpretantur. Nam sicut graece angeli, latine nuntii vocantur, ita et graece apostoli, latine missi appellantur. Ipsos enim misit Christus evangelizare per universum mundum, ita ut quidam Persas Indosque penetrarent docentes gentes, et facientes in nomine Christi magna et incredibilia miracula, ut adtestantibus signis et prodigiis crederetur illis in his quae dicebant et viderant. Habent autem plerique ex his causas suorum vocabulorum [...]”⁶⁵.

A seguir, sem transparecer seus pontos de ruptura, estas descrições são imediatamente complementadas por um breve trecho do tratado *De Ortu et Obitu Patrum qui in Scriptura laudibus efferuntur*, obra de caráter biográfico-exegético comumente atribuída à Isidoro de Sevilha⁶⁶:

“Hi sunt duodecim Christi discipuli, praedicatores fidei, et doctores gentium. Qui cum omnes unum sint, singuli tamen eorum ad praedicandum in mundo sortes proprias acceperunt. Petrus, Romam. Andreas, Acaiam. Thomas, Indiam. Iacobus, Hispaniam. Ioannes, Asiam. Mathaeus, Macedoniam. Philippus, Gallias. Bartholomaeus, Licaoniam. Simon Zelotes, Aegyptum. Mathias, Iudaeam. Iacobus frater Domini, Ierusalem. Paulo autem cum ceteris apostolis nulla sors propria traditur, quia in omnibus gentibus magister et praedicator eligitur”⁶⁷.

A apropriação deste excerto específico nos desperta particular interesse não somente pela clara descrição da dispersão apostólica, mas, sobretudo, pelo evidente apelo moral que emana de suas descrições. Se nos reportarmos à obra de Isidoro de Sevilha veremos que, baseado em fontes apócrifas fundamentalmente vinculadas ao *Breviarium Apostolorum*⁶⁸, o *De ortu et obitu Patrum* é um tratado de grande erudição escriturária alicerçado em breves notas biográficas que como um pequeno manual de aprendizagem evoca os atributos e qualidades de personagens citados nas Sagradas Escrituras. Desse modo, a pessoa, vétero ou neo-testamentária, transcende a mera leitura literal da Bíblia e torna-se, aos olhos do leitor, uma regra de conduta, um exemplo a ser seguido⁶⁹. Como veremos com maior atenção e

⁶⁴ *Isidori Hispalensis Episcopi, Etymologiarum Sive Originum Libri XX*. José Oroz Reta e Manuel Antonio Casquero (ed. trad.). Madrid: B.A.C., 1993-1994. *Etymologiae*, VII, IX, 1-24, pp. 670-672.

⁶⁵ *Beatos*, Prólogo II, 3, 1-7.

⁶⁶ A este respeito cf. César Chaparro Gómez (ed. trad.), *Isidoro de Sevilha: De Ortu et Obitu Patrum*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

⁶⁷ *Beatos*, Prólogo II, 3, 60-72.

⁶⁸ *Breviarium Apostolorum ex nomine vel locis ubi predicaverunt, orti vel obiti sunt*.

⁶⁹ César Chaparro Gómez, *op. cit.* pp. 2-3.

profundidade nos capítulos seguintes, serão os ‘exemplos’ legados pelo trabalho missionário dos Apóstolos que estarão inicialmente presentes em seus primeiros traçados cartográficos, fundamentando as estruturas primordiais do mundo dos *Beatos*.

Por outro lado, é imprescindível destacarmos que a confrontação entre as descrições apresentadas pelo *Comentário ao Apocalipse* e o texto originalmente expresso no *De Ortu et Obitu Patrum* revelou a ocorrência de significativas divergências que, para além das formas latinas adotadas por cada uma delas, encontram-se importantes contrastes que interferem diretamente em seu conteúdo literário. No caso específico do *De Ortu*, observamos as seguintes descrições:

*“Hii fuerunt Christi discipuli, praedicatores fidei et doctores gentium, qui, dum omnes unum sint, singuli tamen eorum propriis certisque locis in mundo ad praedicandum sortes proprias acceperunt: Petrus namque Roman accepit, Andreas Achaïam, Iacobus Spaniam, Thomas Indiam, Iohannes Asiam, Matheus Macedoniam, Philippus Gallias, Bartholomeus Lycaoniam, Simon Zelotes Aegyptum, Mathias Iudaeam, Iacobus frater Domini Hierusalem, **Iudas frater Iacobi Mesopotamiam**. Paulo autem cum ceteris apostolis nulla sors propria traditur, quia in omnibus gentibus magister et praedicator eligitur; nam sicut Petro et reliquis circumcisionis apostolatus est datus, ita Paulo praeputii in gentibus; hic autem septem ecclesiis et tribus euangelizat discipulis”*⁷⁰.

A partir das expressões destacadas, constata-se que diferentemente das referências apresentadas pela obra isidoriana, a listagem dos Apóstolos assinalada no prólogo ao livro segundo do *Comentário ao Apocalipse* curiosamente omite qualquer menção ao Apóstolo Judas Tadeu, irmão de Tiago, que segundo a tradição bíblica teria sido enviado à região de Edessa a mando do rei Abgar. Esta ausência suscita particular inquietação, sobretudo pela presença de um breve excerto, incluído poucas linhas antes, que faz referência direta ao dito Apóstolo e a seu respectivo local de pregação evangélica: *“Iudas Iacobi, qui álibi appellatur Lebbaeus, figuratum nomen habet a corde, quod nos diminutive corculum possumus appellare. Ipse in alio evangelista Thaddaeus scribitur, quem ecclesiastica tradidit historia, missum ad civitatem Aedissam ab Abagarum regem”*⁷¹.

Apesar destas observações, não sabemos ao certo as razões que teriam efetivamente motivado a ocorrência de tais discrepâncias entre os textos anteriormente apresentados. Neste sentido, assinalamos ainda que este não é um caso isolado dentro da tradição literária legada

⁷⁰ *De Ortu et Obitu Patrum*, 80, 1-2. IDEM, *ibidem*, pp. 214-217. Grifo nosso.

⁷¹ *Beatos*, Prólogo II, 3, 48-52.

por este monge libaniego, uma vez que a ausência do nome de Judas Tadeus junto aos demais Apóstolos estende-se igualmente as descrições apresentadas pelo seu “*O Dei Verbum*”.

Para além destas questões incertas e retomando as expressões textuais próprias do *Comentário ao Apocalipse*, observamos finalmente que as descrições referentes às *Sortes Apostolorum* são encerradas com uma breve nota alegórica atribuída ao próprio Beato de Liébana:

*“Hi sunt duodecim horae diei, quae per Christum solem inluminantur. Hi sunt duodecim portae caelestis Ierusalem, per quas ad vitam beatam ingrendimur. Hi sunt prima apostolica Ecclesia, quam credimus firmissime supra Christum petram fundatam. Hi sunt duodecim throni iudicantis duodecim tribus Israel. Haec est Ecclesia per universum orbem terrarum dilatata. Hoc est semen sanctum et electum, regale sacerdotium per universum mundum seminatum. Rari fuerunt, sed electi. Et de his parvis granis multa seges surrexit. Hanc Ecclesiam credimus et tenemus, et qui supra evangelizaverit quam isti, non christianus, sed anathema in perpetuum erit, maranata, id est, perditio in adventum Domini. **Et quo facilius haec seminis grana per agrum huius mundi, quem prophetae laboraverunt et hi metent, subiectae formulae pictura demonstrat (Sequitur MAPPA MUNDI)**”⁷².*

Sendo esta uma das raras intervenções diretas do Beato de Liébana sobre o texto de seu *Comentário*, não existem quaisquer dúvidas acerca das funcionalidades primordialmente assumidas pelos primeiros traçados cartográficos dos *Beatos*. Ainda que atualmente nem todas as cópias conservem estas singulares expressões que nasceram da intensa necessidade de representar, para além do texto escrito, a dispersão dos Apóstolos pelo ecúmeno terrestre, análises de ordem codicológica constatarem que praticamente todos os códices remanescentes apresentavam originalmente um grande mapa-múndi traçado em fólio duplo⁷³, fazendo deste um elemento recorrente em toda a tradição artístico-literária dos *Beatos*.

2.2. Os primeiros traçados cartográficos dos *Beatos*

Concebidos em 784, ano da primeira edição pictórica do *Comentário ao Apocalipse*, os primeiros traçados do mundo dos *Beatos* constituem um modelo cartográfico desafortunadamente desconhecido por nós, fator que restringe consideravelmente as possibilidades de reconhecimento e compreensão das formas originalmente adotadas pelo

⁷² *Beatos*, Prólogo II, 3, 72-84. Grifo nosso.

⁷³ Segundo Menéndez Pidal, “los hay que nunca llegaron a tenerlo (el hueco que dejó el copista sigue hoy en blanco, R.A.H.); el de Plobet (Biblioteca del Palacio, 2 B 3) suprimió por cistercienismo todas las figuras, incluso las anunciadas en el texto”. Cf. Gonzalo Menéndez Pidal, *op. cit.*, p. 194.

Beato de Liébana em seu arquétipo cartográfico. Ainda que permeada por dúvidas, questionamentos e imensuráveis contradições, diversos estudiosos lançaram-se à incessante busca de compreensão e reestruturação conceitual das bases que inicialmente sustentaram e deram forma à vasta tradição cartográfica dos *Beatos*.

Em 1931, o historiador germânico Wilhelm Neuss assinalava em seu “*Die Apokalypse des hl. Johannes in der altspanischen und altchristlichen Bibel-Illustration*” que o códice copiado e ilustrado na abadia clunisiense de Saint-Server-sur-l’Adour expressava o melhor testemunho visual deste arquétipo perdido⁷⁴. Concepção amplamente refutada pela recente historiografia. Segundo Peter Klein, o *Beato* de Saint-Server, que ostenta um imponente *corpus* iconográfico, “*representa una combinación de dos modelos pictóricos diferentes: uno de la fase más reciente de la primera redacción pictórica y, por otra parte, un modelo pictórico de la familia II*”⁷⁵. Neste mesmo direcionamento, John Williams ressalta que “*Neuss’s picture a perfected archetype descending in more or less faithful copies according to artistic competence and stylistic influence, was replaced by one in which compositional integration and iconographic completeness were produced over a period of time*”⁷⁶.

Apesar da inexistência de um consenso pleno entre os estudiosos, atualmente muitos acreditam que os mapas-múndi dos *Beatos* de Osma (1086) e Lorvão (1189) abriguem em seus traçados muitas das formas e representações originalmente expressas por esta extensa tradição cartográfica. Separados por pouco mais de um século, estes dois mapas foram concebidos a partir de modelos aparentemente similares, sendo que o contraste entre estes mapas sugere que os traçados de Lorvão foram baseados em um terceiro mapa-múndi diretamente relacionado ao de Osma, mas representado um estágio anterior⁷⁷.

Em face de tantas e tão expressivas divergências, quais seriam, portanto, os indícios que nos aproximariam das formas primordiais do mundo dos *Beatos*? Quais são as formas e representações originalmente adotadas por este arquétipo perdido? Na tentativa de elucidarmos tais indagações, destacamos inicialmente três pontos que consideramos de fundamental importância para o reconhecimento de suas formas essenciais:

⁷⁴ Wilhelm Neuss, *op. cit.*, pp. 48-50.

⁷⁵ Peter K. Klein, *op. cit.*, p. 95.

⁷⁶ John Williams, *The illustrated Beatus*, I, p. 50.

⁷⁷ IDEM, *Isidore...*, p. 24.

a) **Proximidade estabelecida entre as bases literárias do *Comentário ao Apocalipse* e a literatura isidoriana:**

Em linhas gerais a proximidade evidenciada entre as bases textuais do *Comentário ao Apocalipse* e a vasta produção literária de Isidoro de Sevilha pode ser inicialmente esboçada a partir das próprias palavras do Beato de Liébana, que no prefácio de seu *Comentário* destaca:

*“Quae tamen non a me, sed a sanctis patribus quae explanata repperi, in hoc libello indita sunt, et firmata his auctoribus, id est, Iheronimo, Augustino, Ambrosio, Fulgentio, Gregorio, Ticonio, Irenaeo, Apringio et Isidoro”*⁷⁸.

Apesar da clareza do excerto supracitado, é evidente que estas breves indicações não são suficientemente fortes para encerrarem de forma definitiva as discussões que circundam as tentativas de reconhecimento dos traçados primordiais dos mapas-múndi dos *Beatos*. Entretanto, ao percorrermos o extenso mosaico textual edificado pelo Beato de Liébana, evidenciamos a constante incidência de elementos provenientes da literatura isidoriana, fato que sem dúvidas sugere que este monge libaniego era um profundo admirador e conhecedor da obra de Santo Isidoro de Sevilha, e por tal razão, possivelmente possuía clara ciência dos postulados cosmográficos advogados por Isidoro em suas *Etymologiae*. Neste sentido, e segundo a tradicional visão da historiografia, estima-se inicialmente que o arquétipo cartográfico dos *Beatos* tenha sido idealizado em formato circular ou levemente oval, em estreita consonância com as concepções cosmográficas postuladas por Isidoro de Sevilha em meados do século VII:

*Orbis a rotunditate circuli dictus, quia sicut rota est; unde brevis etiam rotella orbiculus appellatur. Undique enim Oceanus circumfluens eius in circulo ambit fines. Divisus est autem trifarie: e quibus una pars Asia, altera Europa, tertia Africa nuncupatur. Quas tres partes orbis veteres non aequaliter dividerunt. Nam Asia a meridie per orientem usque ad septentrionem pervenit; Europa vero a septentrione usque ad occidentem; atque inde Africa ab occidente usque ad meridiem. Unde evidenter orbem dimidium duae tenent, Europa et Africa, alium vero dimidium sola Asia; sed ideo istae duae partes factae sunt, quia inter utramque ab Oceano mare Magnum ingreditur, quod eas intersecat. Quapropter si in duas partes orientis et occidentis orbem dividas, Asia erit in una, in altera vero Europa et Africa*⁷⁹.

⁷⁸ *Beatos*, Prefácio, 1, 12-15.

⁷⁹ *Etymologiae*, XIV, II, 1-3, *op. cit.*, 164-166.

Como temos visto, as ligações estabelecidas entre a literatura isidoriana e as formas primordiais do mundo dos *Beatos* parecem se tornar cada vez mais claras e evidentes, isto porque, a partir da contemplação das estruturas textuais incorporadas ao *Comentário ao Apocalipse*, evidencia-se o estabelecimento de uma íntima relação entre os traçados adotados pelo monge libaniego em seu mapa-múndi e os parâmetros cosmográficos postulados por Isidoro de Sevilha. Por fim, relembramos ainda que as descrições responsáveis pela a fundamentação dos traçados cartográficos no seio do *Comentário ao Apocalipse* são textos e excertos de obras isidorianas. Neste sentido, parece particularmente evidente que o Beato de Liébana certamente teria entrado em contato com as formas do mundo concebido por Isidoro de Sevilha, possivelmente buscando ali os modelos estruturais de seu mapa-múndi.

b) Presença, em todos os mapas-múndi remanescentes, de uma quarta parte do mundo que é adicionada ao tradicional modelo tripartido:

Uma das mais significativas ligações entre literatura medieval hispânica e os traçados cartográficos dos *Beatos* encontra-se expressa na inclusão representativa de uma quarta parte do mundo que é adicionada ao tradicional esquema tripartido do *orbis terrarum*⁸⁰. De fundamentação pré-isidoriana, estas peculiares representações estendem-se, ainda que sob formas textuais e iconográficas plenamente diferenciadas, a todos os dezesseis mapas-múndi remanescentes da tradição dos *Beatos*, fazendo destes os únicos testemunhos cartográficos alto-medievais a conservarem um traçado quadripartido.

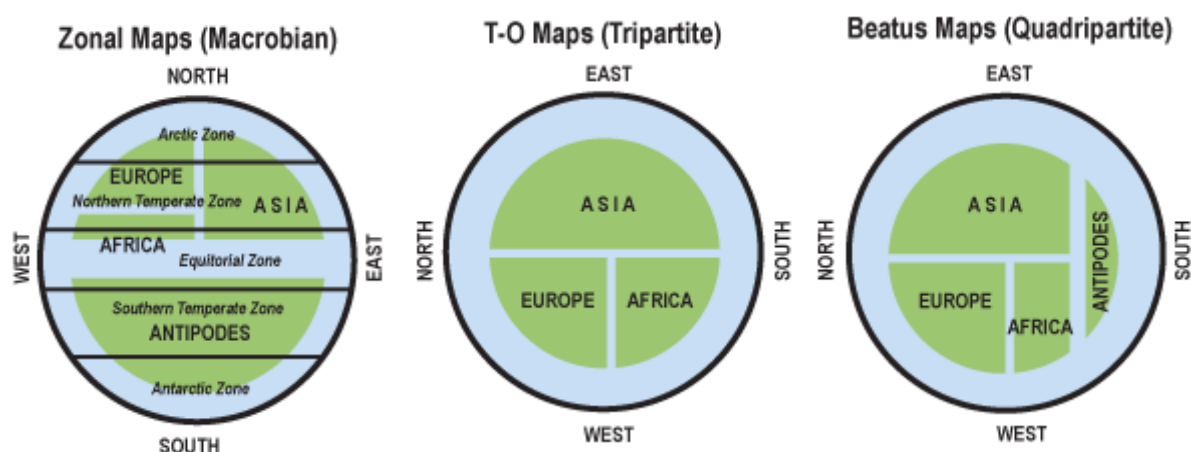


Figura 3 – Diagrama dos mapas zonais, tripartidos e quadripartidos. Adaptada de John Hamer e disponível em <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2a/Mappaemundi_vertical.gif>. Acesso em 23 Set. 2010.

⁸⁰ John Williams, *Isidore...*, p. 17.

Segundo David Woodward, estas singulares expressões cartográficas representam um estágio intermediário entre os mapas tripartidos e os mapas zonais⁸¹, onde os três continentes conhecidos são separados por um oceano equatorial que delimita os domínios de uma quarta parte, comumente designada como uma área árida, desconhecida e habitada por seres de origem imaginária.

As bases fundamentais desta importante concepção cosmográfica nos reportam aos escritos de Claudio Ptolomeu, astrónomo e geógrafo de Alexandria que já no século II d.C. assinalava a possível existência de uma terra desconhecida localizada no extremo Sul do grande *Indicus mare*. Incorporadas ao pensamento medieval, estas concepções foram amplamente defendidas e exaltadas por Isidoro de Sevilha que em meados do século VII descrevia em suas *Etymologiae* as propriedades de uma quarta parte do mundo situada além do oceano interior: “*Extra tres autem partes orbis quarta pars trans Oceanum interior est in meridie, quae solis ardore incognita nobis est; in cuius finibus Antipodes fabulose inhabitare produntur*”⁸².

No âmbito da cartografia, este breve excerto de “De Terra et partibus” foi responsável pela emergência de algumas das mais expressivas e singulares representações legadas pela cartografia alto-medieval. A primeira das representações conhecidas acerca desta quarta parte do mundo encontra-se expressa em um pequeno mapa-múndi que conservado na Biblioteca Apostólica Vaticana⁸³ em um códice das *Etymologiae*. Segundo John Williams, este mapa não está diretamente associado a nenhum excerto do texto que o acompanha, sendo, portanto, uma adição *a posteriori* ao dito códice⁸⁴. Entretanto, confirmando a estreita ligação estabelecida frente aos modelos cosmográficos isidorianos⁸⁵, observamos no mapa Vaticano Latino 6018 a inclusão de uma ilha alongada situada no extremo Sul da carta que é acompanhada da inscrição “*insola incognita [ard]ori solis iiii partes mundi*”.

De datação anterior ao século IX este controverso manuscrito apresenta-se como um elemento de fundamental importância para a compreensão dos modelos formativos dos mapas dos *Beatos*, visto que o Beato de Liébana e o autor deste mapa possivelmente trabalharam

⁸¹ “Intermediate between the tripartite and the zonal category of a mappaemundi is a third category, here named ‘quadripatite’”. David Woodward, “Medieval Mappaemundi”. In: John B. Harley e David Woodward (ed.), *op. cit.*, p. 296.

⁸² *Etymologiae*, XIV, V, 17.

⁸³ Roma, Biblioteca Apostólica Vaticana, Ms. Lat. 6018, ff. 63v.-64.

⁸⁴ “It has been recently observed that this map is not directly associated with any text by Isidore, merely bound into a codex containing a copy of the *Etymologiae*”. John Williams, *Isidore...*, p. 16.

⁸⁵ Segundo Williams, 93 das 135 legendas apresentadas pelo mapa Vaticano Latino 6018 encontram-se citadas na literatura isidoriana. Cf. IDEM, *ibidem*, p. 29, nota 35.

com modelos cartográficos muito similares, fazendo com que vários dos elementos expressos entre estas duas tradições encontrem correspondências entre si⁸⁶.

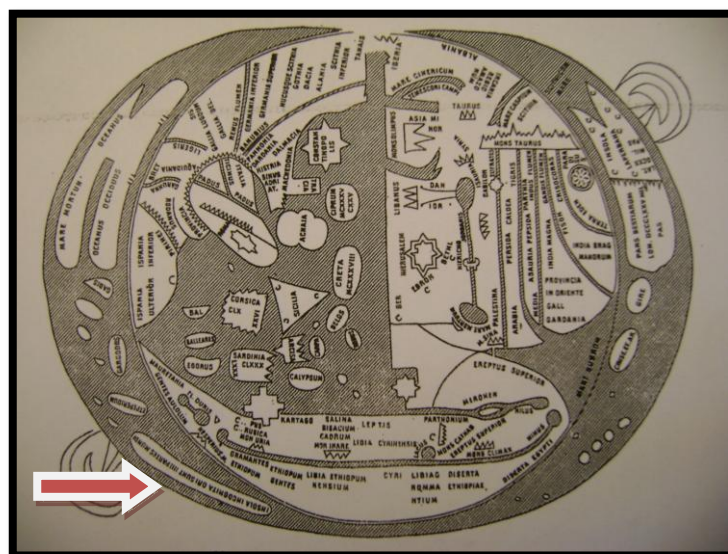


Figura 4 – Mapa Vaticano Latino 6018. Roma, Biblioteca Apostólica Vaticana Ms. Lat. 6018, ff. 63v-64. Extraída e adaptada de Gonzalo Menéndez Pidal, *Mozárabes y asturianos...*, p. 188.

No caso específico dos mapas dos *Beatos*, observamos que a proximidade estabelecida entre seus traçados e as descrições textuais apresentadas por Isidoro de Sevilha é tão evidente que em alguns casos o texto das *Etymologiae* XIV, V, 17 chega a ser transcrito *ipsis litteris* para o corpo dos mapas, servindo ali de legenda às representações cartográficas desta quarta parte do mundo.



Figura 5 – Detalhamento da quarta parte do mundo do *Beato* de Saint-Server. Paris, Bibliothèque Nationale, MS lat. 8878, ff. 45bis v - 45ter. Disponível em <<http://picasaweb.google.com/LunaBruna1/MapasDeLaEdadMedia#5114847077972034450>>.
Acesso em 21 Set. 2010.

⁸⁶ Gonzalo Menéndez Pidal, *op. cit.*, p. 189.

Inscrições: “*Extra tres autem partis orbis quarta pars trans oceanum interior estin meridie quase solis ardore incognita nobis est in cuius finibus antipodas fabulosae inhabitare produnt*”.

Elementos semelhantes podem ser igualmente evidenciados no mapa-múndi do *Beato* de Oña. Entretanto, diferentemente do observado no mapa de Saint-Server, neste caso específico, as inscrições que assinalam e fundamentam as representações cartográficas referentes à quarta parte do mundo são compostas por duas passagens próprias da literatura isidoriana, apresentando, para além do excerto das *Etymologiae*, XIV, V, 17, algumas breves descrições da principal fronteira entre o ecúmeno terrestre e as terras incógnitas, o *Mare Rubrum*. Segundo Luís Vázquez de Parga, investigador responsável pela descoberta e divulgação deste singular testemunho, “la importancia de este nuevo mapa, como testimonio de una rama de la ilustración de los Beatos, que en este aspecto concreto por lo menos, parece representativa de lo que pudiera haber sido el arquetipo”⁸⁷.

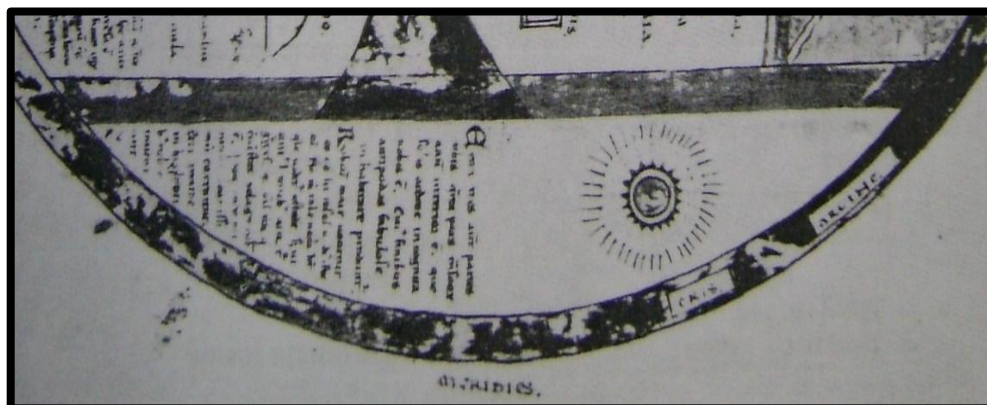


Figura 6 – Detalhamento da quarta parte do mundo no mapa-múndi do *Beato* de Oña. Milão, Biblioteca Ambrosiana, f. 105 sup. ff. 71v-72. Extraída e adaptada de Luis Vázquez de Parga, *Un mapa desconocido de la serie de los Beatos*, p. 277.

Inscrições: “*Extra tres autem partes orbis, quarta pars trans oceanum interior est, que solis ardore incognita nobis est. Cuius finibus antipodas fabulose inhabitare produntur*” (*Etymologiae*, XIV, V, 17) / “*Rubrum mare uocatur eo quod sit roseis undis infectum. Non tamen talem natura habet qualem uidetur ostendere sed uicinis litoribus uitiat gurges quia omnis terra que circumstat pelago rubra est ideoque inde minium acutissimum excernitur. Eciam gemme in his litoribus rubre inueniuntur*” (*Etymologiae*, XIII, XVII, 2-3).

Neste sentido, observa-se claramente que o contraste evidenciado entre o texto e as imagens apresentadas assinalou a existência de alguns casos de estreita proximidade entre os traçados cartográficos dos *Beatos* e o texto isidoriano que os fundamenta. De forma

⁸⁷ Luís Vázquez de Parga, “Un mapa desconocido...”, p. 276.

extremamente clara, observa-se que a ocorrência de transcrições literais das *Etymologiae*, tal qual apresentado nos mapas-múndi de Saint-Server e Oña, vem a corroborar com convicções defendidas até o presente momento.

c) **Inclusão de um pequeno mapa-múndi, traçado em formato esquemático, que acompanha as Tábuas Genealógicas de Cristo.**

Por fim, estas convicções ganham particular respaldo pela existência de um segundo mapa-múndi traçado junto a algumas das cópias remanescentes do *Comentário ao Apocalipse*. Concebido em formato puramente esquemático, este pequeno mapa T/O foi inserido em meio às Tábuas Genealógicas de Cristo⁸⁸, como forma de assinalar a divisão do mundo entre os filhos de Noé – Cam, Sem e Jafet – durante o início da segunda Era. Segundo Menéndez Pidal, estas fórmulas cartográficas, extremamente recorrentes no âmbito da cartografia medieval, devem-se fundamentalmente ao trabalho de São Eulógio que “*al copiar y completar el códice en uncial isidoriano [...] al dibujar en él el esquema de la tripartición continental de la tierra, añadió al modelo anterior los nombres de Sem, Cam y Jafet*”⁸⁹.

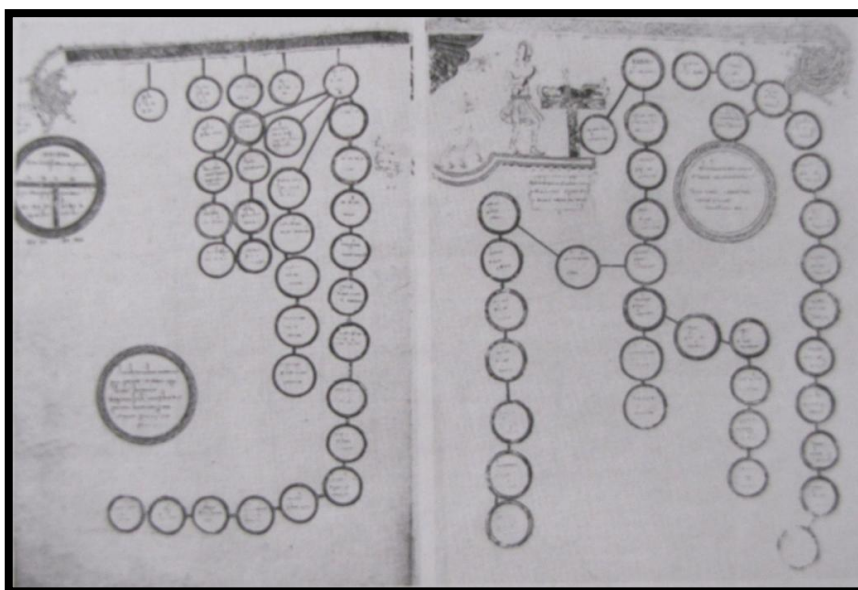


Figura 7 – Tábuas Genealógicas de Cristo do *Beato de Girona*. Girona, Museu de la Catedral de Girona, num. inv. 7(11), ff. 10v-11. Extraída e adaptada de John Williams, *The illustrated Beatus*, II, 1994.

⁸⁸ As Tábuas Genealógicas destinam-se à representação das seis idades da Terra expondo de forma esquemática toda a genealogia da humanidade desde Adão e Eva até o nascimento de Cristo, reforçando assim a ascendência sagrada deste.

⁸⁹ Gonzalo Menéndez Pidal, *op. cit.*, p. 190.

No caso específico dos *Beatos*, estas pequenas expressões cartográficas são comumente complementadas por breves epígrafes que remarcam esta divisão: “*Asia Sem accepit terram temperatam; Europa Jafet terram frigidam; Libia Cam terram calidam*”.

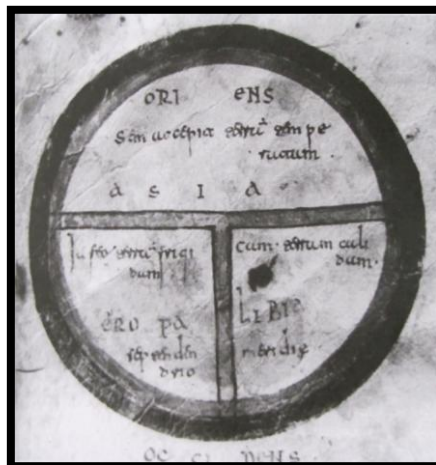


Figura 8 – Detalhamento do pequeno mapa-múndi T/O que acompanha as Tábuas Genealógicas de Cristo do *Beato de Tábara*. Madrid, Arquivo Histórico Nacional, cod. 1097B, f. 0v. Extraída e adaptada de John Williams, *The illustrated Beatus*, II, 1994.

Entretanto, é interessante assinalarmos que estas representações não se estendem a todos os códices nem mesmo a todas as edições pictóricas do *Comentário ao Apocalipse*. No caso do *Beato* de Morgan, manuscrito que não conserva tais representações, os filhos de Noé são assinalados por pequenas legendas expressas dentro de três círculos separados que complementam a representação de Noé no início da segunda Era: “*incipit secunda etas sciti; Noe filius Lamech*”⁹⁰. O que se observa, portanto, é que estas singulares expressões cartográficas estão fundamentalmente restritas a alguns códices das famílias IIa e IIb, sendo atualmente conservadas nos *Beatos* de Tábara, Girona, Facundus, Rylands, Turim, Cardeña e Saint-Server, manuscrito que como veremos a seguir assimila elementos próprios das famílias I e IIa. Dentre estas representações, observam-se poucas variações iconográficas e textuais, sendo que a maioria destas apresentam inscrições muito semelhantes ou mesmo idênticas as legendas adotadas pelo protótipo de Tábara.

A única representação que destoa significativamente destes modelos arquetípicos encontra-se expressa no *verso* do fólio 12 do *Beato* de Facundus. Datado de meados do século XI, este singular manuscrito curiosamente abandona as formas circulares anteriormente

⁹⁰ Epígrafe que acompanha a representação de Noé nas Tábuas Genealógicas de Cristo do *Beato* de Morgan, f. 5v.

apresentadas e adota um peculiar traçado quadrangular que, mantendo o tradicional esquema tripartido, apresenta os continentes sob a forma de três pequenos triângulos. Apesar de tais discrepâncias, a essência destas representações é rigorosamente a mesma, pois, independentemente das formas iconográficas apresentadas, a intenção de assinalar a divisão da Terra entre os três filhos de Noé é notória: “*Sem accepit terram temperatam; Jafet terra frigidam; Cam terra calidam*”.

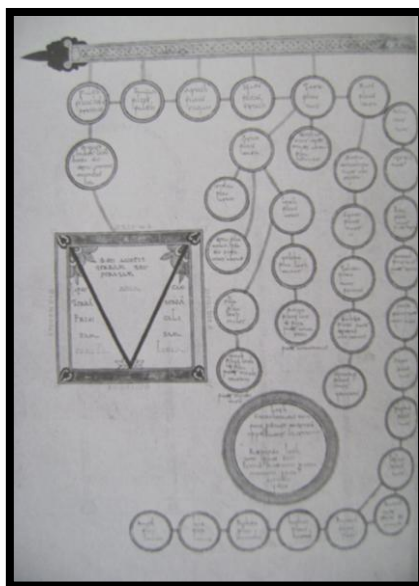


Figura 9 – Tábuas Genealógicas de Cristo do Beato de Facundus. Madrid, Biblioteca Nacional, MS. Vitrina 14-2, f. 12v. Extraída e adaptada de John Williams, *The illustrated Beatus*, III, 1998.

Tendo em vista os argumentos previamente apresentados, acreditamos que seja seguro afirmar que o arquétipo cartográfico dos *Beatos* tenha sido efetivamente concebido e traçado a partir das concepções e das formas legadas pelo pensamento cosmográfico isidoriano. Para Gonzalo Menéndez Pidal não restam dúvidas de que o mapa-múndi que ilustra o *Comentário ao Apocalipse* do Beato de Liébana representa a mais correta ilustração da concepção geográfica de Isidoro⁹¹. Ainda assim, é interessante salientarmos que os traçados cartográficos possivelmente apresentados pelas *Etymologiae* isidorianas eram simples croquis que fundamentalmente assinalavam a tripartição das terras emersas⁹² e que progressivamente passaram a assimilar os novos conceitos, estilos e necessidades que emanavam de visões específicas sobre as formas da Terra. A este respeito, Serafín Moralejo destaca:

⁹¹ Gonzalo Menéndez Pidal, *op. cit.*, p. 269.

⁹² IDEM, *ibidem*, p. 177.

“Quien, como Isidoro, vio en letras y palabras cifras cuasi icónicas de la realidad, no podía sustraerse a la fascinación de una fórmula que se erigía a la vez en nombre e imagen de lo representado: en su híbrida figura etimológica. A ello se añadía el refrendo de una historia, igualmente, estilizada, que atribuía el poblamiento del orbe a las tres razas descendientes de los hijos de Noé. El escenario de la inicial dispersión de la humanidad – de la carne –, vendría luego a conocer la diáspora del espíritu”⁹³.

Sendo que a referida “diáspora do espírito” sinaliza mais uma das tantas adições que incidem sobre os traçados isidorianos. Neste caso específico, fazendo clara referência as representações próprias do mundo dos Beatos. Assim sendo, compreende-se, do texto ao traçado cartográfico, que a ampla apropriação de textos e excertos provenientes de obras como as *Etymologiae* ou mesmo do *De Ortu et Obitu Patrum* parecem evidenciar que o Beato de Liébana era um grande apreciador e conhecedor da vasta literatura isidoriana, e certamente teria extraído daí os alicerces estruturais para os primeiros traçados cartográficos que seriam incorporados à seu *Comentário ao Apocalipse*.

Por outro lado, vemos que atualmente apenas uma parcela bastante reduzida de testemunhos conserva a forma e o conteúdo original do arquétipo cartográfico traçado pelo Beato de Liébana em finais do século VIII, isto por que, tal como analisaremos com maior atenção e profundidade no capítulo seguinte, muitas destas formas e representações passam a ser progressivamente suprimidas do universo cartográfico dos *Beatos*. Em termos absolutos, somente quatro dos dezesseis mapas-múndi remanescentes apresentam um vínculo direto com arquétipo dos *Beatos*, sendo que somente os mapas de Osma, Lorvão, Oña e San Pedro de Rocas apresentam parte considerável das reminiscências formativas destes modelos primordiais. Reforçando tais argumentos, Peter Klein relembra que somente os descendentes diretos desta primeira redação pictórica conservam a intenção original dos mapas-múndi dos *Beatos*, isto é, de ilustrar a diáspora dos Apóstolos a partir da inclusão de suas cabeças nas regiões ou cidades de sua missão evangelizadora⁹⁴.

⁹³ Serafín Moralejo, *op. cit.*, pp. 152-153.

⁹⁴ Peter K. Klein, *op. cit.*, p. 105.

3. As *Sortes Apostolorum* e suas particularidades representativas

De simples traçados esquemáticos a imponentes cartas-murais, a tradicional tripartição do *orbis terrarum* exaltada em princípios do século V por Paulo Orósio e reafirmada por Santo Isidoro de Sevilha em meados do século VII constitui indubitavelmente a célula-tronco das concepções e representações cartográficas alto-medievais. Por sua simplicidade elementar, este importante modelo permaneceu aberto a visões particulares que enxergavam, para além de seus traçados primordiais, as mais diversas possibilidades de representação gráfica de espaços reais e imaginários. Nutridos pelos próprios textos que fundamentavam suas predicações iniciais, estes cartogramas primitivos deram origem a uma imensurável rede de representações que apesar de suas latentes disparidades iconográficas, mantiveram viva a essência de um traçado comum. As reminiscências simbólicas deste importante modelo subsistiram ao longo dos séculos, encontrando correspondentes diretos até os nossos dias. Entretanto, não restam dúvidas que foi na imponente produção cartográfica dos *Beatos*, um dos capítulos mais amplos e homogêneos da cartografia ocidental até princípios do século XIII⁹⁵, que os postulados cosmográficos orósio-isidorianos encontram suas principais e mais lineares expressões gráficas.

Neste sentido, seguindo os objetivos inicialmente propostos pela presente investigação, nossos olhares estarão particularmente direcionados às formas representativas das chamadas *Sortes Apostolorum*. Para tal, destacamos nossas análises serão inicialmente realizadas de modo seccionado, buscando no seio de cada uma das famílias de mapas dos *Beatos* a essência dos modelos que fundamentam o aparecimento representações cartográficas específicas. E, em um segundo momento, partiremos para o contraste direto entre estes modelos a fim de assinalarmos as prováveis causas responsáveis pela contínua transformação destas singulares representações.

3.1. A família I e as reminiscências representativas do arquétipo dos *Beatos*

Apesar de desconhecidas, algumas das fórmulas originalmente expressas no arquétipo cartográfico dos *Beatos* podem ser atualmente reconhecidas nos mapas-múndi dos *Beatos* de Osma⁹⁶, no fragmento de Lorvão⁹⁷, em Navarra⁹⁸, Oña⁹⁹, na pintura-mural de San Pedro de

⁹⁵ Serafín Moralejo, *op. cit.*, p. 151.

⁹⁶ Burgo de Osma, Archivo de la Catedral, Cod. 1, ff. 34v-35.

⁹⁷ Lisboa, DGARQ/ANTT, MS. Lorvão 43, f. 34 bis v.

Rocas e, em partes, nos traçados do mapa de Saint-Server, manuscrito de tradição mista que converge em suas imponentes representações elementos próprios das famílias I e IIa. Fundamentados por uma essência comum, mas nutridos por fontes e intenções díspares, os testemunhos remanescentes desta família primitiva são particularmente remarcados pela imponente heterogeneidade de suas representações, elemento que se estende desde seus traçados primordiais à toponímia apresentada. Dentre os manuscritos supracitados observa-se a ocorrência de pelo menos três traçados sensivelmente diferenciados: um circular evidenciado nos mapas-múndi dos *Beatos* de Osma, Lorrão, Oña e San Pedro de Rocas; um segundo modelo oval expresso no mapa de Saint-Server; e um último e intrigante traçado adotado pelo mapa-múndi do *Beato* de Navarra.

No seio de uma família composta por expressivos particularismos, as representações cartográficas legadas pelos mapas-múndi desta família primitiva dos *Beatos* inviabilizam consideravelmente a tentativa de estruturação de um modelo uniforme que se possa adequar satisfatoriamente a todos seus testemunhos. De fato, estamos a tratar de um universo analítico plenamente reduzido pelas imponentes condicionantes dos manuscritos remanescentes e, sobretudo, pela ausência de outros mapas que venham a confirmar ou refutar definitivamente as teorias que circundam os elementos primordiais de sua criação. No caso específico da família I, estas dificuldades são igualmente reforçadas pela ocorrência de estilos iconográficos diferenciados que assinalam as tantas especificidades formativas de seus membros. Apesar da reduzida dispersão temporal de seus testemunhos, que se restringe de meados do século XI até finais do XII, é interessante destacarmos que, oscilando entre o românico, o moçárabe e o gótico, os seis mapas-múndi que de alguma forma assimilaram os traçados primitivos do mundo dos *Beatos* apresentam pelo menos três modelos diferenciados de representação cartográfica das *Sortes Apostolorum*, elemento que evidentemente suscitou mais problemas que propriamente soluções.

3.1.1. O mapa-múndi do *Beato* de Osma

Iniciado no ano de 1086¹⁰⁰, o códice que atualmente se conserva no Arquivo da Catedral do Burgo de Osma abriga em seus fólios aquele que se imagina ser o mais

⁹⁸ Paris, Bibliothèque Nationale, nouv. acq. lat. 1366, ff. 24v-25.

⁹⁹ Milão, Biblioteca Ambrosiana, F. 105 supr., ff. 71v-72.

¹⁰⁰ “*Incipit liber Apocalipsin quod interpretatur revelatio XPL Era CXXIII QT III NS IN*”. *Apud.* John Williams, *The illustrated Beatus*, III, p. 19.

expressivo e completo testemunho dos traçados cartográficos originalmente concebidos pelo Beato de Liébana em finais do século VIII. Iluminado por *Martinus*¹⁰¹ possivelmente no mosteiro clunisiense de Sahagún¹⁰², o mapa-múndi do *Beato* de Osma é o único dos quinze manuscritos remanescentes que, seguindo estritamente os parâmetros codicológicos de sua tradição, apresenta a totalidade das representações arquetípicas referentes às *Sortes Apostolorum*.

Neste sentido, tal como sugerem as descrições textuais previamente contempladas, a representação da diáspora apostólica no mapa-múndi do *Beato* de Osma se faz por intermédio da inclusão dos bustos de cada um dos doze Apóstolos situados em seus respectivos locais de predicação evangélica. Ocupando cerca de três quartos do mapa e dispersos ao longo dos três continentes, as imagens nimbadas dos Apóstolos encontram-se assentadas em pequenas bases retangulares ornamentadas por diferentes motivos decorativos. Traçada em estilo românico, a representação dos Apóstolos é feita de forma isocefálica, não apresentando, portanto, grandes nuances iconográficas nos traços e nas formas de seus rostos. Finalmente, ao lado de cada uma destas pequenas imagens, observa-se a inclusão de duas breves epígrafes que assinalam o nome e a região do Apóstolo representado.



Figura 10 – Mapa-múndi do *Beato* de Osma. Burgo de Osma, Arquivo de la Catedral, cod. 1, ff. 34v-35. Disponível em <<http://picasaweb.google.com/LunaBruna1/MapasDeLaEdadMedia#5269291142980676770>>. Acesso em 21 Set. 2010.

¹⁰¹ “*Martini Pecatoris mementote*”. *Beato* de Osma, f. 163. *Apud*. Gonzalo Menéndez Pidal, *op. cit.*, p. 216.

¹⁰² É interessante ressaltarmos que a introdução da *ordo cluniacensis* no dito mosteiro é muito próxima à produção do código do *Beato* de Osma, sendo realizada em 1080 no cerne de um extenso processo de reforma dos mosteiros beneditinos.

Entretanto, neste contexto de aparente homogeneidade iconográfica duas representações despertam particular interesse e atenção, pois, diferentemente dos modelos anteriormente descritos, as imagens dos Apóstolos Pedro e Tiago (Santiago Maior) são representadas no interior de dois pequenos edifícios que simbolizam seus respectivos santuários. Assim sendo, Pedro, tal como ditam as fontes bíblicas e histórico-arqueológicas, é representado em Roma junto à basílica que carrega seu nome sendo que, pela datação do mapa-múndi de Osma (c. 1086), torna-se evidente que o manuscrito faz referência à chamada antiga basílica de São Pedro, edificada sob o império de Constantino entre os anos de 326 e 333. Por outro lado, Tiago, representado na região da *Gallecia*, ocupa o interior da basílica românica de Compostela, obra contemporânea à ilustração do *Beato* de Osma iniciada durante o reinado de Alfonso VI em 1075 e concluída somente no ano de 1128.



Figura 11 – Detalhamento do continente europeu no mapa-múndi do *Beato* de Osma. Burgo de Osma, Arquivo de la Catedral, cod. 1, f. 34v-35. Adaptado de <<http://picasaweb.google.com/LunaBruna1/MapasDeLaEdadMedia#5269291142980676770>>. Acesso em 12 Set. 2010.

De traçado muito semelhante ao edifício que abriga o apóstolo Pedro, a basílica de Compostela destaca-se pelo tamanho de suas representações. O esmero iconográfico atribuído as representações de Santiago pode ser inicialmente compreendido se considerarmos o fato desta tradição ter sido cultivada fundamentalmente dentro dos limites da Marca Hispânica, sendo inclusive germinada pelas mãos de um grande devoto de Santiago¹⁰³. Sob uma

¹⁰³ A este respeito, cf. Carlos Cid, “Santiago el Mayor en el texto y en las miniaturas de los códices del *Beato*”. In: *Compostellanum*, X, (1965), pp. 231-282.

perspectiva holística, observa-se claramente que o culto à Santiago de Compostela sempre foi um elemento que se manteve muito próximo ao universo dos *Beatos*, ver-se, por exemplo, o intenso valor litúrgico que emana do referido hino *O Dei Verbum*, obra escrita pelo Beato de Liébana em homenagem e louvor ao dia de Santiago. A estes aspectos, há de somar-se ainda a crescente importância espiritual assumida pela região da Galícia à medida que os diversos caminhos que levavam à Compostela se consolidavam como uma das mais importantes rotas de peregrinação da Europa ocidental.

Tendo em vista tais elementos, Serafín Moralejo acredita que a função original de ilustrar a missão dos Apóstolos, que justificava os mapas do *Comentário ao Apocalipse* do Beato de Liébana, é progressivamente sobreposta pela intenção de indicar os locais onde se veneravam suas relíquias ou mesmo as marcas de seus passos. Nesta perspectiva, os mapas-múndi dos *Beatos* passavam de expressões da ‘geografia da evangelização’ para remarcarem a sacralidade de uma ‘geografia das peregrinações’¹⁰⁴. Em outras palavras, acredita-se que seja possível que estas representações cartográficas, tal como apresentadas pelo mapa-múndi de Osma, possam ter sido pensadas e traçadas enquanto verdadeiras imagens de culto.

Entretanto, é importante que se diga que esta ‘geografia das peregrinações’, inicialmente referida por Carlos Cid e posteriormente reafirmada por Serafín Moralejo, deve ser preponderantemente interpretada segundo sua dimensão espiritual e não física. Dotadas de um amplo sentido simbólico, estas imagens conferiam a um espaço físico a importância e a transcendência de um universo plenamente sagrado. Portanto, não podemos simplesmente fechar os olhos e renegar os sentidos espirituais inerentes a tais representações acreditando que, tal como nossos mapas-múndi, estas expressões cartográficas destinavam-se única e exclusivamente a remarcar os limites geográficos de um espaço positivo e geométrico, que nas palavras de Mircea Eliade, “*pode ser cortado e delimitado seja em que direção for, mas entre suas partes não existirá nenhuma diferença qualitativa, mantendo a homogeneidade e a relatividade de um espaço profano*”¹⁰⁵. Ainda que estas imagens viessem a evocar as exaltações espirituais do longo e árduo caminho que levava até a sepultura de Santiago, estes mapas nunca assumiram um sentido propriamente operacional, direcionando e amparando a viagem dos peregrinos que se lançavam a esta longa jornada.

¹⁰⁴ Serafín Moralejo, *op. cit.*, p. 159.

¹⁰⁵ Mircea Eliade, *op. cit.*, p. 36-37.

3.1.2. O mapa-múndi do *Beato* de Lorvão

Finalizado no ano de 1189¹⁰⁶ no mosteiro beneditino de São Mamede de Lorvão, o códice que atualmente se conserva em Lisboa no Arquivo Nacional da Torre do Tombo¹⁰⁷ abriga em seus fólios umas das mais primitivas formas pictóricas legadas pela tradição dos *Beatos*, sendo a única das cópias ilustradas do *Comentário ao Apocalipse* procedente de um *scriptorium* português¹⁰⁸. Iluminado em estilo românico por um tal *Egeas*¹⁰⁹, o *Beato* de Lorvão adota uma peculiar fórmula iconográfica e cromática, pouco típica do meio monástico em que fora produzido, elemento que ainda hoje fomenta uma imensurável série de dúvidas e questionamentos que circundam as expressões primordiais de sua criação¹¹⁰. Por outro lado, Alexandre Herculano exalta que “o valor deste códice está principalmente nas suas bárbaras iluminuras, onde se encontram muitos espécimes autênticos de trajos, alfaia, e arquitectura do século XII, raros em Portugal”¹¹¹.

De encadernação recente, reconstituída por volta do ano de 1930, o códice de Lorvão não conserva a totalidade de suas expressões textuais e iconográficas originais. Dentre estas inestimáveis perdas está uma das metades de seu mapa-múndi, iluminura descoberta em princípios da década de 1930 que não estava incluída na foliação moderna do dito códice. As primeiras notícias a seu respeito foram publicadas somente em 1933 por Youssouf Kamalem sua *Monumenta Cartographica Africae et Aegypti*¹¹². Atualmente, a parte remanescente de seus traçados cartográficos encontra-se situada, em posição invertida, entre os fólios 34 e 35.

Entretanto, para além das tantas condicionantes impostas ao estudo sistemático deste manuscrito, observa-se que o estilo cartográfico adotado pelo códice de Lorvão está

¹⁰⁶ “*Iam liber est scriptus, qui scripsit sit benedictus. ERA M:CC:XX.VII*”. DGARQ/ANTT, MS. Lorvão 43, f. 219v.

¹⁰⁷ Segundo a nota autógrafa escrita por Alexandre Herculano e colada no interior da capa do *Beato* de Lorvão, este códice lhe foi entregue pelas freiras de Lorvão no ano de 1853 para fazê-lo depositar no Arquivo da Torre do Tombo, a que desde então, ficou pertencendo. *Apud.* Anne de Egry, *op. cit.*, p. 9.

¹⁰⁸ Em seu estudo acerca do códice de Lorvão, Peter Klein relembra que a cópia do *Comentário ao Apocalipse* datada do século XIII e procedente da abadia cisterciense de Alcobaça (Lisboa, Biblioteca Nacional, Ms. Alc. 247) carece de ilustrações, fazendo de Lorvão a única cópia ilustrada produzida em território português. Cf. Peter K. Klein, *Beato de Liébana: la ilustración de los manuscritos de Beato y el Apocalipsis de Lorvão* (ed. bilíngüe). Valencia: Patrimonio Ediciones, 2004, p. 11.

¹⁰⁹ “*Ego Egeas qui hunc librum scripsi si in aliquibus a recto tramite exivi. Deloquenti indulgeat Karitas que omnia superat. Amen*”. *Apud.* Anne de Egry, *op. cit.*, p. 91.

¹¹⁰ Segundo Peter Klein, “uno de los aspectos más singulares, sino espectacular, de este Beato es el colorido de sus ilustraciones, aunque rara vez lo menciona la bibliografía y, cuando lo hace, suele ser em términos negativos, refiriéndose a la reducida escala de colores”. Cf. Peter K. Klein, *La ilustración de los manuscritos de Beato...*, p. 31.

¹¹¹ *Apud.* Anne de Egry, *op. cit.*, p. 9.

¹¹² Youssouf Kamalem, “Fragment d’une mappemonde dite de *Beatus* du XI^e. siècle”. In: *Monumenta Cartographica Africae et Aegypti*, tomo III, fasc. 3, fol. 745.

fundamentalmente assentado em formas extremamente retilíneas que delimitam os domínios continentais e oceânicos. Revelando uma toponímia relativamente reduzida, sobretudo se diretamente confrontada com o mapa de Osma, a parte remanescente do mapa-múndi de Lorvão não apresenta grandes expressões iconográficas para assinalar suas cidades, acidentes naturais ou mesmo elementos bíblicos e simbólicos. Apenas algumas poucas cidades, a exemplo de Jerusalém, são representadas por dois retângulos sobrepostos seguidos de seus respectivos topônimos. Ao longo do círculo terrestre observa-se ainda a inclusão de quatro pequenas ilhas retangulares – *Tabroiane*, *Cors-Agire*, *Espendum* e *Furtuniac* – que são intercaladas pela representação de alguns peixes. No extremo Oriente do mapa, tal como dita a tradição bíblica, o paraíso terrenal é representado por um pequeno semicírculo que acompanha a inscrição *fons paradisi*, local onde nascem os quatro rios mencionados no Gênesis¹¹³, sendo que curiosamente somente dois deles estão representados no mapa de Lorvão: Tigre e Eufrates.

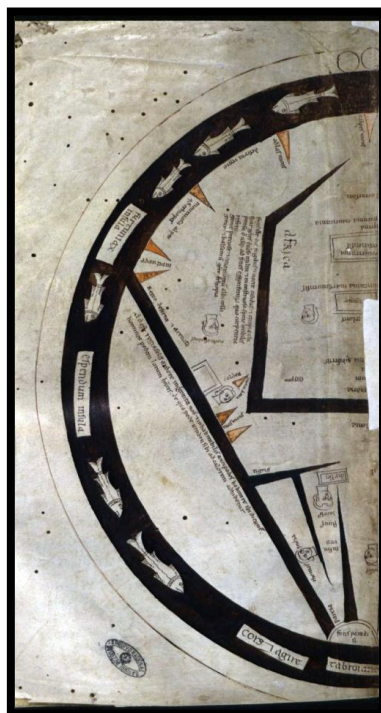


Figura 12 – Parte remanescente do mapa-múndi do Beato de Lorvão. Lisboa, DGARQ/ANTT, Ms. Lorvão 43, f. 34bis v. Disponível em:

http://ttonline.dgarq.gov.pt/dserve.exe?dsqServer=calm6&dsqIni=imagens.ini&dsqApp=Archive&dsqCmd=ImageView.tcl&dsqDb=Images&dsqImage=TES04\TT-MSML-B-44_{1-int-34v-35}_c0073.jpg. Acesso em: 26 Set. 2010.

¹¹³ “E saía um rio do Éden para regar o jardim; e dali se dividia e se tornava em quatro braços. O nome do primeiro é Pisom; este é o que rodeia toda a terra de Havilá, onde há ouro. E o ouro dessa terra é bom; ali há o bdélio, e a pedra sardônica. E o nome do segundo rio é Giom; este é o que rodeia toda a terra de Cuxe. E o nome do terceiro rio é Tigre; este é o que vai para o lado oriental da Assíria; e o quarto rio é o Eufrates”. BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1985, Gênesis, 2:10-14.

Neste contexto de ausências e aparente simplicidade iconográfica, o único destaque cromático fica a cargo da representação de pequenos montes (*mons*), algumas vezes designados como Alpes, que recebem uma coloração laranja, elemento que evidentemente se destaca frente às cores negras utilizadas na representação dos cursos dos rios e oceano. Estas constatações certamente fazem deste um caso extremamente específico dentro da tradição cartográfica dos *Beatos*. Segundo Serafín Moralejo não restam dúvidas de que, por estes e muitos outros aspectos de sua ilustração, o códice de Lorvão é o que parece documentar a forma mais primitiva da tradição pictórica dos *Beatos*, sobretudo por seu esquematismo elementar¹¹⁴.

Relativamente às representações que particularmente nos interessam, observa-se que seguindo estritamente os parâmetros pictóricos adotados pelo programa iconográfico do *Beato* de Lorvão, a representação das *Sortes Apostolorum* em seu mapa-múndi é feita por intermédio da inclusão de pequenas cabeças que, sem qualquer espécie de coloração ou atributos, assinalam as diferentes terras evangelizadas pelos Apóstolos de Cristo. Entretanto, limitado à porção austral do *orbis terrarum*, este mapa-múndi conserva atualmente a representação de somente seis Apóstolos: João representado na Ásia próximo a *fons paradisi*; Tiago irmão do Senhor junto à cidade de Jerusalém; Tomás na Índia; Simão Zelotes nas proximidades do Egito; Mathias na Judéia; e um sexto e último apóstolo que aparece sem qualquer referência nominal, situado próximo a *Caldea*, região a Sul da Mesopotâmia. Recorrendo a tradição literária das *Sortes Apostolorum* verifica-se que a Mesopotâmia é uma região apostólica comumente vinculada à ação evangelizadora de São Judas Tadeu, apóstolo descrito pelo texto isidoriano como *Iudas frater Iacobi*¹¹⁵, que curiosamente não encontra qualquer outra menção textual ou cartográfica em nenhum outro códice dos *Beatos*.

As especificidades dos traçados cartográficos do *Beato* de Lorvão são igualmente reforçadas pela representação de seis dos doze Apóstolos na porção austral de seu mapa, evidência que não se verifica em nenhum outro testemunho remanescente da família I. No caso dos *Beatos* de Osma e Oña, manuscritos que conservam em seus mapas-múndi a representação iconográfica das *Sortes Apostolorum*, observa-se a presença de somente três Apóstolos no hemisfério sul: Simão Zelotes no Egito, Tiago em Jerusalém e Tomás na Índia.

Neste contexto de grandes contrastes e particularismos, Anne de Egry advoga a hipótese de que o códice e o mapa de Lorvão não somente foram copiados do modelo mais antigo dos comentários, mas o mapa, possivelmente, foi copiado de um modelo ou descrição

¹¹⁴ Serafín Moralejo, *op. cit.*, p. 159.

¹¹⁵ *De ortu et obitu Patrum*, 80, 1-2, *op. cit.*, p. 215-216.

de origem orosiana¹¹⁶. Segundo esta, as epígrafes apresentadas pelo mapa de Lorvão, diferentemente das verificadas em Osma, parecem extraídas dos postulados geográficos apresentados descritos no primeiro dos sete livros da *Historia adversus Paganos* de Paulo Orósio. Por outro lado, observa-se igualmente que apesar da simplicidade de suas formas, as evidentes semelhanças iconográficas frente ao já referido mapa-múndi de Osma parecem indicar a possibilidade de que o *Beato* de Osma seja uma cópia da cópia do modelo de Lorvão visto que, segundo John Williams, a ligação entre estes dois manuscritos é perfeitamente visível¹¹⁷.

3.1.3. O mapa-múndi do *Beato* de Oña

O mapa-múndi do *Beato* dito de Oña é um manuscrito avulso conservado na Biblioteca Ambrosiana de Milão em uma cópia miscelânea das *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha. Produzido em finais do século XII no mosteiro clunisiense de Oña, o mapa em questão foi descoberto ao acaso por Luis Vázquez de Parga em 1955, sendo apresentado à comunidade científica somente em meados da década de 1970 no decorrer do *Simposio para el estudio de los códices del 'Comentário al Apocalipsis' de Beato de Liébana*. Deste então, infelizmente muito pouco se avançou acerca das tentativas de compreensão e elucidação dos elementos primordiais deste manuscrito.

Adotando formas e representações extremamente semelhantes ao mapa-múndi de Osma, é particularmente visível que os traçados cartográficos legados pelo códice desaparecido do *Beato* de Oña conservam muitas das representações originalmente expressas no arquétipo cartográfico dos *Beatos*, afirmação que pode ser reforçada pelo contraste toponímico empreendido junto ao mapa de Osma, ação que revelou a correspondência de cerca de dois terços dos topônimos apresentados entre estes mapas.

Neste mesmo sentido vemos que a tradicional tripartição do *orbis terrarum*, as epígrafes isidorianas que acompanham e fundamentam as representações cartográficas do quarto continente e, sobretudo as formas iconográficas adotadas para a representação das *Sortes Apostolorum* parecem confirmar definitivamente a filiação deste testemunho junto à tradição cartográfica dos *Beatos*. Portanto, ainda que este singular manuscrito represente uma adição *a posteriori* ao códice que atualmente o abriga, Luis Vázquez de Parga, ressalta que em muitos aspectos de sua ilustração o mapa-múndi do *Beato* de Oña aproxima-se

¹¹⁶ Anne de Egry, *op. cit.*, p. 135-136.

¹¹⁷ John Williams, *The illustrated Beatus*, III, p. 19.

significativamente dos traços originalmente expressos pelo arquétipo cartográfico dos Beatos¹¹⁸.



Figura 13 – Mapa-múndi do Beato de Oña. Milão, Biblioteca Ambrosiana, f. 105 sup. ff. 71v-72. Extraída de Luis Vázquez de Parga, *Un mapa desconocido de la serie de los Beatos*, p. 277.

Retomando muitos dos aspectos anteriormente contemplados, neste caso específico a representação das *Sortes Apostolorum* é igualmente feita por intermédio da inclusão das pequenas cabeças nimbadas dispersas ao longo de todo ecúmeno terrestre. Adotando um estilo relativamente mais simples, muito semelhante aos traçados legados pelo Beato de Lorvão, o mapa de Oña faz uso de breves epígrafes que nomeiam cada um dos doze Apóstolos e assinalam as respectivas Terras Apostólicas. Os únicos destaques iconográficos apresentados por este mapa são verificados junto às representações dos Apóstolos Pedro e Paulo em Roma e de Santiago, irmão do Senhor, em Jerusalém, cidades que são representadas por dois retângulos sobrepostos.

¹¹⁸ Luís Vázquez de Parga, *op. cit.*, p. 276

3.1.4. O mapa-múndi do *Beato* de Navarra

Datado de finais do século XII, o códice 1366 da Biblioteca Nacional de Paris conserva em seus fólios o mais recente testemunho iconográfico das formas originalmente legadas pela primeira redação pictórica do *Comentário ao Apocalipse*. Um manuscrito que se diferencia sensivelmente dos demais testemunhos desta família primitiva dos *Beatos*, sobretudo pela homogeneidade de suas formas iconográficas e cromáticas¹¹⁹. De origem amplamente questionável, o *Beato* dito de Navarra apresenta-se como um manuscrito particularmente remarcado pela expressiva carência de signos identitários. Traçado em estilo românico tardio, a regularidade dos procedimentos técnicos postos em prática durante a execução de suas formas iconográficas restringe consideravelmente as possibilidades de concepção de algum tipo juízo plenamente conclusivo acerca de suas origens e de seu parentesco genético¹²⁰. Apesar dos paralelismos iconográficos evidenciados a partir do contraste direto com outras cópias do *Comentário ao Apocalipse*, efetivamente muito pouco sabemos acerca do possível ambiente letrado responsável por sua produção. Neste sentido, Elisa Ruiz destaca que as análises paleográficas empreendidas sobre o códice 1366 da BNF revelaram que este manuscrito teria sido provavelmente confeccionado em um ambiente monástico cisterciense ou diretamente influenciado pela produção livresca desta ordem¹²¹.

Permeado por dúvidas e incertezas, o estudo sistemático do presente códice sempre suscitou fortes divergências historiográficas. Neste sentido, alguns estudiosos acreditam que o enquadramento geográfico deste singular manuscrito possa ser determinado a partir da representação de um elemento extremamente singular dentro do *corpus* iconográfico dos *Beatos*. A este respeito, François Avril afirma que:

*“Le ms., d’origine et de provenance inconnues, est habituellement attribué à la Navarre ou à la Gascogne. La mention exceptionnelle d’Astorga sur la mappemonde, fol. 25 (de plus, si tous les autres noms sont accompagnés d’un édifice stylisé, celui d’Astorga seul s’inscrit dans une roue dentée) fournit peut-être une indication, sinon d’origine, du moins de provenance, le ms. ayant pu être exécuté pour une église de cette ville ou de ce diocèse”*¹²².

¹¹⁹ John Williams, *The illustrated Beatus*, V, p. 35.

¹²⁰ Elisa Ruiz García, “Génesis y historial del códice”. In: *Beato de Liébana: códice de Navarra* (ed. facs.). Madrid: Millenium Liber, 2007, p. 73.

¹²¹ IDEM, *ibidem*, p. 69.

¹²² François Avril; Jean-Paul Aniel; Mireille Mentré (eds.). *Manuscrits enluminés de la Bibliothèque Nationale. Manuscrits de la Péninsule Ibérique*. Paris: Bibliothèque Nationale, 1982, p. 66.

A origem leonesa deste códice fora igualmente defendida por Sandra Sáenz-López Pérez, que em seu breve estudo acerca da origem do *Beato* dito de Navarra, conclui:

*“Su imagen, entendida como una rueda de paletas de un molino de agua, contribuye a afirmar un origen astorgano para este manuscrito – frente al navarro, gascón o riojano, mantenidos hasta la actualidad – pues los molinos constituyeron en la Edad Media una parte esencial del paisaje de esa región, y como tal se ilustra la ciudad. Dicho origen astorgano permite explicar que el mapa de este manuscrito guarde semejanzas con otros del Comentario al Apocalipsis como el de Burgo de Osma, vinculado a dicha diócesis. Y quizá, por todo ello, deberíamos conocer esta obra a partir de ahora como el Beato de Astorga”*¹²³.



Figura 14 – Detalhamento da roda dentada de Astorga no mapa-múndi do *Beato* de Navarra. Reprodução fotocopiada da edição fac-símile.

Entretanto, refutando os argumentos até então apresentados, muitos historiadores consideram que a origem mais provável deste manuscrito esteja efetivamente vinculada à região de Navarra. Segundo John Williams:

*“A Navarrese background for this Commentary is provided by a document that was originally an end paper and now appears at the end of the manuscript. It is a copy of an act of Charles III of Navarre dated 4 May 1389 [...]. There are no Leonese counterparts for the singular style however. The Navarrese document does no more than indicate that this Beatus was in Navarre by the fourteenth century, and the illuminated manuscripts in the Archivo General de Navarra and Cathedral of Pamplona provide no counterpart for the singular style of this Beatus”*¹²⁴.

¹²³ Sandra Sáenz López, “Sobre el origen astorgano del *Beato* Navarro: una rueda de molino para la imagen astorga de su *mappamundi*”. In: *Actas del Congreso Internacional de Molinología*. Madrid: [s.d], p. 181.

¹²⁴ John Williams, *The illustrated Beatus*, V, p. 35-36.

Situado no cerne de um extenso contexto permeado por dúvidas e incertezas historiográficas, o mapa-múndi do *Beato* de Navarra é, portanto, um manuscrito que deve ser analisado com particular cuidado e atenção, pois, de fato não restam dúvidas de que estamos perante a um caso extremamente específico. A excentricidade de suas particularidades inicia-se no próprio traçado fundamental do *orbis terrarum* e estende-se a praticamente todas as representações cartográficas primordialmente expressas no mundo dos *Beatos*.

Diferentemente das formas circulares ou retangulares apresentadas pelos demais mapas remanescentes dos *Beatos*, os traçados cartográficos apresentados pelo *Beato* de Navarra são praticamente indescritíveis, não encontrando nenhum correspondente próximo dentro da tradição cartográfica que o fundamenta. Sandra Sáenz-Lopes destaca ainda que não existe uma orientação geográfica definida uma vez que as distintas províncias, regiões e cidades dos três continentes entre mesclam entre si¹²⁵.

Seguindo este conturbado contexto iconográfico, o mapa de Navarra destaca-se igualmente por apresentar uma estranha rotação de 90 graus em sentido anti-horário, fazendo com que os continentes estejam situados em locais diferentes daqueles postulados por Isidoro de Sevilha. E, diferentemente dos manuscritos anteriormente contemplados, o mapa de Navarra não expressa nenhuma divisão clara que venha a explicitar os limites entre o ecúmeno terrestre e as áreas incógnitas. Sem qualquer legenda que venha a assinalar as características de algumas regiões específicas, observa-se unicamente a representação de algumas cidades situadas à extremo Sul que são sinalizadas pela existência de edifícios ou de determinados acidentes naturais seguidos de seus respectivos topônimos.

Em face de tais constatações, compreende-se que a ausência de limites geográficos claros e lógicos faz com que o mapa-múndi do *Beato* de Navarra, seja visto por muitos estudiosos como uma total abstração dos elementos fundamentais da tradição cartográfica dos *Beatos*. Entretanto, sob outro prisma de observação, estima-se que as formas cartográficas legadas por este manuscrito possam ter sido fundamentadas por um modelo específico, sensivelmente diferente daquele que teria norteado as demais expressões cartográficas da família I.

¹²⁵ Sandra Sáenz López, *op. cit.*, p. 172.

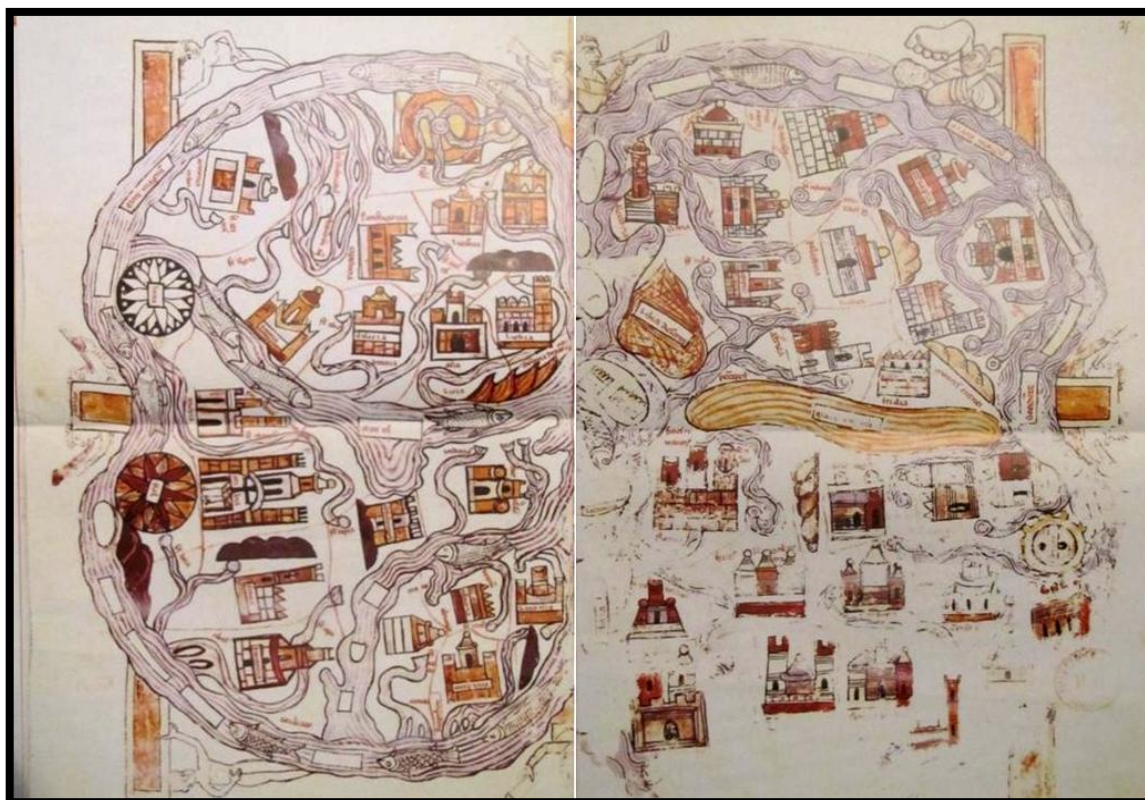


Figura 15 – Mapa-múndi do *Beato* de Navarra. Paris, Bibliothèque Nationale, nouv. acq. lat. 1366, ff. 24v-25. Reprodução fotocopiada da edição fac-símile.

Por outro lado, a possibilidade de elucidarmos definitivamente a existência de uma ‘tradição própria’ esbarra na ausência de outros manuscritos, sobretudo arquétipos, que provavelmente viessem a confirmar tais conjecturas. Entretanto, não nos parece pertinente refutarmos por completo tais acepções, uma vez que, apesar das lacunas documentais existentes, devemos ter em conta outros aspectos condicionantes que aparentemente estariam vinculados aos traçados apresentados pelo mapa-múndi de Navarra.

Ainda que efetivamente poucas sejam as certezas capazes de sustentar tais argumentos, observamos que, independente de seu possível modelo formativo, o mapa-múndi de Navarra é o único dos testemunhos remanescentes da família I que suprime completamente qualquer espécie de referência direta e completa à diáspora apostólica, não apresentando a imagem dos Apóstolos nem mesmo a totalidade dos topônimos relativos às Terras Apostólicas. Neste contexto de extremos particularismos, verifica-se a ausência de três das onze regiões citadas pela tradição literária das *Sortes Apostolorum*: Gallias, Índia e Macedônia, sendo que, em decorrência da referida rotação do mapa, todas as demais Terras Apostólicas são representadas bem distantes das localizações habitualmente assinaladas por outros mapas medievais.

3.1.5. Família I: resumo e tabelas

Por fim, antes de concluirmos nossas análises acerca dos manuscritos que conservam grande parte das reminiscências formativas dos primeiros traçados do mundo dos *Beatos*, gostaríamos de apresentar duas pequenas tabelas que resumem e expõem a amplitude e as ausências de cada uma das diferentes formas de representação cartográfica das *Sortes Apostolorum*. Confirmando a estreita relação estabelecida entre texto e imagem, a primeira destas tabelas faz referência às expressões cartográficas legadas pelos códices dos *Beatos* de Osma, Oña e Lorvão, os únicos manuscritos que apresentavam no corpo de seus mapas a representação iconográfica dos doze Apóstolos em seus respectivos locais de pregação evangélica¹²⁶.

	Petrus	Paulus	Andreas	Thomas	Iacobus	Ioannes
Osma	Roma	Roma	Acaya	Índia	Gallecia	Ásia
Oña	Roma	Roma	Acaya	Índia	Gallecia	Ásia
Lorvão	-	-	-	Índia	-	Ásia

	Matheus	Philippus	Bartholomaeus	S. Zelotes	Mathias	Iacobus	Iudas (?)
Osma	Macedônia	Gallias	Licaonia	Nilo	Palestina	IHRLM	-
Oña	Macedônia	Gallias	Licaonia	Egito	Bethleem	IHRLM	-
Lorvão	-	-	-	Egito	-	IHRLM	Caldea

Tabela 1 - Representação iconográfica dos Apóstolos nos mapas-múndi da família I.

As ausências assinaladas no caso específico do *Beato* de Lorvão devem-se única e exclusivamente a inexistência da outra metade de seu mapa-múndi, fazendo com que evidentemente a representação dos Apóstolos seja apresentada de forma parcial. Entretanto, como destacamos anteriormente, não restam dúvidas de que este manuscrito conservava originalmente a totalidade das representações referente à diáspora apostólica. Neste mapa destacamos ainda possível representação do apóstolo Judas Tadeu que no quadro apresentado segue assinalado com uma interrogação devido à ausência de referência direta a seu nome.

Uma segunda tabela, que se restringe ao mapa-múndi do *Beato* de Navarra, assinala as peculiaridades do único testemunho da família I que não expressa qualquer representação ou referência direta e/ou completa as *Sortes Apostolorum*. Neste sentido, e tal como demonstra o quadro abaixo, o mapa de Navarra apresenta somente oito das onze Terras Apostólicas, todas

¹²⁶ Pelas razões anteriormente salientadas não incluímos neste quadro nenhuma referência direta à pintura-mural de San Pedro de Rocas e as suas escassas representações.

representadas em locais bem distantes de seus reais posicionamentos geográficos, evidência que segundo Hermengildo García-Aráez, vem a corroborar com a natureza meramente decorativa deste manuscrito¹²⁷, afirmação que, em nosso entendimento, deve ser tomada com uma série de cautelas dado, sobretudo devido à possibilidade da existência de um modelo próprio que possa efetivamente elucidar sob outra perspectiva os traçados cartográficos do Beato de Navarra.

	Acaya	Asia	Egito	Gallias	Gallecia	IHRLM	Iudaea	India	Licaonia	Macedonia	Roma
Navarra	N	N	N	-	N	N	N	-	N	-	N

Tabela 2 – A representação das *Sortes Apostolorum* no mapa-múndi do *Beato de Navarra*.

3.2. Os meios moçárabes e os novos traçados cartográficos dos *Beatos*

Quase dois séculos separam o arquétipo dos *Beatos* da mais antiga cópia remanescente do *Comentário ao Apocalipse*, o *Beato* de Morgan. Datado da primeira metade do século X¹²⁸, o códice atualmente conservado na Pierpont Morgan Library¹²⁹ abriga em suas iluminuras a gênese da mais radiante renovação iconográfica vivenciada pela tradição pictórica dos *Beatos*¹³⁰. Possivelmente copiado no mosteiro leonês de San Miguel de Escalada¹³¹, em meio aos convulsionados domínios da cultura moçárabe, este singular manuscrito é possivelmente o primeiro a incorporar as novas formas, cores e representações

¹²⁷ Hermenegildo García Aráez, *op. cit.*, p. 99.

¹²⁸ Segundo subscrição apresentada por Magius no final do manuscrito, “*este livro, do princípio ao fim, foi finalizado na era de dois vezes dois (e) três vezes trezentos e três vezes o dobro de dez*”, isto é, no ano 964 da Era hispânica ou 926 de nossa Era. Cf. Manuel Gómez Moreno, Manuel Gómez Moreno, *Iglesias mozárabes: arte español de los siglos IX à XI*. Madrid: Centro de estudios históricos, vol. 1, 1919, p. 131. Entretanto, em contraposição a estas constatações, alguns estudiosos acreditam que a conclusão do *Beato* de San Miguel de Escalada dá-se em um período um pouco mais tardio, possivelmente entre os anos de 940-945, datação extraída a partir da observância dos modelos pictóricos adotados pelo manuscrito. Cf. John Williams, *The illustrated Beatus*, II, p. 24-25.

¹²⁹ Nova Iorque, Pierpont Morgan Library, M.644. Para um estudo específico e mais aprofundado sobre o dito códice, cf. Vicente García Lobo, “El *Beato* de San Miguel de Escalada”. In: *Archivos leoneses*, XXXIII, (1979), pp. 205-270.

¹³⁰ Segundo Jacques Fontaine “*el siglo X fue, gracias a la cultura y creatividad artística de los monjes mozárabes expulsados o huidos de Córdoba, el primer gran siglo de arte medieval en tierra leonesa*”. Fontaine ressalta ainda que “*no podremos comprender la vigorosa originalidad del arte mozárabe leonés sin concebir, en primer lugar, la riqueza de los diversos estímulos que se sumaron en el siglo X, en esta nueva encrucijada de civilizaciones hispánicas*”. Cf. Jacques Fontaine, *op. cit.*, p. 85-86.

¹³¹ De acordo com a já referida subscrição apresentada por Magius, o códice foi copiado em um mosteiro dedicado a São Miguel Arcanjo – *cenobii summi dei Nuntii Michaelis Arcangelo* – por encargo de um tal Abade Victor. Entretanto, a documentação remanescente não nos permite afirmar seguramente que este Victor era efetivamente o abade do mosteiro de San Miguel de Escalada. A este respeito, cf. Manuel Gómez Moreno, *op. cit.*, p. 141.

traçadas por Magius (ou Maius), iluminador moçárabe responsável pela produção de pelo menos duas cópias ilustradas do *Comentário ao Apocalipse* – Escalada e Tábara – que semeou em sua obra as células fundamentais de um grupo específico e profundamente renovador¹³².

Inseridas em um amplo e delicado período histórico, culturalmente remarcado pela transição da arte asturiana para a moçárabe, estas inovações estilísticas foram amplamente favorecidas pela “*creatividad personal de los mozárabes se vio estimulada por la vitalidad y aperturas tan diversas de la civilización leonesa cuyo propio genio habría de convertirse a su vez en un componente de primer rango*”¹³³. Neste contexto, as significativas modificações empreendidas pelo gênio inventivo de Magius passaram a nortear as expressões máximas da mais extensa família dos *Beatos*. Atualmente, cerca de quinze códices apresentam as reminiscências representativas destes novos modelos pictóricos, dez dos quais ainda conservam seus respectivos mapas-múndi.

Das mãos de Magius nascem dois protótipos cartográficos sensivelmente diferenciados que incorporam novas e peculiares formas de representação ao mundo dos *Beatos*. Seguindo os amplos movimentos de renovação artística vivenciados pelo século X, os mapas-múndi apresentados pelos códices de Escalada e Tábara divergem consideravelmente dos modelos cartográficos originalmente adotados pelo Beato de Liébana em finais do século VIII. Traçados em formato retangular, os protótipos de Magius assinalam um significativo rompimento frente às concepções isidorianas. Rompimento que, entretanto, não fora realizado de forma abrupta e absoluta, isto porque, apesar de se aproximarem dos postulados cosmográficos de Paulo Orósio¹³⁴, os mapas de Magius nunca renegaram ou deixaram de incorporar representações e topônimos diretamente vinculados à literatura isidoriana.

No âmbito da cartografia medieval, a adoção destes novos traçados nos desperta particular atenção, sobretudo pela imponente escassez de manuscritos que incorporam formas e representações semelhantes. Diferentemente dos tradicionais modelos circulares exaltados

¹³² A este respeito, Soledad de Silva y Verástegui destaca que “*las principales novedades han afectado al número de las miniaturas y a su disposición. En cuanto a lo primero se amplía el ciclo de ilustraciones introduciéndose los retratos de los Evangelistas y las tablas genealógicas inexistentes en los manuscritos de la rama I y se añade además el Comentario ilustrado al Libro de Daniel. En cuanto a la disposición de las miniaturas, éstas ahora se enmarcan y sus fondos se pintan en franjas de color al estilo de las que nos proporcionan algunos manuscritos bíblicos de la escuela carolingia de Tours. Además, algunas miniaturas ocupan doble página, lo cual es excepcional en la primera versión ilustrada*”. Cf. Soledad de Silva y Verástegui, “El más antiguo fragmento ilustrado de Beato y los *Beatos* del siglo X”, artigo disponível em: <<http://www.artehistoria.jcyl.es/artesp/contextos/7078.htm>>. Acesso em 12 Set. 2010.

¹³³ Jacques Fontaine, *op. cit.*, p. 86.

¹³⁴ “*Maiores nostri orbem totis terrae, oceani limbo circumleptum, triquadrum aatuere: eiusq tres partes, Asiam, Europam, et Africam*”. Paulus Orosius, *op. cit.*, I, II.

por Isidoro de Sevilha, a forma retangular originária do *triquadrum* orosiano só encontra um único testemunho remanescente no códice sangallene n.º 621 de Paulo Orósio¹³⁵, fator que restringe e instiga ainda mais as tentativas de compreensão deste singular fenômeno. Não sabemos ao certo as razões ou mesmo as fontes que poderiam ter influenciado a concepção e a adoção destes novos modelos, entretanto, fato incontestável é que, afastando-se dos pilares formativos dos *Beatos*, os protótipos cartográficos de Magius acabaram por suprimir muitas das representações que inicialmente fundamentavam e legitimavam as predicções iniciais dos traçados cartográficos dos *Beatos*.

Por outro lado, John Williams, em nítida contraposição aos argumentos anteriormente apresentados, refuta a tese de que os mapas da família I apresentem as formas primordiais do arquétipo cartográfico dos *Beatos*. Segundo este, “*the Branch II maps may provide a better record of the original Beatus map*”¹³⁶. Como temos visto as concepções elucidadas por Williams contradizem grande parte da historiografia recorrente, portanto, para evitarmos qualquer espécie de ambigüidade em nossas exposições, devemos salientar que partilhamos da opinião de que o arquétipo dos *Beatos* teria sido traçado segundo os modelos isidorianos. A nosso ver, a já mencionada proximidade estabelecida entre o *Comentário ao Apocalipse* e os diferentes elementos que emanam da obra literária de Santo Isidoro vem a corroborar tais acepções.

Todavia, observa-se que os traçados cartográficos concebidos por Magius em meados do século X no mosteiro de San Miguel de Escalada ecoaram pelos séculos dando origem a uma expressiva família de mapas que abrigam em suas formas uma grande estabilidade iconográfica. Segundo o já mencionado estudo estatístico empreendido por Hermenegildo García-Aráez, 61,2% dos topônimos apresentados pela família de Escalada (IIa) figuram em todos seus testemunhos remanescentes¹³⁷. Este mesmo estudo revelou que apesar de assinalar um ponto de ruptura frente aos traçados primordiais dos *Beatos*, a família de Escalada apresenta curiosamente uma maior semelhança com a família primitiva dos *Beatos* (I), compartilhando com esta 16 de seus 80 topônimos¹³⁸.

Constituída pelos mapas-múndi dos *Beatos* de Morgan (M)¹³⁹, Valladolid (V)¹⁴⁰, Seo d’Urgell (U)¹⁴¹, Facundus (J)¹⁴² e Silos (D)¹⁴³, sendo o primeiro destes o protótipo

¹³⁵ Gonzalo Menéndez Pidal, *op. cit.*, p. 228.

¹³⁶ John Williams, *The illustrated Beatus*, III, p. 20.

¹³⁷ Hermenegildo García Aráez, *op. cit.*, p. 124.

¹³⁸ IDEM, *ibidem*.

¹³⁹ Nova Iorque, Piepont Morgan Library, M.644, ff. 33v-34.

¹⁴⁰ Valladolid, Biblioteca de la Universidad, MS. 433, ff. 36v-37.

¹⁴¹ Museu da Diocesa de la Seu d’Urgell, Num. Inv. 501, ff. VIv-VII.

cartográfico deste grupo iconograficamente renovado, a família de Escalada pode ser particularmente reconhecida pela incorporação de quatro novas formas representativas: 1) adoção e transmissão do traçado retangular; 2) o Paraíso, anteriormente representado pela *fons paradisi* e por seus quatro rios, passa a incluir as imagens de Adão e Eva no Jardim do Éden ao lado da Árvore e da Serpente; 3) a simplificação das epígrafes do quarto continente que, afastando-se das descrições expressas nas *Etymologiae*, apresentam uma breve legenda que assinalam a existência de uma “*Deserta terra vicina soli ad ardore incognita nobis*”; 4) e por fim, a substituição das representações iconográficas dos Apóstolos por simples topônimos que assinalam, sem qualquer destaque, as terras evangelizadas. A partir de tais modificações, o mundo dos *Beatos* passava a ser traçado da seguinte forma:

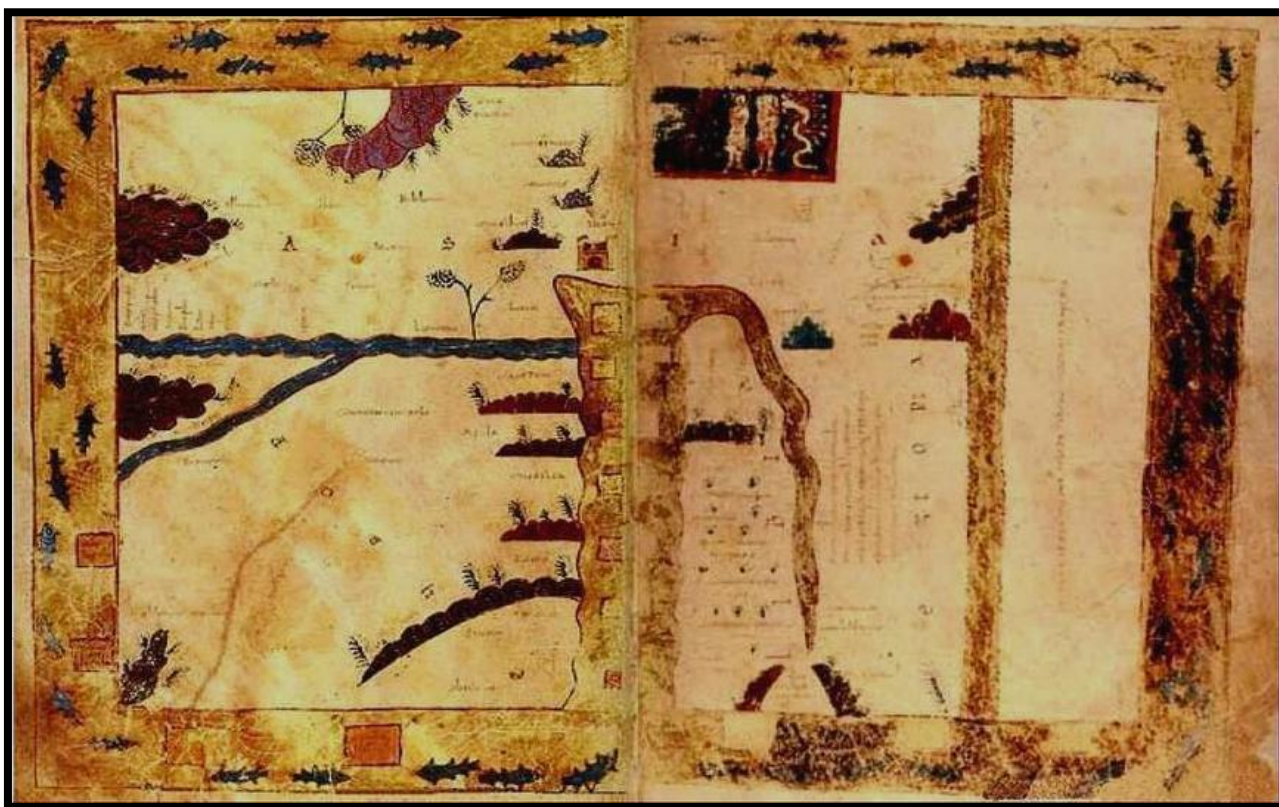


Figura 16 – Mapa-múndi do *Beato* de Morgan, protótipo cartográfico da família de Escalada (IIa). Nova Iorque, Pierpont Morgan Library, M.644, ff. 33v.-34. Adaptado de: <<http://picasaweb.google.com/LunaBruna1/MapasDeLaEdadMedia#5116051193528304626>> Acesso em 21 Set. 2010.

¹⁴² Madrid, Biblioteca Nacional, MS. Vitrina 14-2, ff. 63v-64.

¹⁴³ Londres, British Library, Add. MS. 11695, ff. 39v-40.

Segundo as acepções de Peter Klein a adoção destes novos modelos pode estar diretamente vinculada à convergência de influências que progressivamente passaram a incidir sobre a tradição pictórica dos *Beatos*¹⁴⁴. Segundo suas próprias palavras:

*“Nos parece evidente que la transformación de esta tradición pictórica hacia las formas más ópticas y plásticas de la segunda redacción pictórica [século X] presupone no solamente una influencia islámica – como he demostrado – sino sobre todo una repercusión directa del estilo figurativo transpirenaico de origen carolingio”*¹⁴⁵.

Ainda que claramente visualize-se a presença de traços e expressões da arte carolíngia e islâmica, não sabemos ao certo quais as fontes textuais ou mesmo iconográficas teriam efetivamente influenciado Magius na concepção destes novos modelos cartográficos. Entretanto, fato é que contrastando significativamente com a rica iconografia apresentada por alguns dos testemunhos da família I, este protótipo adota um padrão mais sóbrio e homogêneo, sem grandes formas ou mesmo nuances pictóricas.

A observância de tais elementos leva-nos a conjecturar a hipótese de que este primeiro protótipo cartográfico de Magius tenha sido concebido e traçado com o claro intuito de simplificar ou mesmo eliminar muitas das formas e representações iconográficas originalmente expressas pelo arquétipo cartográfico dos *Beatos*. Sob o ponto de vista estilístico, esta aparente simplificação iconográfica, que se estende a todo manuscrito, pode ser entendida como um claro amadurecimento da iluminura hispânica a partir da década de 940, que se caracteriza fundamentalmente pela concepção de figuras menos abstratas e decorativas que das décadas precedentes¹⁴⁶.

No plano cartográfico, o que se observa, portanto, é uma possível predileção de Magius por um traçado sem grandes expressões iconográficas que se encontra primordialmente atrelado à utilização de epígrafes e legendas que venham a remarcar as diferentes partes e propriedades do *orbis terrarum*. Por outro lado, não restam dúvidas de que a supressão de muitas das formas adotadas pelo arquétipo dos *Beatos* levou conseqüentemente a uma significativa redução dos elementos simbólicos originalmente assinalados pelo mundo dos *Beatos*, fazendo com que o programa iconográfico dos mapas IIa estivesse aparentemente voltado à expressões de ordem física, assinalando preponderantemente a localização de cidades, rios, oceanos, ilhas, montes, etc.

¹⁴⁴ Peter K. Klein, *La tradición pictórica...*, p. 97.

¹⁴⁵ IDEM, *ibidem*, p. 98.

¹⁴⁶ Soledad de Silva y Verástegui, *op. cit.*, [s/p].

No cerne destes novos contextos, os únicos elementos que recebem particular destaque e esmero iconográfico são as representações do Jardim do Éden e da cidade de Jerusalém, que neste caso específico aparece deslocada de seu posicionamento geográfico habitual sendo sempre representada nas proximidades do Paraíso terrenal sob a forma de um pequeno edifício. A iconografia utilizada para a representação de Jerusalém varia significativamente, apresentando desde as modestas formas adotadas pelos *Beatos* de Morgan, Valladolid e Urgell, às imponentes representações apresentadas pelos mapas de Facundus e Silos. Por outro lado, este curioso deslocamento pode ser claramente interpretado como uma tentativa de reforçar simbolicamente a sacralidade da cidade Santa de Jerusalém aproximando-a do Paraíso.

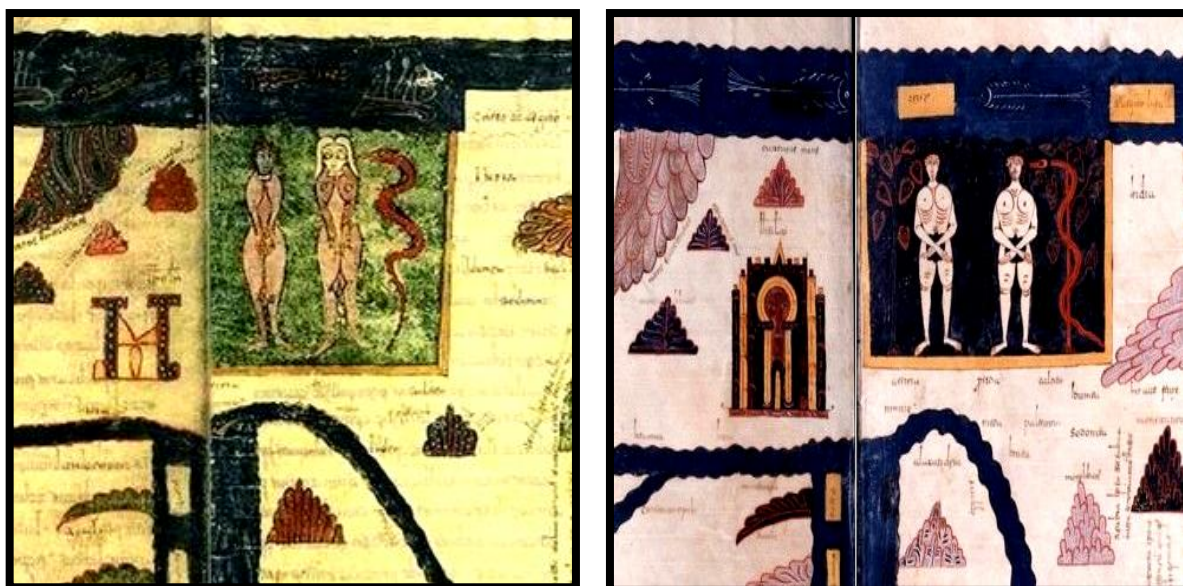


Figura 17 – Detalhamento da cidade de Jerusalém junto aos limites do Jardim do Éden nos mapa-múndi dos *Beatos* de Valladolid e Facundus. Extraídas e adaptadas de <<http://picasaweb.google.com/LunaBruna1/MapasDeLaEdadMedia>>. Acesso em 21 Set. 2010.

3.2.1. Dos Apóstolos às Terras Apostólicas: uma influência islâmica?

Nascido das ruínas de uma antiga igreja visigótica dedicada a São Miguel Arcanjo, o mosteiro de San Miguel de Escalada foi erguido em princípios do século X (912-913) pelas mãos de um pequeno grupo de cristãos emigrados da cidade califal de Córdoba¹⁴⁷. Guiados pelo Abade Alfonso e acolhidos pelos soberanos de Leão, estes monges moçárabes

¹⁴⁷ Segundo a transcrição da lapide de fundação do dito mosteiro, conservada por Risco no tomo 35 da *España Sagrada*, “este local, de antiguo dedicado en honor del Arcángel Miguel y erigido en pequeño edificio, tras de caer en ruinas, permaneció largo tiempo derrotado, hasta que el abad Alfonso, viniendo con sus compañeros de Córdoba, su patria, levantó la arruinada casa en tiempos del poderoso y serenísimo príncipe Alfonso”. Apud. Jacques Fontaine, *op. cit.*, p. 86.

constituíram um dos principais sustentáculos para o primeiro grande século da arte medieval em terras leonesas¹⁴⁸. Assim como estes, acredita-se que Magius seja igualmente originário de Córdoba, local onde teria passado parte de sua infância tendo posteriormente se exilado nos domínios do reino leonês, refugiando-se possivelmente no dito mosteiro de Escalada. Segundo Jacques Fontaine, Córdoba sinalizava o epicentro de um dos mais importantes espaços irradiadores da arte hispano-árabe agindo simultaneamente como mediador e difusor das influências orientais sobre a Península Ibérica¹⁴⁹. Deste espaço de fortes contrastes culturais emanava grande parte dos elementos e representações assimiladas pela arte cristã hispânica no decorrer do século X. Estas expressões ‘arabizadas’ são extremamente relevantes para nós no presente momento, pois assinalam, desde sua mais remota origem, o estabelecimento de vínculos diretos com o universo estético do mundo mulçumano e moçárabe, elementos que certamente influenciaram a formação e consolidação das sensibilidades artísticas de Magius.

Face aos aspectos que particularmente nos interessam e tendo em vista os argumentos apresentados, acreditamos inicialmente que a referida predileção de Magius por um plano cartográfico mais homogêneo e sem grandes expressões iconográficas possa estar diretamente associada aos alicerces da geografia tardo-romana de Orósio ou mesmo aos fundamentos da cartografia islâmica. Ainda que consideravelmente diferenciadas, estas tradições ostentam uma essência aparentemente similar, menos esquemática e fundamentalmente voltada à descrição textual ou topográfica dos espaços representados. Para o caso islâmico¹⁵⁰, que nos parece particularmente mais significativo neste contexto, Ahmet Karamustafa destaca inicialmente que:

“[...] cartography style obviously reflects the aesthetic values of Islamic society. Calligraphy, considered directly linked to the Word of God, was its most highly valued art. The geometric structure and laws of proportion that determined the repertoire of Arabic scripts also guided graphic representation. In fact, the art of illuminating title pages, verse divisions, borders and colophons had its origin in the ornamentation of script, and the work of Islamic miniature painters has

¹⁴⁸ IDEM, *ibidem*, p. 85.

¹⁴⁹ IDEM, *ibidem*, p. 12.

¹⁵⁰ É imprescindível lembrarmos que os postulados cosmográficos advogados por Paulo Orósio em princípios do século V no primeiro dos sete livros de sua *Historia adversus Paganos* incidiram significativamente sobre o pensamento e as representações espaço-geográficas do mundo árabe, fazendo com que a referida proximidade entre estas duas tradições não seja tão contrastante quanto se conjectura em um primeiro momento.

sometimes been described as a ‘calligraphy art’ because it suggests the smooth, rhythmic lines of Arabic characters”¹⁵¹.

Adotando sistemas e funcionalidades significativamente divergentes dos modelos concebidos pelo Ocidente alto-medieval, as representações cartográficas legadas pelo mundo islâmico renegam quase que completamente as configurações simbólicas do espaço. Com o olhar fixado nos fenômenos e dimensões próprias do mundo sensitivo, os conhecimentos geográficos assumiam um caráter essencialmente descritivo. Muitas vezes incorporados a extensas crônicas, estes grandes programas corográficos ou topográficos assinalavam as particularidades da geografia física e humana de países, regiões, cidades e, muitas vezes, dos principais itinerários de comércio e peregrinação¹⁵².

Transpostas para uma ordem esquemática, estas diversas fontes textuais foram responsáveis pela edificação de um estilo cartográfico extremamente específico que notavelmente abdicava de grandes expressões iconográficas em detrimento da ampla utilização de epígrafes e legendas que viessem a assinalar de forma simples e objetiva as diferentes regiões e características do ecúmeno terrestre. No caso específico do mapa-múndi traçado durante a primeira metade do século X por Al-Istakhri II, observa-se que, centrado no golfo pérsico, o mundo é representado como um círculo rodeado por um grande mar circundante, com os dois principais mares chegando do Leste para o Oeste em direção ao centro. Em seu texto, Al-Istakhri dá-nos uma descrição extremamente simples para explicar as formas do mundo adotadas por seu mapa: *“a terra é dividida em duas partes por dois mares, para que possamos ter um Norte, ou meio frio, e um Sul, ou meio quente. As pessoas destas duas metades ficam mais negras a medida que se vai para Sul e mais brancas quando se vai para Norte [...]”*¹⁵³.

¹⁵¹ Ahmet T. Karamustafa, “Introduction to Islamic maps”. In: John B. Harley e David Woodward (ed.). *The History of Cartography: cartography in the traditional Islamic and south Asian societies*, vol. 2, livro 1. Chicago/London: The University of Chicago press, 1992, p. 6.

¹⁵² Ver-se, por exemplo, o monumental programa corográfico apresentado por Ahmad ibn Muhammad a o-Razi, conhecido na literatura cristã como Moro Rasis, em sua História dos reis do al-Andalus (*Ajbār mulūk A o-Andalus*). Cf. Diego Catalán; M^a. Soledad de Andres, *Crónica del Moro Rasis, versión del Ajbār mulūk al-Andalus de Ahmad ibn Muhammad ibn musà al-Razi, 889-995; romanizada peal el rey Don Dionís de Portugal hacia 1300 por Mohamad Alarife y Gil Pérez, clérigo de Don Perianes Porçel*. Madrid: Gredos-Seminario Menéndez Pidal, 1975.

¹⁵³ Gerald R. Tibbetts, “The Balkhi school of geographers”. In: John B. Harley e David Woodward (ed.), *op. cit.*, vol. 2, livro 1, p. 121-122.

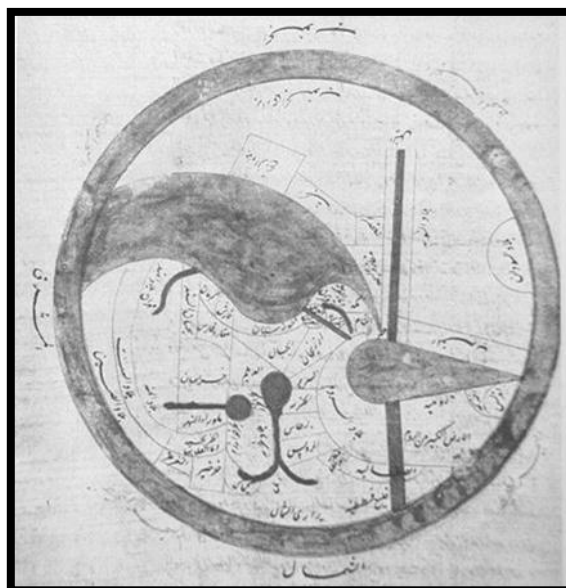


Figura 18 – Mapa-múndi de al-Istakhri II da primeira metade do século X (c. 934). Bologna, Biblioteca Universitaria, cod. 3521, f. 2r. Disponível em <<http://www.henry-davis.com/MAPS/EMimages/211B.JPG>>. Acesso em 18 Set. 2010.

De volta ao mundo dos *Beatos*, vemos que a incidência de elementos próprios da cultura e da estética islâmica ecoa por diferentes perímetros da tradição artístico-literária dos *Beatos*, sendo este um aspecto muito bem documentado e estudado sob diversas perspectivas¹⁵⁴. A este respeito, Elisa Ruiz García relembra que a ‘contaminação cultural’ é um fenômeno amplamente testemunhado no processo de transmissão histórica do *Comentário ao Apocalipse*, tanto em seus elementos textuais quanto em seu aparato iconográfico¹⁵⁵, aparato que evidentemente engloba seus respectivos traçados cartográficos. Neste sentido, acreditamos que os claros paralelismos estabelecidos entre estas duas tradições cartográficas podem nos ajudar a elucidar as causas que teriam efetivamente motivado a progressiva desconstrução das formas e dos traçados originalmente apresentados pelo arquétipo cartográfico dos *Beatos*, fazendo com que as imagens dos Apóstolos fossem diretamente substituídas pela simples referência toponímica das Terras Apostólicas.

¹⁵⁴ Acerca destas questões, cf. John Williams, *The illustrated Beatus*, I, 1994, pp. 143-158; Claudio Sánchez Albornoz, “El Islam de España y el Occidente”. In: *L’Occidente e L’Islam nell’Alto Medioevo*. Spoleto, vol. 1, (1965), pp. 149-308; Manuela Churruga, *Influjo oriental en los temas iconográficos de la miniatura española, siglos X al XII*. Madrid, 1939; O. K. Werckmeister, “Islamische Formen in spanischen Miniaturen des 10. Jahrhunderts und das Problem der mozarabischen Buchmalerei”. In: *Settimane di Studio del Centro Italiano di Studi sull’Alto Medioevo*, XII, Spoleto, 1965, pp. 933-967; Maria Ángela Franco, “In Spagna: la diaspora de los apóstoles y relaciones de los Beatos con el Islam”. In: *La città e il libro I*, Eventi internazionali alla Certosa di Firenze. Firenze, 2001, pp. 33-54, artigo disponível em <<http://www.florin.ms/aleph5.html>>. Acesso em 21 Mai. 2010.

¹⁵⁵ Elisa Ruiz García, *op. cit.*, p. 70.

Entretanto, mesmo que os modelos cartográficos adotados por Magius estiverem efetivamente vinculados aos fundamentos da cartografia islâmica, é igualmente curioso assinalarmos o fato de que a toponímia apresentada pela família de Escalada é extremamente reduzida, sobretudo se confrontada aos 222 topônimos apresentados pela família primitiva dos *Beatos*¹⁵⁶. Portanto, ao contrário do que se possa conjecturar em um primeiro momento, a adoção destes novos sistemas cartográficos, preponderantemente assentados em descrições de ordem topográfica, não fora acompanhada de um aumento, mas sim de uma significativa redução dos nomes e locais assinalados por cada um de seus descendentes. Neste sentido, Gonzalo Menéndez Pidal destaca que a evolução que sofreu o mapa primitivo através dos anos acabou por eliminar em muitas ocasiões o propósito fundamental desta ilustração, chegando a omitir algumas das Terras Apostólicas¹⁵⁷, evidência que pode ser facilmente constatada a partir da análise toponímica dos descendentes diretos do protótipo de Escalada.

	Acaya	Asia	Egyptus	Gallias	Gallecia	IHRLM	Iudaea	India	Licaonia	Macedonia	Roma
Morgan	M	M	M	M	M	M	-	M	M	M	M
Valladolid	V	V	-	V	V	V	V	V	V	V	V
Urgell	U	U	U	U	U	U	U	U	U	U	U
Facundus	J	J	-	J	J	J	-	J	J	J	J
Silos	D	-	-	D	D	D	D	D	D	D	D

Tabela 3 – A representação toponímica das *Sortes Apostolorum* nos mapas-múndi da família de Escalada (IIa).

Com o auxílio do quadro acima, verifica-se nitidamente que as referências toponímicas relativas às Terras Apostólicas conservaram-se integralmente somente no mapa-múndi do *Beato* de Urgell, um mapa do último quartel do século X que apresenta uma iconografia bastante simples, mas que abriga em suas formas a totalidade dos locais assinalados pela tradição textual das *Sortes Apostolorum*. Em todos os demais casos, inclusive no próprio protótipo de Escalada, verifica-se a ocorrência de significativas ausências. Para Menéndez Pidal “*resulta curioso señalar la facilidad con que los copistas olvidaron incluir algunas de ellas* [as Terras Apostólicas], *así que sólo la familia más directamente emparentada con Maio* [Magius] *nombra las diez tierras*”¹⁵⁸. Muito além de simples ausências toponímicas, estas constatações indicam o estabelecimento de um claro

¹⁵⁶ Neste contexto é imprescindível lembrarmos que este estudo empreendido por Hermenegildo García-Aráez considera somente os mapas de Osma, Lervão e Navarra como os únicos testemunhos remanescentes da família I, não apresentando qualquer referência ou consideração acerca dos mapas de Oña ou San Pedro de Rocas.

¹⁵⁷ Gonzalo Menéndez Pidal, *op. cit.*, p. 225.

¹⁵⁸ IDEM, *ibidem*, p. 229.

descompasso entre texto e imagem fazendo com que, neste caso específico, os traçados cartográficos percam muitas de formas e funcionalidades originais.

3.3. Um caso específico: o mapa-múndi do *Beato* de Saint-Server

Produzido durante o terceiro quartel do século XI no mosteiro clunisiense de Saint-Server-sur-l'Adour, o códice de Saint-Server é o único dos testemunhos remanescentes copiado além da Marca Hispânica. Iluminado pelo mestre *Stephanus Garsia Placidus* e por outros três iluminadores¹⁵⁹, este singular manuscrito converge em suas iluminuras elementos pictóricos próprios de duas famílias distintas, apresentando, em um mesmo plano, traços e representações características das famílias I e IIa. Visto por Neuss como o melhor testemunho do arquétipo desaparecido dos *Beatos*¹⁶⁰, o códice de Saint-Server, apesar de diretamente vinculado a algumas das representações expressas pelo arquétipo dos *Beatos*, apresenta notavelmente muitas das formas decorrentes das modificações empreendidas por Magius em meados do século X.

A confluência destes dois modelos é particularmente visível em seu mapa-múndi, uma suntuosa iluminura que ocupa os fólhos 45bis v - 45ter e que conserva uma das mais brilhantes expressões cartográficas legadas pelo Ocidente medieval. Neste caso específico, o caráter misto do *Beato* de Saint-Server pode ser remarcado pela confluência de representações que, até então, somente tinham espaço em planos separados. Dentre as ocorrências mais significativas, assinalamos as formas textuais e iconográficas adotadas para a representação do quarto continente, próprias da família I, e as representações do Jardim do Éden que, assim como verificado no seio da família IIa, apresentam as imagens de Adão e Eva junto a Árvore e a Serpente.

Portanto, ao contrário do que inicialmente supunha Wilhelm Neuss, fica evidente que a iluminação do códice de Saint-Server não pode ser compreendida como o melhor testemunho remanescente do arquétipo pictórico do *Comentário ao Apocalipse*, visto que esse manuscrito incorpora em suas iluminuras traços e representações próprias dos modelos concebidos quase dois séculos após a primeira edição pictórica dos *Beatos*¹⁶¹.

¹⁵⁹ Acerca do processo de confecção e iluminação do códice de Saint-Server, cf. François Avril, "Quelques considérations sur l'exécution matérielle des enluminures de l'Apocalypse de Saint-Server". In: *Actas del Simposio para el Estudio de los Códices del "Comentário al Apocalipsis" de Beato de Liébana*, vol. 1. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1978, pp. 263-271.

¹⁶⁰ Wilhelm Neuss, *op. cit.*, pp. 273-274.

¹⁶¹ Peter K. Klein, *La tradición pictórica...*, p. 95.

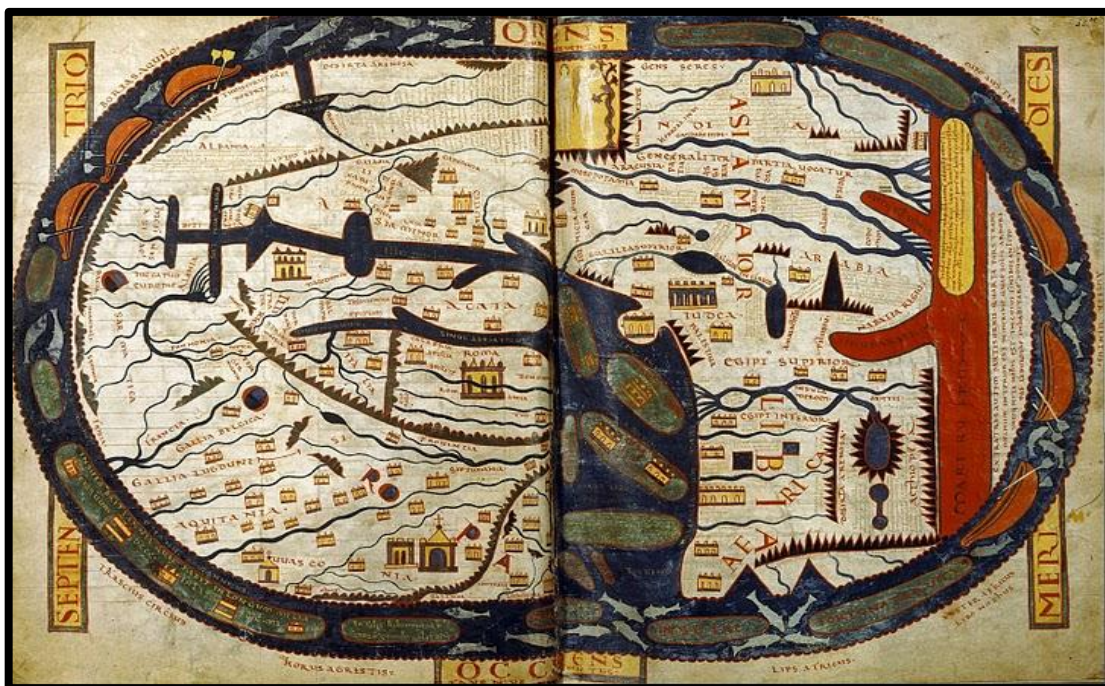


Figura 19 – Mapa-múndi do *Beato* de Saint-Server. Paris, Bibliothèque Nationale, MS lat. 8878, ff. 45bis v - 45ter. Disponível em <<http://picasaweb.google.com/LunaBruna1/MapasDeLaEdadMedia#5114847077972034450>>. Acesso em 21 Set. 2010.

Relativamente às representações cartográficas das *Sortes Apostolorum*, este singular manuscrito aproxima-se das representações do incorporadas ao primeiro protótipo cartográfico de Magius, não apresentando, portanto, qualquer espécie de representação iconográfica referente à dispersão dos Apóstolos. Entretanto, curiosamente divergindo de suas prováveis bases formativas, o mapa de Saint-Server também não apresenta a totalidade dos topônimos referentes às terras evangelizadas. Constituído por 130 topônimos, o mais completo repertório topográfico apresentado por um mapa-múndi dos *Beatos*, este manuscrito específico nos desperta particular atenção pela omissão de somente uma das onze regiões evangelizadas pelos Apóstolos de Cristo: a *Licaoniam*, terra que segundo a tradição das *Sortes Apostolorum* esteve vinculada à pregação evangélica do apóstolo Bartolomeu. Portanto, assim como alguns dos descendentes do protótipo de Escalada, o mapa-múndi do *Beato* de Saint-Server acaba por suprimir uma das Terras Apostólicas aludidas pelo texto, mas curiosamente a ausência assinalada em Saint-Server não corresponde as ausências verificadas nos diferentes descendentes de Escalada (IIa)¹⁶².

¹⁶² Gonzalo Menéndez Pidal, *op. cit.*, p. 258.

	Acaya	Asia	Egyptus	Gallias	Gallecia	IHRLM	Iudaea	India	Licaonia	Macedonia	Roma
Saint-Server	S	S	S	S	S	S	S	S	-	S	S

Tabela 4 – Representação das *Sortes Apostolorum* no mapa-múndi do *Beato de Saint-Server*

Sob outra perspectiva, destacamos igualmente que neste caso específico a Ásia, terra de evangelização atribuída ao Apóstolo João, aparece assinalada unicamente como um dos três continentes conhecidos e não propriamente como uma das Terras Apostólicas, constatação que pode ser igualmente verificada em outros testemunhos cartográficos dos *Beatos*, sobretudo nos mapas pertencentes à família de Tábara (IIb).

3.4. O segundo protótipo cartográfico de Magius: a família IIb

Copiado e iluminado no mosteiro de San Salvador de Tábara (Zamora), a segunda cópia do *Comentário ao Apocalipse* idealizada e empreendida por Magius foi finalizada somente no dia 27 de Julho de 970, quase dois anos após a sua morte. Com a morte de Magius a conclusão do códice coube a um de seus discípulos, Emetério, que durante cerca de três meses dedicou-se integralmente à obra inacabada de seu mestre:

*“Verdaderamente bienaventurado aquel cuyo el cuerpo yace en un sarcófago en el claustro y de que deseó ver este códice terminado y encuadernado. Fue Magius, sacerdote y monje, ilustre maestro miniaturista. Abandonó el trabajo que había empezado cuando partió para la eternidad con Cristo, en la festividad de San Fausto, el tercer día antes de los idus. [...] Entonces yo, el monje Emetarius, formado por mi maestro Magius, fui llamado al monasterio que se levantó bajo la advocación del Salvador, cuando quisieron terminar el códice para el Altísimo Señor y lo emprendí de nuevo. Desde las calendas de Mayo hasta el sexto día de las calendas de Agosto completé el códice en toda su verdad. Que sea digno de ser coronado con Cristo. Amén”*¹⁶³.

Apesar da clareza e da importância das palavras apresentadas pela subscrição do fólio 167, infelizmente é impossível mensurarmos as reais dimensões da contribuição de Emetério para processo de confecção e iluminação do dito códice. Em outras palavras, não sabemos ao certo em qual estágio a obra efetivamente se encontrava quando, a 13 de Outubro de 968, Magius abandonou definitivamente seus trabalhos no *scriptorium* de Tábara vindo a falecer

¹⁶³ *Apud*. William M. Voelke, “Introducción”. In: *Beato de San Miguel de Escalada* (ed. facs.). Madrid: Club Internacional del Libro, p. 9.

no dia 30 mesmo mês. Ainda que aparentemente secundária esta questão nos desperta particular interesse, sobretudo pela necessidade de reconhecimento do verdadeiro responsável pela concepção dos novos modelos cartográficos adotados pelo *Beato* de Tábara.

Ainda que não existam grandes certezas, acredita-se que o códice tenha sido entregue à Emeterio em um avançado estágio de confecção e iluminação, constatação que pode ser inicialmente reforçada pelo pouco tempo necessário para a conclusão do mesmo. Neste sentido, presume-se que o mapa-múndi do *Beato* de Tábara tenha sido traçado pelas mãos de Magius, aparentemente dando continuidade ao referido processo renovação cartográfica iniciado por ele na ilustração do mapa-múndi do *Beato* de Escalada.

Esta aparente proximidade entre os códices não foi, entretanto, acompanhada por suas formas textuais, iconográficas e cartográficas. Apesar de ter sido concebido e em partes traçado por um mesmo iluminador, o *Beato* de Tábara segue um padrão sensivelmente divergente dos modelos apresentados pelo códice de Escalada. Sobre o ponto de vista da tradição pictórica dos *Beatos*, estas modificações foram responsáveis pelo estabelecimento de uma fase mais recente da segunda versão ilustrada do *Comentário ao Apocalipse*¹⁶⁴. Se nos reportarmos aos esquemas propostos por Wilhelm Neuss¹⁶⁵ e Peter Klein¹⁶⁶, observaremos que os *Beatos* de Escalada e Tábara assumem um sentido arquetípico que fundamenta e direciona a disseminação de expressões textuais e, sobretudo iconográficas específicas.

Por outro lado, de acordo com as acepções advogadas por John Williams, o códice de Tábara representa não somente a primeira cópia da família IIb, mas igualmente uma revisão das expressões originalmente adotadas pelo arquetipo da família IIa¹⁶⁷. Segundo este, o contraste iconográfico apresentado por estes dois testemunhos revela que:

*“The paint in Morgan 644 [Escalada] is more thickly applied and the whole surface has a waxy quality. Hues are more varied, with white, by itself and as an admixture for others colors, very much in evidence. In Tábara, on the other hand white plays a minor role. It may be that some of Commentary were executed in a style closer to that of the Morgan Beatus”*¹⁶⁸.

¹⁶⁴ Soledad de Silva y Verástegui, *op. cit.*, [s/p].

¹⁶⁵ Cf. Anexo 4.

¹⁶⁶ Cf. Imagem 1.

¹⁶⁷ John Williams, *The illustrated Beatus*, II, p. 46.

¹⁶⁸ IDEM, *ibidem*, p. 45.

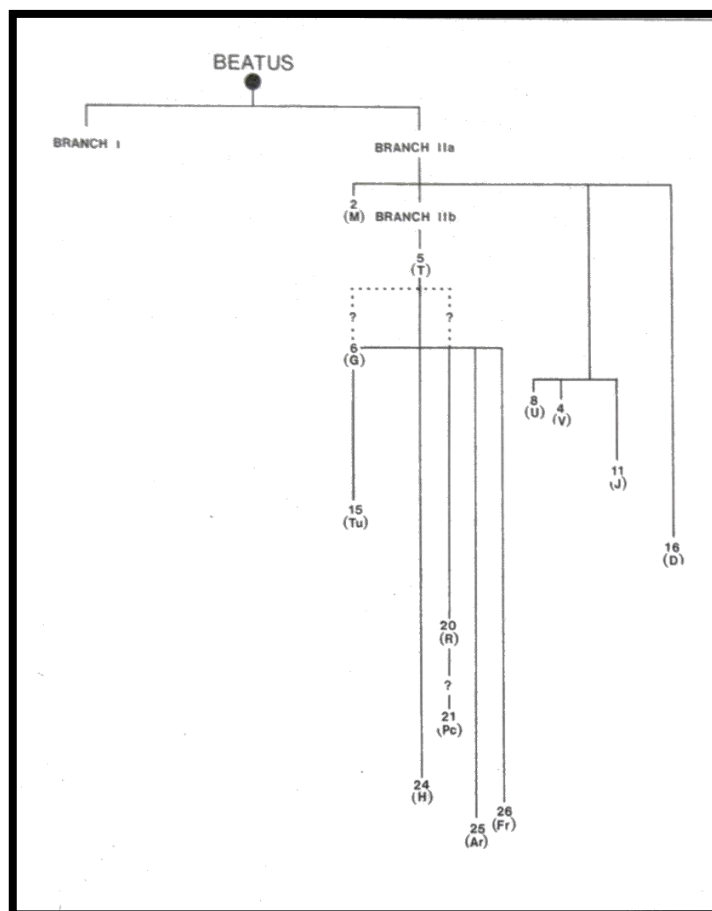


Figura 20 – Stemma proposto por John Williams baseado nos códices da família II.
Extraída de John Williams, *The illustrated Beatus*, I, 1994, p. 26.

Para além destes paralelismos estéticos, devemos ressaltar que o códice do *Beato* de Tábara, conservado no Arquivo Histórico Nacional de Madrid¹⁶⁹, abriga em seus fólios uma parte extremamente reduzida de suas iluminuras, visto que o manuscrito infelizmente passou por um bárbaro processo de mutilação do qual apenas oito iluminuras foram mantidas em sua forma original. Dentre as tantas iluminuras desaparecidas está o mapa-múndi do *Beato* de Tábara, isto é, o próprio protótipo cartográfico da família IIb, um modelo que influenciou diretamente a produção cartográfica dos *Beatos* por quase trezentos anos. Atualmente cinco dos dezesseis mapas remanescentes apresentam as reminiscências formativas deste segundo protótipo cartográfico de Magius: Girona (G)¹⁷⁰, Turim (Tu)¹⁷¹, Rylands (R)¹⁷², Las Huelgas (H)¹⁷³ e San Andrés de Arroyo (Ar)¹⁷⁴.

¹⁶⁹ Madrid, Arquivo Histórico Nacional, cod. 1097B.

¹⁷⁰ Girona, Museu de la Catedral, Num. Inv. 7(11).

¹⁷¹ Turim, Biblioteca Nazionale Universitaria, Sgn. I.II.1.

¹⁷² Manchester, John Rylands University Library, MS. lat. 8.

¹⁷³ Nova Iorque, Pierpont Morgan Library, M. 429.

¹⁷⁴ Paris, Bibliothèque Nationale, nouv. acq. lat. 2290.

Mapas que segundo as palavras de Menéndez Pidal podem ser assinalados a partir da consignação fundamentada dos possíveis cursos do rio Nilo, pelas novas figurações do rio Jordão e do Danúbio com numerosos afluentes, pela consignação dos nomes de Capadocia, Mesopotâmia e do Golfo arábico e finalmente pela adoção de uma nova legenda alusiva ao quarto continente transequatorial: “*Ex mares unam partes orbis quarta pars trans oceanum interior est qui solis ardore incognita nobis est cuius finibus antipodas fabulosa est inhabitare produntur*”¹⁷⁵.

3.4.1. As novas formas de representação iconográfica das *Sortes Apostolorum*

Seguindo este extenso processo de renovação artística, a segunda cópia do *Comentário ao Apocalipse* empreendida por Magius nos desperta particular atenção pela adoção de novas e peculiares formas de representação iconográfica das *Sortes Apostolorum*. Suprimidas pelo protótipo de Escalada, as imagens dos doze Apóstolos voltam a ganhar forma e espaço junto aos novos parâmetros pictóricos estabelecidos pelo códice de Tábara. Entretanto, diferentemente das formas iconográficas anteriormente apresentadas pela tradição dos *Beatos*, o programa iconográfico das *Sortes Apostolorum* apresentado pelos cinco descendentes diretos do *Beato* de Tábara passa a ser construído de forma segmentada, ocupando não uma, mas sim, duas iluminuras distintas. Neste sentido, e tal como demonstra o quadro abaixo, a lógica estrutural destas novas fórmulas iconográficas é de criar uma representação em dois tempos, onde inicialmente se apresenta a imagem dos doze Apóstolos e, logo em seguida, um grande mapa-múndi destinado à visualização de suas respectivas Terras Apostólicas.

	Apóstolos	Mapa-múndi
Girona	ff. 52v-53r	ff. 54v-55r
Turim	ff. 44v-45r	ff. 45v-46r
Rylands	ff. 44v	ff. 43v-44r
Las Huelgas	fol. 31r	ff. 31v-32r
Arroyo	fol. 13r	ff. 13v-14r

Tabela 5 – Relação entre a representação dos Apóstolos e de seus respectivos mapas-múndi nos códices I Ib.

No seio destas novas formas representativas podemos evidenciar a ocorrência de dois modelos iconográficos sensivelmente diferenciados. O primeiro destes, e possivelmente o

¹⁷⁵ Gonzalo Menéndez-Pidal, *op. cit.*, p. 241.

mais próximo das representações originalmente adotadas pelo protótipo de Tábara, foi concebido para ocupar um único fólio, onde os Apóstolos estão dispostos em três níveis sobrepostos, cada qual abrigando a imagem de quatro deles. Desta forma, os Apóstolos são comumente representados de corpo inteiro, descalços, trajando longas túnicas coloridas e segurando um livro em suas mãos. Atualmente, estas singulares fórmulas iconográficas conservam-se unicamente nos *Beatos* de Rylands, Las Huelgas e San Andrés de Arroyo, códices produzidos entre os séculos XII e XIII que apesar de compartilharem uma mesma base formativa, abrigam em seus fólhos evidentes contrastes iconográficos que, uma vez mais, remarcam os tantos particularismos próprios das cópias do *Comentário ao Apocalipse*.



Figura 21 – Representação dos doze Apóstolos nos *Beatos* de Rylands (f. 44v) e Las Huelgas (f. 31r). Extraídas de John Williams, *The illustrated Beatus*, V, 2003.

Por outro lado, raramente se observa a inclusão de alguma espécie de atributo que venha a designar cada um dos Apóstolos. Exceções a esta estrutura somente serão observadas nas representações do Apóstolo Pedro que nos três códices citados é representado com duas grandes chaves douradas em suas mãos. Em Arroyo, Paulo é ainda representado com uma espada em posição de descanso sobre seu ombro direito. Relativamente à utilização de legendas, observamos que somente o *Beato* de Rylands, cópia produzida na região de Burgos por volta do ano 1175, apresenta a inclusão de breves epígrafes que identificam cada um dos

Apóstolos pelo próprio nome. Entretanto, curiosamente Mathias é o único dos doze Apóstolos que não recebe nenhuma espécie de legenda alusiva a seu nome.

Um segundo modelo, que diverge significativamente das representações previamente apresentadas pode ser contemplado nos *Beatos* de Girona e por sua cópia de princípios do século XII¹⁷⁶. Concebido para ocupar um grande frontal em fólio duplo, Apóstolos são dispostos em uma fila contínua que converge para o centro deste bi-fólio. Representados sempre em pé e descalços, os Apóstolos voltam-se uns aos outros como se dialogassem entre si, sendo que alguns deles seguram em suas mãos um pequeno livro. Acima de suas cabeças nimbadadas, apresentam-se duas breves epígrafes que assinalam o nome e a respectiva terra de cada um dos Apóstolos. Neste sentido, seguindo estritamente a ordem descrita pelo *Prologus libri II*, observa-se as imagens dos Apóstolos *Petrus (Roma)*, *Andreas (Acaia)*, *Tomas (India)*, *Iacobus (Spania)*, *Ioannes (Asia)*, *Matheus (Macedonia)*, *Filipus (Gallias)*, *Bartolomeus (Licaonia)*, *Simon Zelotes (Egyptum)*, *Iacobus frt. Dmi. (IHRLM)*, *(Mathias)*, *Paulus (cum ceteris apostolis)*. Assim como observado no caso específico do *Beato* de Rylands, os *Beatos* de Girona e Turim também deixam de apresentar quaisquer referências textuais alusivas ao apóstolo Mathias, que segundo a tradição das *Sortes Apostolorum* teria predicado na região da Judéia. Por fim, verifica-se ainda a inclusão de uma breve inscrição que se estende por ambos os fólhos: “OMNES APOSTOLI SIMUL UNUM PATRIA SORTITI SUNT”.



Figura 22 – Representação dos Apóstolos no *Beato* de Girona. Museu de la Catedral de Girona, num. inv. 7(11), ff. 52v-53. Disponível em <<http://www.moleiro.com/shop/art-shop-images.php?p=953/pt>>. Acesso em: 12 Mar. 2010.

¹⁷⁶ Turim, Biblioteca Nazionale Universitaria, Sgn. I.II.1.

No seio destas novas formas de representação vemos que independentemente dos modelos e das divergências iconográficas apresentadas por cada uma das cópias remanescentes da família IIB, estas iluminuras serão sempre complementadas por um grande mapa-múndi traçado em fólio duplo, destinado fundamentalmente à visualização das Terras Apostólicas. Nas palavras de Ángela Franco, “*la inclusión del mapamundi, ilustración a la que se ha dedicado siempre doble folio, se explica como aclaración de las tierras de que los apóstoles fueron a evangelizar*”¹⁷⁷.

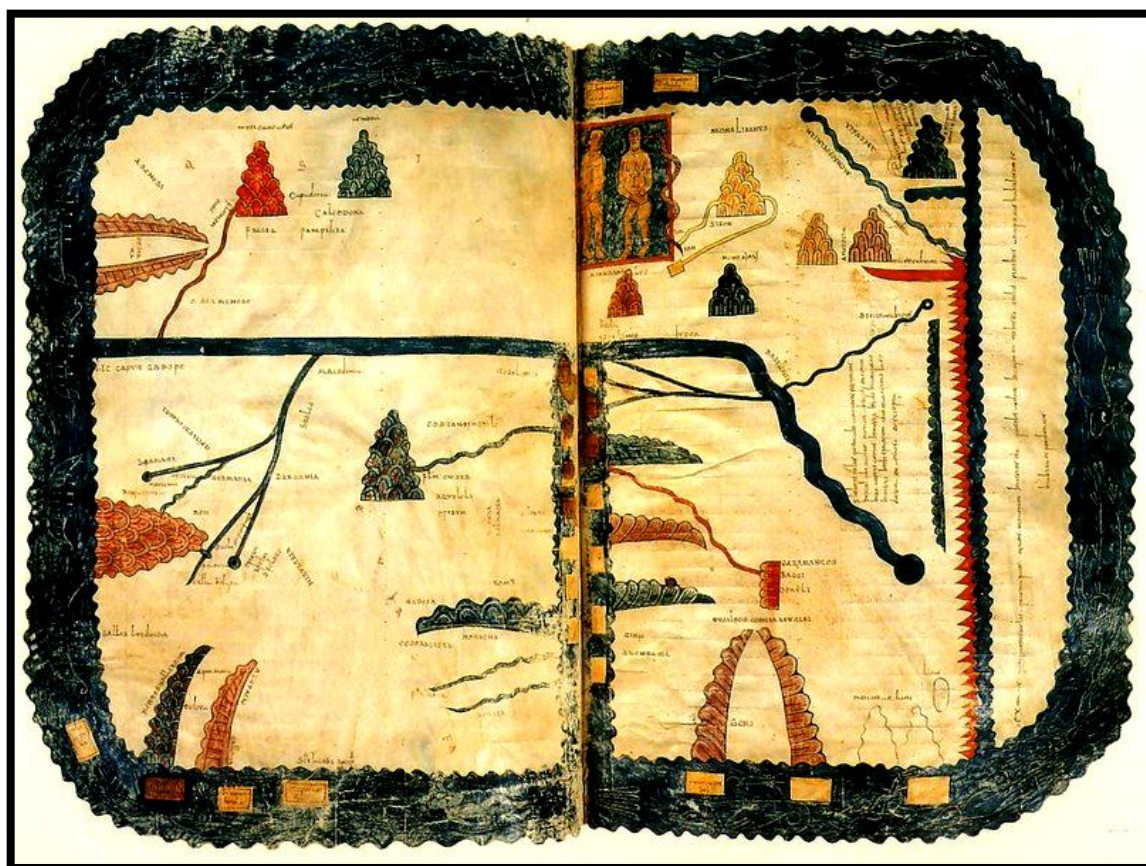


Figura 23 – Mapa-múndi do *Beato* de Girona. Museu de la Catedral de Girona, num. inv. 7(11), ff. 54v.-55. Disponível em <<http://csociales.files.wordpress.com/2008/09/beato-de-girona4.jpg>>. Acesso em: 12 Mar. 2010.

Entretanto, analisando cuidadosamente os testemunhos legados pela família IIB, compreendemos que a concepção de uma ‘imagem em dois tempos’ seria perfeitamente plausível se os respectivos mapas-múndi apresentassem em seus traços a totalidade das Terras Apostólicas, elemento que por algum motivo não chega a ser evidenciado em nenhum dos testemunhos cartográficos descendentes do protótipo de Tábara.

¹⁷⁷ Maria Ángela Franco, *op. cit.*

	Acaya	Asia	Egyptus	Gallias	Gallecia	IHRLM	Iudaea	India	Licaonia	Macedonia	Roma
Girona	-	G	-	G	G	G	G	-	-	G	G
Turim	-	Tu	-	Tu	Tu	Tu	Tu	-	-	Tu	Tu
Rylands	-	R	-	R	R	R	R	-	-	R	R
Las Huelgas	-	H	-	H	H	H	H	-	-	H	H
Arroyo	-	-	-	Ar	Ar	Ar	Ar	Ar ¹⁷⁸	-	Ar	Ar

Tabela 6 – Representação toponímica das *Sortes Apostolorum* nos mapas-múndi da família de Tábara (IIb).

Tal como demonstra o quadro acima, os descendentes diretos do protótipo de Tábara omitem qualquer referência a quatro das onze Terras Apostólicas assinaladas pela tradição textual das *Sortes Apostolorum*, sendo que, em todos estes as legendas relativas à Ásia aparecem única e exclusivamente enquanto a designação do continente asiático e não como uma das terras evangelizadas pelos Apóstolos de Cristo.

¹⁷⁸ No mapa-múndi do *Beato* de San Andrés de Arroyo a Índia aparece deslocada de seu posicionamento original, sendo representada a Sul do Paraíso.

4. Conclusões

Após percorrermos pacientemente o longo e tortuoso caminho que nos guiou do texto ao traçado iconográfico, pudemos finalmente nos aproximar da mais íntima essência de uma das mais instigantes e fascinantes formas cartográficas legadas pela iluminação hispânica medieval. Contemplando suas formas, fomos capazes de adentrar nos domínios atemporais de um mundo plenamente simbólico nascido da intensa necessidade de expressar, para além do texto escrito, a universalidade de uma crença que pelo trabalho missionário de alguns eleitos se estendeu por todos os cantos da Terra. A partir de então passamos a perceber como estas singulares *imagines mundi* foram efetivamente capazes de construir discursos próprios, registrando visões extremamente específicas frente à importância e a ambivalência de espaços sacralizados, despertando em um olhar coevo uma diversidade imensurável de percepções frente a uma realidade transcendental que aguçava profundamente seus sentidos espirituais.

No decorrer de nossas exposições pudemos constatar como o contínuo movimento de disseminação e cópia do *Comentário ao Apocalipse* acabou por suprimir muitas das formas e representações originalmente traçadas em finais do século VIII pelo Beato de Liébana. Como autênticos testemunhos de seu tempo, estas imagens oscilaram constantemente entre antigas tradições e a própria contemporaneidade de seus traços, construindo visões e identidades específicas. Foram estas tantas e tão expressivas especificidades legadas pelas três famílias contempladas que nos ajudaram a compreender os principais processos responsáveis pela constante transmutação das formas e representações assimiladas pelo mundo dos *Beatos*. Sobrepondo-se a meros aspectos de ordem cronológica, as divergências pictóricas que contrastam os modelos próprios de cada uma destas famílias foram responsáveis pelo estabelecimento de profundas modificações representativas que acabaram por estabelecer, em alguns, casos um nítido descompasso entre os textos e suas respectivas imagens.

Em face de tais constatações, resta-nos unicamente a tentativa de compreensão das prováveis causas que motivaram a progressiva desconstrução dos sentidos primários dos mapas-múndi dos *Beatos*. Afinal, por que razão as representações iconográficas das *Sortes Apostolorum* se perdem? A que se devem tais ausências? Estas indagações, que desde o início direcionaram nossos olhares e análises, assinalam a ocorrência de alguns aspectos de suma importância que, a nosso ver, ainda não estão bem esclarecidos. Neste mesmo sentido, Peter

Klein relembra que em vários pontos comprova-se que o conteúdo cartográfico destes mapas-múndi está tão mal entendido quanto à própria finalidade e o contexto desta ilustração¹⁷⁹.

Recorrendo inicialmente a um dos poucos estudos produzidos a este respeito, observamos que a historiografia, por muitas vezes desprezar os métodos, contextos e funcionalidades próprias destas singulares expressões cartográficas, muito pouco foi capaz de explicar acerca da verdadeira essência das modificações empreendidas no cerne do mundo dos *Beatos*. Segundo Gonzalo Menéndez Pidal:

*“La representación geográfica de la tierra comenzó pues siendo en los códices del Comentario un mero instrumento exegético en que se hacía gráfica la ecumenidad de la predicación evangélica, pero según pasó el tiempo se fue olvidando la finalidad primitiva y el mapa fue cobrando sustantividad, hasta llegar a constituir una verdadera síntesis de conocimientos geográficos”*¹⁸⁰.

Entretanto, contrapondo alguns dos argumentos apresentados por Menéndez Pidal, acreditamos que seria um grande equívoco estabelecer um paralelismo direto entre as modificações observadas no seio da tradição cartográfica dos *Beatos* e o progressivo desenvolvimento do conhecimento geográfico. Conjecturar tal possibilidade seria, em nosso entendimento, desconsiderar completamente a essência, os métodos e as reais funcionalidades que estes mapas-múndi assumiam em seus contextos específicos. Contextos que fundamentavam seus traços, que legitimavam seus discursos e que ditavam todos os ‘porquês’ de suas representações. Portanto, ainda seja notória a supressão de algumas das formas primordiais do mundo dos *Beatos*, parece-nos particularmente claro de que a compreensão deste fenômeno específico não passa em hipótese alguma por um processo ‘evolutivo’ em que representações simbólicas e realistas se rivalizam em universos diametralmente opostos.

Neste sentido, compreendemos igualmente que a edificação da referida ‘*síntesis de conocimientos geográficos*’ não implica necessariamente na abdicação de todos seus elementos simbólicos. Como mencionado anteriormente, o gosto enciclopédico da cartografia medieval tornou possível a representação de espaços, conceitos, eventos e personagens reais ou imaginários que coexistiam em um plano perfeitamente lógico e homogêneo. No cerne deste universo alegórico, o espaço era pensado e traçado segundo sua dimensão simbólica fazendo com que a representação de uma cidade, de um deserto ou de um oceano assumisse um significado que não raras transcendia a simples referência física ou geográfica de seus domínios.

¹⁷⁹ Peter K. Klein, *Codex Urgellensis* (ed. facs.). Madrid: Testimonio Compañía Editorial, 2002, p. 68.

¹⁸⁰ Gonzalo Menéndez Pidal, *op. cit.*, p. 150.

Esta diversidade de símbolos e significâncias atribuídos a um mesmo espaço pode ser inicialmente compreendida pela pluralidade de fontes e tradições que convergem sobre os longos traços de um mapa-múndi medieval. Com um olhar voltado para uma realidade plenamente espiritual, estes mapas-múndi, como bem destacou Paulo Roberto Soares, assumem o duplo papel de descrição legítima e legitimadora de uma peculiar imagem do mundo, pois foram construídos com o amparo em autoridades clássicas e eclesiásticas, e com a função de reafirmar os eixos principais desta imagem¹⁸¹. Neste sentido, vemos que as representações do espaço no medievo ocidental estiveram fundamentalmente assentadas em diferentes tradições que conferiam a seus discursos e imagens ampla autoridade. Apesar de apresentarem concepções sensivelmente divergentes entre si, essas tradições dialogam mutuamente concebendo uma visão holística da filosofia, da ciência e da religiosidade de seu próprio tempo.

No caso específico do mundo dos *Beatos* contatamos, sob um ponto de vista mais pragmático, que estas diferentes tradições podem ser assinaladas a partir da análise e do contraste toponímico de cada um de seus mapas-múndi. Assim sendo, recorrendo novamente ao referido estudo empreendido por Hermenegildo García-Aráez¹⁸², assinalam-se a seguintes proporções:

a) Topônimos procedentes da Bíblia.....	84 (30,8%)
b) Topônimos procedentes das obras de Orósio e/ou Isidoro.....	128 (46,9%)
c) Topônimos procedentes das obras de autores clássicos.....	15 (5,5%)
d) Nomenclaturas já utilizadas nos séc. X-XIII.....	29 (10,6%)
e) Nomenclaturas de origem não identificada.....	17 (6,2%)
Total.....	273 (100%)

A partir de tais observações, constata-se que independente dos modelos e das representações apresentadas por cada um destes mapas-múndi eles sempre constituíram verdadeiras sínteses dos conhecimentos de sua época, expressando à sua maneira a perene ambivalência de espaços e representações reais e imaginárias. Portanto, apesar das profundas modificações verificadas em fases mais tardias da tradição cartográfica dos *Beatos*, parece-

¹⁸¹ Paulo R. S. de Deus, *op. cit.*, p.13.

¹⁸² Hermenegildo García-Aráez, *op. cit.*, p. 125.

nos particularmente claro que estes manuscritos nunca assumiram uma essência puramente geográfica, eliminando da totalidade de seus sentidos e representações simbólicas.

A esta altura parece evidente que as respostas para nossas indagações definitivamente não possuem vínculo direto com o contínuo processo de desenvolvimento técnico-científico vivenciado pela cartografia ocidental antes mesmo do alvorecer dos tempos modernos. Portanto, o que teria efetivamente motivado o empreendimento de tais e tão profundas modificações?

A nosso ver a compreensão destas questões encontra-se fundamentalmente vinculada aos modelos pictóricos e cartográficos concebidos por Magius em meados do século X, século que vivenciou o nascimento de novas e renovadas expressões no seio da tradição iconográfica dos *Beatos*. Iluminado quase dois séculos após a primeira edição pictórica dos *Beatos*, o códice de San Miguel de Escalada é o primeiro *Beato* a incorporar as novas representações de uma segunda edição pictórica do *Comentário ao Apocalipse*. Neste sentido, e tal como demonstram os esquemas propostos por Neuss¹⁸³, Klein¹⁸⁴ e Williams¹⁸⁵, esta segunda edição pictórica sinaliza um claro ponto de ruptura frente as tradicionais expressões artístico-literárias do *Comentário ao Apocalipse*. Ainda que textualmente se observe a manutenção de suas principais expressões literárias, as representações iconográficas e, por conseguinte as cartográficas das *Sortes Apostolorum*, variam significativamente consoante aos diferentes modelos adotados por cada uma das cópias.

Neste extenso contexto de infindáveis variantes, compreendemos que expressiva discrepância de suas representações frente aos traçados primordiais dos mapas dos *Beatos* sugere a aproximação destes novos modelos com sistemas mentais e cognitivos sensivelmente diferentes daqueles vivenciados pelo Beato de Liébana em finais do século VIII. Sob o ponto de vista cartográfico, concluimos que as novas formas do mundo dos *Beatos* concebidas e traçadas por Magius no mapa-múndi do *Beato* de Escalada estiveram estritamente vinculadas a alguns dos elementos estruturais da cartografia árabe. Visto por este prisma, acreditamos que a progressiva desconstrução dos sentidos primários do mundo dos *Beatos*, sobretudo a partir da substituição da representação cartográfica dos Apóstolos pela simples referência toponímica das terras evangelizadas, possa ser interpretada como mais uma das tantas incidências da cultura islâmica sobre o solo cristão.

¹⁸³ Cf. anexo 4.

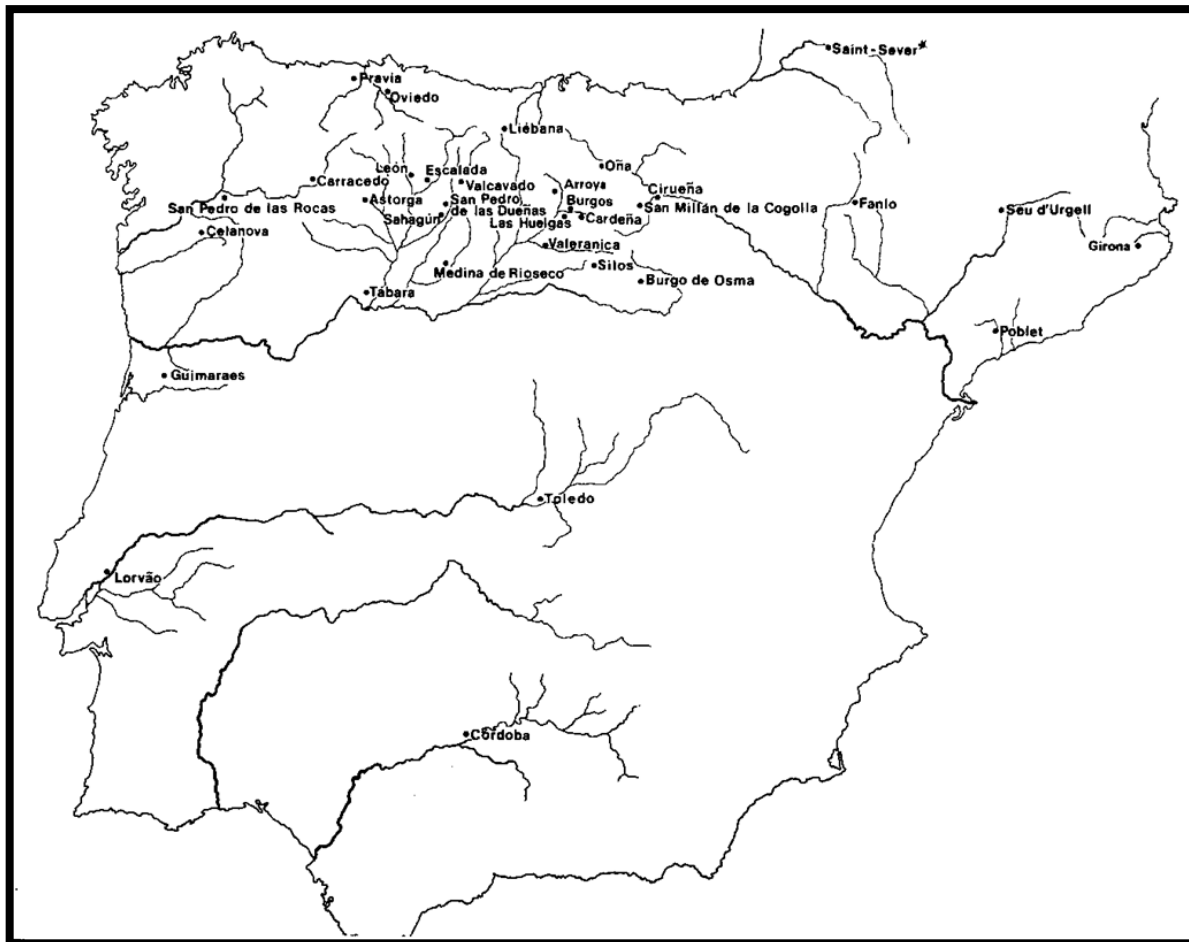
¹⁸⁴ Cf. figura 1.

¹⁸⁵ Cf. figura 20.

Neste sentido, compreende-se finalmente como este constante e contrastante movimento de permanência e transformação fez com que textos e imagens adquirissem temporalidades significativamente diferenciadas, fazendo com que muitas vezes suas expressões iconográficas não mais atendessem as necessidades que emanavam do texto escrito. No âmbito cartográfico, observa-se que a adoção destes novos modelos assinalou o definitivo rompimento destes mapas frente aos sentidos e as funcionalidades primordialmente assumidas pelos primeiros traçados cartográficos dos *Beatos*. Portanto, sem qualquer representação iconográfica dos Apóstolos e não apresentando a totalidade das Terras Apostólicas, podemos concluir que estes mapas-múndi perdem completamente a essência primeira da tradição que os fundamenta.

Ao final de nossas exposições resta-nos unicamente a plena convicção de que ainda há muito para ser dito, investigado e elucidado acerca dos sentidos simbólicos que emanam destas singulares *imagines mundi*. Os apontamentos e constatações assinaladas por esta breve incursão ao mundo dos *Beatos* incidiram em apenas alguns dos tantos elementos que circundam o imensurável universo artístico-literário legado pelas cópias remanescentes *Comentário ao Apocalipse*, fazendo deste universo específico um suntuoso espaço para a apreciação e contemplação da mais sublime essência do imaginário e da espiritualidade medieval.

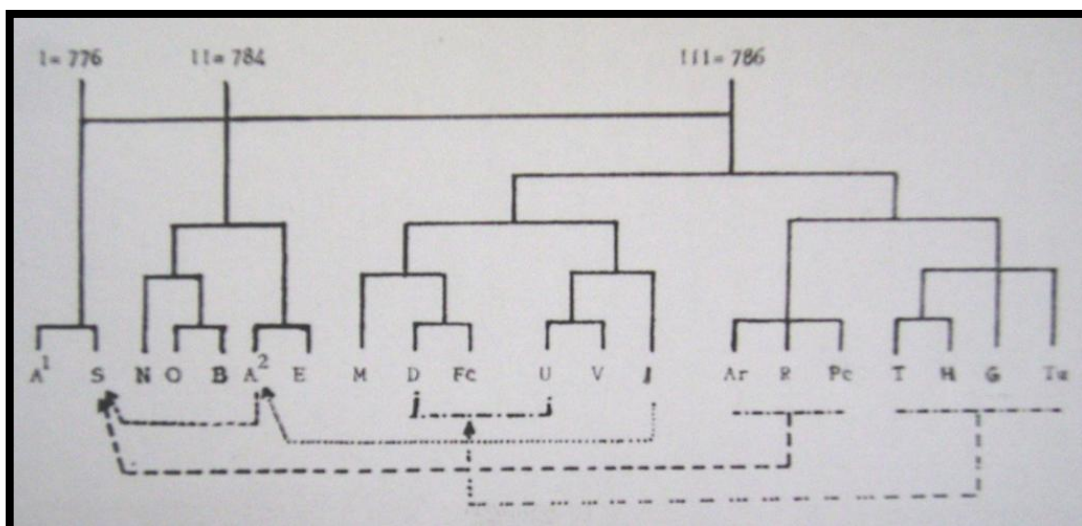
5. Anexos



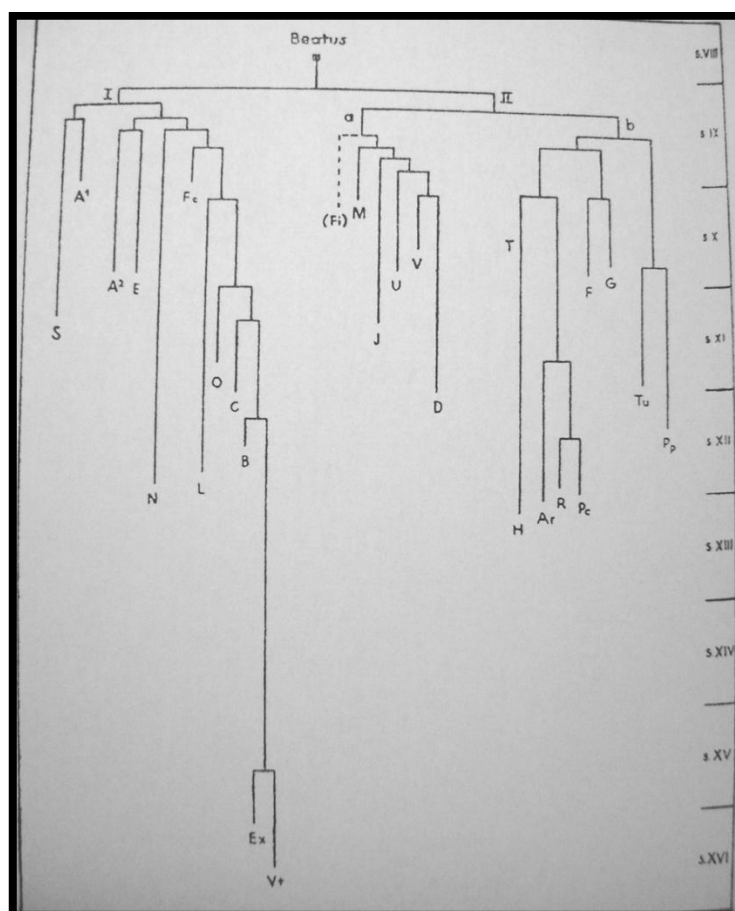
Anexo 1. Locais de produção dos *Beatos* e principais centros culturais.
Extraído e adaptado de John Willians, *The illustrated Beatus*, I, 1994.



Anexo 2. Mosteiro de San Toríbio de Liébana.
Disponível em <<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/91/Santo-Toribio.jpg>>.
Acesso em 25 Set. 2010.



Anexo 3. *Stemma* proposto por Henry Sanders baseado na tradição textual dos *Beatos*. Extraído de Manuel C. Díaz y Díaz, *La tradición del texto de los Comentarios al Apocalipsis*, p. 182.



Anexo 4. *Stemma* proposto por Wilhelm Neuss baseado na tradição textual e pictórica dos *Beatos*. Extraído de Manuel C. Díaz y Díaz, *La tradición del texto de los Comentarios al Apocalipsis*, p. 182.

6. Fontes e referências bibliográficas

6.1. Fontes impressas e edições fac-símiles

Beati in Apocalipsin libri duodecim, Codex Gerundensis (ed. facs.), reimpressão da ed. de Henry Sanders, 2 vols. Madrid: Edilán, 1975.

Beato de Liébana. *Beato de Saint-Server: edición facsímil del códice de la abadía de Saint-Server, conservado en la Biblioteca Nacional de Paris bajo la signatura Ms. lat. 8878*. Madrid: Edilán, 1984.

_____. *Beato de Osma* (ed. facs.), 2 vols. Valencia: Vicent García, 1992.

_____. *Beato de Tábara* (ed. facs.). Valencia: Testimonio, 2003.

_____. *Beato de Turín* (ed. facs.), 2 vols. Madrid: Testimonio, 2000-2002.

_____. *Códice de Fernando I y Doña Sancha* (ed. facs.). Madrid: M. Moleiro, 1994.

_____. *Códice de Girona* (ed. facs.). Madrid: M. Moleiro, 2003.

_____. *Códice de Navarra* (ed. facs.). Madrid, Millenium Liber, 2007.

_____. *Códice del Monasterio Cisterciense de San Andrés del Arroyo* (ed. facs.), 2 vols. Barcelona: M. Moleiro, 1998.

_____. *Códice del Monasterio de San Mamede de Lorvão* (ed. facs.). Valencia: Património, 2003.

_____. *Codex Urgellensis* (ed. facs.). Madrid: Testimonio Compañía Editorial, 2002.

_____. *El Beato de San Miguel de Escalada: manuscrito 644 de la Pierpont Morgan Library de Nueva York* (ed. facs.), Madrid: Casariego, Ediciones de Arte, Facsímiles y Bibliofilia, 1991.

_____. *Miniaturas del Beato de Fernando I y Sancha* (texto y comentarios a las tablas de Umberto Eco). Milano: Franco Maria Ricci, 1983.

_____. *Obras completas y complementarias*. ECHEGARAY, Juan G.; CAMPO, Alberto del; FREEMAN, Leslie J. (ed. bilíngüe latim-espanhol), 2 vols. Madrid: B.A.C., 2004.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1985.

FLÓREZ, Henrici, ed. *Sancti Beati, Presbyteri Hispani Liebanensis, in Apocalypsin, ac plurimas utriusque foederis paginas Commentaria, ex veteribus, nonnullisque desideratis Patribus, mille retro annis collecta. nunc primum edita, opera et studio*

- R.P. Doct. Henrici Florez, etc. Matriti MDCCLXX, apud. Joachim Ibarra, Catholicae Majestatis Typographum.*
- ISIDORI Hispalensis Episcopi. *Etymologiarum Sive Originum Libri XX*. OROZ-RETA, José; CASQUERO, Manuel Antonio (ed. bilíngüe). Madrid: B.A.C., 1993-1994.
- _____. *De ortu et obitu Patrum*. GÓMEZ, César Chaparro (ed. trad.). Paris: Les Belles Lettres, 1985.
- OROSIUS, Paulus. *Adversus Paganos Historiarum libri septem*, 3 vols. ARNAUD-LINET, Marie-Pierre (ed.). Paris: Les Belles Lettres, 1991.
- _____. *Historia contra los paganos*. GALLEGO-BLANCO, Enrique (ed. trad.). Barcelona: Puvill Libros, 1983.
- ROMERO-POSE, Eugenio. *Sancti Beati a Liebana Commentarius in Apocalypsin*, 2 vols. Romae: Typis Officinae Polygraphicae, 1985.
- SANDERS, Henri. *Beati in Apocalypsin libri duodecim*. Roma: Papers and monographs of the American Academy in Rome, 1930.

6.2. Referências bibliográficas

- Actas del Simpósio para el Estudio de los Códices del 'Comentário al Apocalipsis' de Beato de Liébana*, 3 vols. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1978-1980.
- ALBORNOZ, Claudio Sánchez. "El Asturorum regnum em los días de Beato de Liébana". In: *Actas del Simposio para el estudio de los códices del 'Comentario al Apocalipsis' de Beato de Liébana*, vol. 1. Madrid, Joyas bibliograficas, 1978, pp. 19-31.
- AVRIL, François; ANIEL, Jean-Paul; MENTRÉ, Mireille (ed.) *Manuscripts enluminés de la Bibliothèque Nationale: Manuscrits de la Péninsule Ibérique*. Paris: Bibliothèque Nationale, 1982.
- AVRIL, François. "Quelques considérations sur l'exécution matérielle des enluminures de l'Apocalypse de Saint-Server". In: *Actas del Simpósio para el Estudio de los Códices del "Comentário al Apocalipsis" de Beato de Liébana*, vol. 1. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1978, pp. 263-271.
- BARTOLO, Adolfo Balóira. "Doctrina de la dispersión apostólica en *Beato*". In: *Compostellanum*, XXX, n.º. 3-4, (1985), pp. 289-316.

- _____. “La dispersión apostólica en el *Comentario al Apocalipsis* del Beato de Liébana”. In: *XIII Ruta Cicloturística del Románico-internacional conmemorativa del patronazgo del beato Rafael Améz. Pontevedra: Fundación Cultural Rutas del Románico*, (1995), pp. 85-88.
- BLÁZQUEZ, Antonio. “Estudio acerca de la cartografía española en la Edad Media, acompañado de varios mapas”. In: *Boletín de la Real Sociedad Geográfica*, XLVIII, (1906), pp. 190–230.
- _____. “Los manuscritos de los *Comentarios al Apocalipsis* de San Juan por S. Beato de Liébana”. In: *RABM*, IV, (1906), p. 257-273.
- BOLMAN, Elizabeth S. “*De coloribus*: the Meanings of color in *Beatus* manuscripts”. In: *Gesta*, vol. 38, n°. 1, 1999, pp. 22–34.
- CAMPOS, Sergio Álvarez. “Fuentes literarias de Beato de Liébana”. In: *Actas del Simposio para el estudio de los códices del 'Comentario al Apocalipsis' de Beato de Liébana*, vol. 1. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1978, pp. 117–162.
- CAMPUZANO RUIZ, Enrique. *Beato de Liébana y Beatus*. Santander: Consejería de Cultura, Turismo y Deporte, 2006.
- CATALÁN, Diego Catalán; ANDRES, M^a. Soledad de. *Crónica del Moro Rasis, versión del Ajbār mulūk al-Andalus de Ahmad ibn Muhammad ibn musà al-Razi, 889-995; romanizada por el rey Don Dionís de Portugal hacia 1300 por Mohamad Alarife y Gil Pérez, clérigo de Don Perianes Porçel*. Madrid: Gredos-Seminario Menéndez Pidal, 1975.
- CID, Carlos. “Santiago el Mayor en el texto y en las miniaturas de los códices del *Beato*”. In: *Compostellanum*, X, (1965), pp. 231-282.
- DEUS, Paulo Roberto Soares de. *Do Oriente vem o vento que os leva ao Ocidente: Representações literárias e iconográficas do espaço na Baixa Idade Média*. Tese de Mestrado – Instituto de Humanidades, Universidade de Brasília: Brasília, 2000.
- _____. *A Forma do Mundo: O Programa Iconográfico do mapa-múndi de Hereford (Século XIII)*. Tese Doutorado – Instituto de Humanidades, Universidade de Brasília: Brasília, 2005.
- _____. “Usos, Autoria e Processo de Confecção do Mapa-Múndi de Hereford, Século XIII”. In: *Revista de História e Estudos Culturais*, vol. 3, n°. 1, (2006), pp. 1-19.
- DÍAZ Y DÍAZ, Manuel C. *Códices visigóticos en la monarquía leonesa*. León: Centro de Estudios e Investigación San Isidoro, 1983.

- _____. “Estudios sobre la antigua literatura relacionada com Santiago el Mayor”. In: *Compostellanus*, vol. XI, n.º. 4, (1966), pp. 457-502.
- _____. “La tradición del texto de los *Comentarios al Apocalipsis*”. In: *Actas del Simposio para el estudio de los códices del 'Comentario al Apocalipsis' de Beato de Liébana*, vol. 1. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1978, pp. 165-191.
- ECHEGARAY, Joaquín González. “Beato de Liébana y los terrores del año 800”. In: DUARTE, José Ignacio de la Iglesia (coord.), *Milenarismos y milenaristas en la Europa Medieval: IX Semana de Estudios Medievales*. Nájera, 1999, pp. 87-100.
- _____. “Los códices”. In: ECHEGARAY, Juan G.; CAMPO, Alberto del; FREEMAN, Leslie J. (ed. bilíngüe latín-español), *Beato de Liébana: Obras completas y complementarias*. Madrid: B.A.C., 2004, pp. XXV-XXXII.
- ECO, Umberto; VÁZQUEZ DE PARGA, Luis. *Miniaturas del “Beato” de Fernando I y Sancha (Manuscrito B. N. Madrid Vit. 14-2)*. Milan: Franco Maria Ricci Editore, 1983.
- ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Lisboa: Presença, 1989.
- EGRY, Anne de. *Um estudo de “O Apocalipse do Lorvão” e a sua relação com as ilustrações medievais do apocalipse*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972
- EVELYN, Edson. *Mapping time and space: how medieval mapmakers viewed their world*. London: The British Library, 1997.
- FLÓREZ, Henrici (ed). *Viage de Ambrosio de Morales por dorden del rey D. Felipe II a los reinos de León y Galicia y principado de Asturias para reconocer las reliquias de santos, sepulcros reales y libros manuscritos de las catedrales y monasterios*. Madrid: Antonio Martin, 1765.
- FONTAINE, Jacques. *El mozárabe*. Madrid: Encuentro, 1984.
- _____. “Fuentes y tradiciones paleocristianas en el método espiritual de *Beato*”. In: *Actas del Simposio para el estudio de los códices del 'Comentario al Apocalipsis' de Beato de Liébana*, vol. 1. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1978, pp. 77-101.
- _____. *Isidore de Sevilla et la culture classique dans l’Espagne visigothique*. Paris: Études Augustiniennes, 1983.
- _____. *L’art préroman hispanique*. Yonne: Zodiaque, 1973.
- FRANCO, Maria Ángela. “In Spagnia: la diaspora de los apóstoles y relaciones de los *Beatos* con el Islam”. In: *La città e il libro I*, Eventi internazionali alla certosa di Firenze.

- Firenzi, 2001, parte 5, pp. 33-54. artigo disponível em <<http://www.florin.ms/aleph5.html>>.
- FREEMAN, Leslie G. “Elementos simbólicos en la obra de Beato”. In: ECHEGARAY, Juan G.; CAMPO, Alberto del; FREEMAN, Leslie J. (ed. bilingüe latim-espanhol), *Beato de Liébana: Obras completas y complementarias*. Madrid: B.A.C., 2004, pp. XXXIII-LVI.
- FRIEDMAN, John B. “Cultural conflicts in medieval world maps”. In: SCHWARTZ, Stuart B. (ed.), *Implicit Understandings: Observing, Reporting, and Reflecting on the Encounters Between Europeans and Other Peoples in the Early Modern Era*. Cambridge: University Press, 1994, pp. 64-95.
- GARCÍA-ARÁEZ, Hermenegildo. “Acerca del origen del mapamundi de los *Beatos*”. In: *Miscelânea Medieval Murciana*, vol. XXV – XXVI (2001-2002), pp. 39-65.
- _____. “Génesis de los *Beatos*”. In: *Miscelânea Medieval Murciana*, vol. XVII (1992), pp. 173-199.
- _____. *La cartografía medieval y los mapamundis de los Beatos*. Madrid: Edición no venal, 1998.
- _____. *La miniatura en los códices de Beato de Liébana (su tradición pictórica)*. Madrid, 1992, pp. 27-33.
- _____. “Los mapamundis de los *Beatos* (2ª. parte): Nomenclator y conclusiones”. In: *Miscelânea Medieval Murciana*, vol. XIX-XX (1995-1996), pp. 97-128.
- _____. “Los mapamundis de los *Beatos* (Origen y características principales)”. In: *Miscelânea Medieval Murciana*, vol. XVIII (1993-1994), pp. 49-76.
- GARCÍA-LOBO, Vicente. “El *Beato* de San Miguel de Escalada”. In: *Archivos leoneses*, XXXIII, 1979, pp. 205-270.
- GARCÍA-VILLOSLADA, Ricardo (dir.). *Historia de la Iglesia en España*. Madrid: B.A.C., 1979-1982.
- GIL, J. “Los terrores del año 800”. In: *Actas del Simpósio para el estudio de los códices del ‘Comentário al Apocalipsis’ de Beato de Liébana*, vol. 1. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1978, pp. 215-247.
- GÓMEZ-MORENO, Manuel. *Iglesias mozárabes: arte español de los siglos IX à XI*. Madrid: Centro de estudios históricos, 1919.
- GUREVITCH, Aaron. *As Categorias da Cultura Medieval*. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

- HARLEY, J.B.; WOODWARD, David (ed.). *The History of Cartography: cartography in prehistoric, ancient, and medieval Europe and the Mediterranean*, vol. 1. Chicago/London: University of Chicago press, 1987.
- _____. (ed.). *The History of Cartography: cartography in the traditional Islamic and south Asian societies*, vol. 2, livro 1. Chicago/London: The University of Chicago press, 1992.
- HARVEY, P. D. A. *Mappa mundi: The Hereford World Map*. Hereford/London: Hereford Cathedral & British Library, 1996.
- _____. *Medieval Maps*. University Of Toronto Press, Toronto: 1991.
- _____. *The History of Topographical Maps: Symbols, pictures and surveys*. London: Thames and Hudson, 1980.
- KLEIN, Peter K. *Beato de Liébana: la ilustración de los manuscritos de Beato y el Apocalipsis de Lorrain*, trad. Beatriz Mariño. Valencia: Patrimonio Ediciones, 2004.
- _____. "Introduction: The Apocalypse in Medieval Art". In: EMMERSON, Richard K.; MCGINN, Bernard (ed.), *The Apocalypse in the Middle Ages*. Ithaca: Cornell University Press, 1992, pp. 159-199
- _____. "La tradición pictórica de los Beatos". In: *Actas del Simpósio para el Estudio de los Códices del "Comentário al Apocalipsis" de Beato de Liébana*, vol. 2. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1980, pp. 83-106.
- KLINE, Naomi. *Maps of Medieval Thought: The Hereford Paradigm*. Suffolk: Boydell Press, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.
- _____. *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Estampa, 1983.
- MACEDO, Francisco Pato de. *O Apocalipse de Lorrain e os "Beatos" peninsulares: Relatório para uma aula teórico-prática*. Coimbra, 1988.
- MÁLE, Emile. *The gothic image: religious art in France of thirteen century*. New York: Harper & Brothers Publishers, 1958.
- MENÉNDEZ-PIDAL, Gonzalo. "Mozárabes y asturianos en la cultura de la Alta Edad Media (en relación especial con la Historia de los conocimientos geográficos)". In: *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 134 (1954), pp. 137-291.
- _____. *Hacia una nueva imagen del mundo*. Madrid: Real Academia de la Historia, 2003.

- MENÉNDEZ Y PELAYO, Marcelino. “Historia de los heterodoxos españoles”. In: REYES, Enrique Sánchez (ed.). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1963.
- MENTRÉ, Mireille. *La peinture mozárabe*. Paris: Presses universitaires de Paris Sorbonne, 1984.
- MORALEJO, Serafín. “El mapa de la diáspora en San Pedro de Rocas: Notas para su interpretación y filiación en la tradición cartográfica de los Beatos”. In: *Compostellanum*, XXXI, (1986), pp. 315-347.
- _____. “El mundo y al tiempo en el mapa del Beato de Osma”. In: *El Beato de Osma: estudios*. Valencia: Vicent García Ed., 1992, pp. 151-179.
- MUNDÓ, Anscari; MARIANA, Manuel Sánchez. *Catalogación en la obra “Los Beatos”*. Biblioteca Nacional de Madrid, 1986.
- MUNDÓ, Anscari. “Sobre los códices de Beato”. In: *Actas del Simposio para el estudio de los códices del 'Comentario al Apocalipsis' de Beato de Liébana*, vol. 1. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1978, pp. 109-116.
- NEUSS, Wilhelm. *Die Apokalypse des hl. Johannes in der altspanischen und altchristlichen Bibel-Illustration*. Münster in Westfalen, Aschendorffschen Verlagsbuchhandlung, 1931.
- _____. *O Comentário ao Apocalipse de Lorrão e suas iluminuras*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1929.
- PEIXEIRO, Horácio Augusto. *Um olhar sobre a iluminura do Apocalipse do Lorrão*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar, Escola Superior de Tecnologia e Artes Gráficas, 1998.
- PÉREZ, Joseph. *Historia del Real Monasterio de Sahagún*. Valladolid: Maxtor, 2009.
- PUENTE, Ricardo. *La iglesia mozárabe de San Miguel de Escalada*. León: Editorial Albanega, 2009.
- RANGLES, W.G.L. *Da Terra Plana ao Globo Terrestre: Uma mutação epistemológica rápida (1480 – 1520)*. Campinas: Papirus, 1994.
- REES, Ronald. “Historical Links between Cartography and Art”. In: *Geographical Review*, vol. 70, N° 1, (1980), pp. 61-78.
- RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. “A Geografia da Salvação: itinerários do conflito e do perdão”. In: *Anais do Simpósio Regional da Associação Nacional dos Professores Universitários de História*. Rio de Janeiro, 2004.

- _____. “O Sentido da História: Tempo e espaço na cartografia medieval (séculos XII-XIII)”. In: *Tempo/Universidade Federal Fluminense*, vol. 7, nº14, (Jan. 2003). Rio de Janeiro: 7 letras, 2003.
- RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papirus Editora, 1994.
- ROBLES, Federico Sainz de. *Elipando y San Beato de Liébana Siglo VIII*. Madrid: Ed. M. Aguilar, 1934
- ROMANO, Ruggiero (dir.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- ROMERO-POSE, Eugenio. “El Comentario del Apocalipsis de Beato de Liébana y la cuestión jacobea”. In: *Compostellanum*, XL, nº. 3-4, (1995), pp. 393-400.
- _____. “Los Comentarios al Apocalipsis de Beato”. In: *Estudios del Beato de Burgo de Osma*. Valencia: Vicent García, 1992, pp. 59-109.
- RUIZ, Elisa. *Manual de Codicología*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruiperez, 1988.
- SÁENZ-LÓPEZ, Sandra. *Imagen y conocimiento del mundo en la Edad Media a través de la cartografía hispana*, 2 vols. *Tesis doctoral*, Universidad Complutense de Madrid, 2007.
- _____. “La Reconquista cartográfica: el Islam peninsular en la cartografía medieval hispana”. In: *Treballs de la Societat Catalana de Geografia*, vols. 61-62, (2006), p. 279-301.
- _____. “Sobre el origen astorgano del Beato Navarro: una rueda de molino para la imagen astorga de su mappamundi”. In: *Actas del Congreso Internacional de Molinología*. Madrid: [s.d], pp. 171-182.
- SANZ, Felipe Hernando. “La cartografía precientífica altomedieval: Los mapas de T en O”. In: DOMINGO, Mariano C.; CARRASCOSA, Alfredo S. (coord. e ed.), *Cartografía Medieval Hispánica: Imagen de un mundo en construcción*. Madrid: RSG e RLNE, 2009, pp. 61-90.
- SHAILOR, Barbara A. “El Beato de Burgo de Osma: estudio paleográfico y codicológico”. In: *El Beato de Osma: estudios*. Valencia: Vicent García Ed., 1992, pp. 35-57.
- SIEW, Tsafrá. *Representations of Jerusalem in Christian-european maps from the 6th to the 16th centuries: a comparative tool for reading the message of a map in its cultural context*. Jerusalem: The University of Jerusalem, [19--?].

- STEINHAUSER, Kenneth B. "Narrative and Illumination in the *Beatus Apocalypse*". In: *The Catholic Historical Review*, vol. 81, n°. 2 (April 1995), pp. 185-210. Washington: Catholic University of America Press.
- _____. "The *Apocalypse Commentary* of Tyconius: A History of Its Reception and Influence". In: *European University Studies*, Series 23 Theology, vol. 301. Frankfurt: Verlag Peter Lang, 1987.
- STIERLIN, Henri. *Le livre de feu: l'Apocalypse et l'art mozarabe*. Genève: Sigma, 1978.
- VÁZQUEZ DE PARGA, Luis. "Beato y el ambiente cultural de su época". In: *Actas del Simposio para el estudio de los códices del 'Comentario al Apocalipsis' de Beato de Liébana*, vol. 1. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1978, pp. 35-45.
- _____. "Un mapa desconocido de la serie de los *Beatos*". In: *Actas del Simposio para el estudio de los códices del 'Comentario al Apocalipsis' de Beato de Liébana*, vol. 1. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1978, pp. 273-278.
- VERÁSTEGUI, Soledad de Silva y, "El más antiguo fragmento ilustrado de Beato y los *Beatos* del siglo X". Artículo disponible en: <<http://www.artehistoria.jcyl.es/artesp/contextos/7078.htm>>.
- WERCKMEISTER, O.K. "The Islamic Rider in the *Beatus* of Girona". In: *Gesta*, vol. 36, N°. 2, Visual Culture of Medieval Iberia (1997), pp. 101-106.
- WILLIAMS, John. "Cluny and Spain". In: *Gesta*, vol. 27, n°. 1-2, Current Studies on Cluny (1988), pp. 93-101.
- _____. "Commentary on the *Apocalypse* by Beatus and *Commentary on Daniel* by Jerome". In: *The Art of Medieval Spain, A.D. 500–1200*. New York: Harry N. Abrams Inc, (1993), pp.155-157.
- _____. "Isidore, Orosius and the *Beatus* Map". In: *Imago Mundi: The international journal for the History of cartography*, vol. 49, tomo 1, (1997), pp. 7-32.
- _____. "Purpose and imagery in the *Apocalypse Commentary* of Beatus of Liébana". In: EMMERSON, Richard K.; MCGINN, Bernard (ed.). *The Apocalypse in the Middle Ages*. Ithaca: Cornell University Press, 1992, pp. 217-233.
- _____. "San Isidoro in León: Evidence for a New History". In: *The Art Bulletin*, vol. 55, n°. 2 (1973), pp. 171-184.
- _____. "The *Beatus* Commentaries and Spanish bible illustration". In: *Actas del Simpósio para el Estudio de los Códices del "Comentário al Apocalipsis" de Beato de Liébana*, vol. 2. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1980, pp. 203-219.

- _____. *The Illustrated Beatus: a corpus of illustrations of the Commentary on the Apocalypse*, 5 vols. London: Harvey Miller Publishers, 1994-2003.
- WIXOM, William; LAWSON, Margaret. "Picturing the *Apocalypse*: illustrated leaves from a medieval spanish manuscript". In: *The Metropolitan Museum of Art Bulletin*, vol. 59, nº. 3, (Winter, 2002), pp. 1-56.
- WOODWARD, David. "Reality, Symbolism, Time, and Space in Medieval World Maps". In: *Annals of the Association of American Geographers*, vol. 75, nº. 4 (Dec., 1985), pp. 510-521.
- YARZA-LUACES, Joaquín. *Beato de Liébana: Manuscritos iluminados*. Barcelona: Moleiro Editor, 1998.